OBRAS
DE
LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

SEGUNDA EDIÇÃO,

Da que, na Officina Luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780.

TOMO I. PARTE II.

LISBOA.

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. LXXXII.

Com licença da Real Meza Censoria.

ADVERTENCIA DO EDITOR.

ATtendendo ao inconveniente de ficar este primeiro tomo deformemente volumoso, se fez necessario, para melhor commodo dos Estudiosos, dividi-lo em primeira, e segunda parte; ficando com tudo ao arbitrio, parecer, e gosto dos mesmos o encadernarem-se huma, e outra juntas, ou separadas.

AR-

ARGUMENTO
DO CANTO SEXTO.

SAhe Vaſco da Gama de Melinde, e em quanto navega proſperamente, deſce Baccho ao mar: deſcripçaõ do Palacio de Neptuno: convoca o meſmo Baccho os Deoſes maritimos, e lhes perſuade deſtruaõ aos navegantes: em quanto iſto ſe paſſa, refere Velloſo, por entreter aos ſeus companheiros, a hiſtoria dos doze de Inglaterra: levanta-ſe horroroſa tormenta: he aplacada por Venus, e pelas Nymphas: com bonança chegaõ finalmente a Calecut, ultimo, e deſejado termo deſta navegaçaõ.

Outro argumento.

Parte-ſe de Melinde o Illuſtre Gama,
Com Pilotos da terra, e mantimento:
Deſce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoſes do humido elemento:
Conta Velloſo, aos ſeus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto deſejada.

LUSIADA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

CANTO SEXTO.

I.

NAõ sabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes taõ possan-
Peza-lhe que taõ longe o aposentasse (tes;
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que naõ o fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio caminho.

II.

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia a Antonio alegra, e engana:
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III.

Mas vendo o Capitam, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os Pilotos da terra, e o mantimento;
Naõ se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagaõ benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IIII.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu Reino, e Estado:
E que em quanto ao seu corpo o esprito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e Reino totalmente,
Por taõ bom Rei, por taõ sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitaõ, e logo as vélas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No Piloto que leva, naõ havia
Falsidade; mas antes vai mostrando
A navegaçaõ certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

'As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente
As venturas que entaõ se apparelhavam
A' gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Naõ o póde estorvar, que destinado
Está de outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce, em fim, desesperado;
Novo remedio em terra busca, e toma:
Entra no humido Reino, e vai-se á Corte
D'aquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e morão as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás Cidades
Que habitam estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas alli de prata fina:
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystalina.
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro, e radiante.

X.

As portas de ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estaõ lavradas;
Na qual do irado Baccho a vista pace.
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a taõ confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha:
De aqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo apoz elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar; e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no Mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes, revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
A's alimarias nella produzidas.
A clara fórma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co' os Gigantes:
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes.
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIIII.

Pouca tardança faz Lyeo irado,
Na vista destas cousas; mas entrando
Nos Paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua o estava ja aguardando:
A's portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que se estaõ maravilhando
De ver que cometendo tal caminho
Entre no Reino da agua o Rei do vinho.

XV.

O' Neptuno, lhe disse, naõ te espantes
De a Baccho nos teus Reinos receberes;
Porque tambem co' os grandes, e possantes,
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-m'o mais quizeres:
Veraõ da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritaõ, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda.
Tritaõ, que de ser filho se gloria
Do Rei, e da Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro, e fèo,
Trombeta de seu pai, e seu corrêo.

XVII.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Hũus limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conhecèram.
Nas pontas pendurados naõ fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram:
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nú, e os membros genitais,
Por naõ ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar, todos cobertos cento, e cento.
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras, e breguigões de musgo sujos,
A's costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na máo a grande concha retorcida
Que trazia, com força já rocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses, para os Paços caminhava,
Do deos que fez os muros de Dardania
Destruidos despois da Grega insania.

XX.

XX.

Vinha o Padre Occeano acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerára;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de Nymphas povoára:
O Propheta Protheo deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amára,
Alli veio tambem, mas já sabia
O que o Padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo, e Vesta filha;
Grave, e léda no gesto, e taõ formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se:
Que tanto bem naõ he para esconder-se.

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores;
Neste caso naõ quiz que fallecesse;
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Co' os olhos, que de tudo saõ senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão: igual partido;
Pois ambas saõ esposas de hum marido.

XXIII.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No número dos deoses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela arêa
No colo o toma a bella Panopéa.

XXIIII.

E o deos que foi hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa;
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circe tinha usado co' a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre, e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal:
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co' o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXXII.

E naõ confinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do Ceo desci;
Nem da mágoa da injúria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no Mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo Mundo,
Famas móres que nunca, determinam
De dar á estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses, que a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razaõ valer devia.

XXXIIII.

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver se o preço que no Ceo perdi,
Por ventura acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer, e naõ passou de aqui,
Porque as lagrimas já correndo á pares
Lhe saltáram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades da agua em fogo.

XXXV.

A ira com que subito alterado
O coraçaõ dos deoses foi n'hum ponto,
Naõ soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilaçaõ, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que naõ haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Protheo
Dizer neste negocio o que sentia;
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia.
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou:
Neptuno sabe bem o que mandou.

XXXVII.

Já lá o soberbo Hypotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Baróes audaces, e animosos.
Subito o Ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto eſte concelho ſe fazia
No fundo aquoſo, a léda laſſa frota,
Com vento ſocegado proſeguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Hemiſpherio eſtá remota;
Os do quarto da prima ſe deitavam,
Para o ſegundo os outros deſpertavam.

XXXIX.

Vencidos vem do ſomno, e mal deſpertos
Bocejando a miude ſe encoſtavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que aſſopravam.
Os olhos contra ſeu querer abertos,
Mas eſtregando os membros eſtiravam:
Remedios contra o ſomno buſcar querem;
Hiſtorias contam, caſos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Eſte tempo paſſar, que he taõ pezado,
Senaõ com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o ſomno carregado?
Reſponde Leonardo, que trazia
Penſamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Para paſſar o tempo, que de amores?

XLI.

Naõ he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Naõ soffre amores, nem delicadeza.
Antes de guerra fervida, e robusta,
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprehendam
De contar cousa fabulosa, ou nova.
E porque os q̃ me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do Reino a rédea leve
Joaõ, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado, e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erynnis dura, e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIIII.

Entre as damas gentís da Corte Inglesa,
E nobres Cortezãos, acaso hum dia
Se levantou discordia em ira accesa,
Ou foi opiniaõ, ou foi porfia.
Os Cortezãos, a quem taõ pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem: Que provarãõ, que honras, e famas,
Em taes damas naõ ha para ser damas.

XLV.

E que se houver alguem com lança, e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe daraõ fêa infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes, convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas como fossem grandes, e possantes,
No Reino os inimigos, naõ se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos d'alabastro,
Se vaõ todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era eſte Inglez potente, e militára
Co' os Portuguezes já contra Caſtella;
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna eſtrella:
Naõ menos neſta terra exprimantára
Namorados affectos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Eſte que ſoccorrer lhes naõ queria,
Por naõ cauſar diſcordias inteſtinas,
Lhes diz: Quando o direito pertendia
Do Reino lá das terras Iberinas,
Nos Luſitanos vi tanta ouſadia,
Tanto primor, e partes taõ divinas,
Que elles ſós poderiam, ſenaõ érro,
Suſtentar voſſa parte a fogo, e ferro.

XLIX.

E ſe, aggravadas damas, ſois ſervidas,
Por vós lhes mandarei Embaixadores,
Que por cartas diſcretas, e polidas,
De voſſo aggravo os façam ſabedores.
Tambem por voſſa parte encarecidas.
Com palavras de affagos, e de amores,
Lhes ſejam voſſas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis ſoccorro, e forte eſteio.

L.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhes nomêa doze fortes:
E porque cada dama hum tenha serto,
Lhes manda que sobre elles lancem sortes:
Que ellas só doze saõ: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada hũa escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a Corte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas naõ lho soffre a Régia Magestade.
Qualquer dos Cortezãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade;
E só fica por bemaventurado,
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal Cidade donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas d'uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII.

Já do ſeu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que eſcolhidos por ſentença
Foram do Duque Inglez exprimentado.
Naõ ha na companhia differença
De Cavalleiro deſtro, ou esforçado;
Mas hum ſó, que Magriço ſe dizia,
Deſta arte falla á forte companhia:

LIIII.

Fortiſſimos conſocios, eu deſejo
Ha muito já de andar terras eſtranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Várias gentes, e leis, e várias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do Mundo as couſas ſaõ tamanhas)
Quero, ſe me deixais, ir ſó por terra,
Porque eu ſerei comvoſco em Inglaterra.

LV.

E quando caſo for, que eu impedido
Por quem das couſas he ultima linha,
Naõ for comvoſco ao prazo inſtituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que lhe he devido;
Mas ſe a verdade o eſprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou ſua inveja,
Naõ faraõ que eu comvoſco lá naõ ſeja.

LVI.

Assi diz; e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim, se parte:
Passa Leaõ, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhára o patrio Marte:
Navarra, coˆ os altissimos perigos
Do Perynêo, que Hespanha, e Gallia parte;
Vistas, em fim, de França as cousas grandes,
No grande Emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias,
Mas dos onze a illustrissima companha,
Corta do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque saõ com festa agasalhados,
E das damas servidos, e animados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assignalado
D'entrar em campo já coˆ os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se de elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de cores, e de sedas
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fora em forte dado
Magriço, que naõ vinha, com trifteza
Se vefte, por naõ ter quem nomeado
Seja feu Cavalleiro nefta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio affi na Corte Ingleza;
Que as damas vencedoras fe conheçam
Poftoque dous e tres dos feus falleçam.

LX.

Já n'hum fublime e público theatro
Se affenta o Rei Inglez com toda a Corte:
Eftavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em forte.
Naõ faõ viftos do Sol, do Tejo ao Batro,
De força, esforço, e de animo mais forte,
Outros doze fahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Maftigam os cavallos, efcumando,
Os aureos freos com feroz fembrante:
Eftava o Sol nas armas rutilando
Como em cryftal, ou rigido diamante.
Mas enxerga-fe n'hum e n'outro bando,
Partido defigual, e diffonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-fe geralmente.

LXII.

LXII.

Víram todos o rosto adonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum Cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem naõ falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta, mais que virtude ama.
Já daõ signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflama:
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIIII.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coraçaõ no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo vôa, que naõ dece;
Qual co' o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algum de alli tomou perpétuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres, já fóra vaõ do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas, e affamadas,
Co' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus Paços com festas, e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia;
Que querem dár aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e chara terra.

LXVIII.

LXVIII.

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes:
E como quem naõ era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Já teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
Co' hũ Germano enganoso, que com manha
Naõ devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Veloso, já a companha
Lhe pede, que naõ faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o Mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acorda despertando
Os marinheiros d'hũa e d'outra banda.
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda.
A'lerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

LXXI.

Naõ eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e ſubita procella:
Amaina, diſſe o Meſtre a grandes brados,
Amaina, diſſe, amaina a grande vella.
Naõ eſperam os ventos indignados
Que amainaſſem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, co' hum ruido
Que o Mundo pareceo ſer deſtruido.

LXXII.

O Ceo fere com gritos niſto a gente,
Com ſubito temor, e deſacordo,
Que no romper da véla, a nao pendente
Toma grão ſomma de agua pelo bordo.
Alija, diſſe o Meſtre, rijamente:
Alija tudo ao mar, naõ falte acordo:
Vaõ outros dar á bomba, naõ ceſſando:
A' bomba, que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os ſoldados animoſos
A dar á bomba, e tanto que chegáram,
Os balanços que os mares temeroſos
Deram á nao, n'hum bordo os derribáram:
Tres marinheiros duros, e forçoſos,
A manear o leme naõ baſtáram;
Talhas lhe punham d'huma, e outra parte,
Sem aproveitar do homées força, e arte.

LXXIIII.

Os ventos eram taes, que naõ puderam
Moſtrar mais força de impeto cruel,
Se para derribar entaõ vieram
A fortiſſima torre de Babel:
Nos altiſſimos mares, que creſcêram,
A pequena grandura de hum batel
Moſtra a poſſante nao, que move eſpanto,
Vendo que ſe ſoſtem nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o maſtro pelo meio:
Quaſi toda alagada a gente chama
A' quelle que a ſalvar o Mundo veio.
Naõ menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nao de Coelho, com receio,
Com quanto teve o Meſtre tanto tento,
Que primeiro amainou, que déſſe o vento.

LXXVI.

Agora ſobre as nuvẽes os ſubiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que deſciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Auſtro, Boreas, A'quilo queriam
Arruinar a máchina do Mundo:
A noite negra, e fêa, ſe allumia
Co' os raios em que o Polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantáram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causáram.
Os delphijs namorados entretanto,
Lá nas covas maritimas se entráram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca taõ vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O grão Ferreiro sórdido que obrou
Do enteado as armas radiantes.
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao Mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós vivêram
Os dous; que em gente as pedras convertêram.

LXXIX.

Quantos montes entaõ que derribáram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancâram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes naõ cuidáram
Que nunca para o Ceo fossem viradas;
Nem as fundas arêas que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que taõ perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia;
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil póde, desta sorte:

LXXXI.

Divina Guarda, Angelica, Celeste,
Que os Ceos, o mar, e a terra senhorêas;
Tu, que a todo Israel refugio déste,
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das Syrtes arenosas, e ondas fêas,
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado, e vacuo Mundo:

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
De outro Scylla e Charybdis já passados,
Outras Syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho naõ te offende,
Mas antes teu serviço só pertende?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas,
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIIII.

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos naõ cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o Ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro, no Horizonte
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com léda fronte:
A deosa, que nos Ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, e a chara armada víra,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI.

Eſtas obras, de Baccho ſaõ por certo,
Diſſe; mas naõ ſerá que avante leve
Taõ damnada tençaõ, que deſcoberto
Me ſerá ſempre o mal a que ſe atreve.
Iſto dizendo, deſce ao mar aberto,
No caminho gaſtando eſpaço breve;
Em quanto manda ás Nymphas amoroſas
Grinaldas nas cabeças pôr de roſas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de várias cores,
Sobre cabellos louros á porfia.
Quem naõ dirá que naſcem roxas flores,
Sobre ouro natural que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojoſa companhia,
Moſtrando-lhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais formoſas vinham que as eſtrellas.

LXXXVIII.

Aſſi foi, porque tanto que chegáram
A' viſta dellas, logo lhes fallecem
As forças com que d'antes pelejáram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés, e mãos parece que lhe atáram
Os cabellos que os raios eſcurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Aſſi diſſe a belliſſima Orithyia:

LXXXIX.

Naõ crêas, fero Boreas que, te crêo,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arrêo,
E naõ convém furor a firme amante:
Se já naõ pões a tanta insania frêo,
Naõ esperes de mi, dàqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatéa
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vê-la se recréa,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Naõ sabe o bravo, tanto bem se o crêa,
Que o coraçaõ no peito lhe naõ cabe:
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores:
Ella lhes prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhes serem leaes esta viagem.

XCII.

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando ſoa,
Quando da celſa gavea os marinheiros
Enxergáram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Diſſe alegre o Piloto Melindano:
Terra he de Calecut, ſe naõ me engano.

XCIII.

Eſta he por certo a terra que buſcais
Da verdadeira India, que apparece;
E ſe do Mundo mais naõ deſejais,
Voſſo trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui naõ pode o Gama mais,
De lédo em ver que a terra ſe conhece:
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIIII.

As graças a Deos dava, e razaõ tinha;
Que naõ ſómente a terra lhe moſtrava,
Que com tanto temor buſcando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-ſe livrado taõ aſinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, férvido, e medonho,
Como quem deſpertou d'horrendo ſonho.

XCV.

Por meio deſtes horridos perigos,
Deſtes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que ſaõ de fama amigos,
As honras immortaes, e graos maiores.
Naõ encoſtados ſempre nos antigos
Troncos nobres de ſeus Anteceſſores;
Naõ nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moſcovia Zebellinos.

XCVI.

Naõ co' os manjares novos, e exquiſitos;
Naõ co' os paſſèos molles, e ocioſos;
Naõ co' os varios deleites, e infinitos,
Que affeminam os peitos generoſos:
Naõ co' os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem ſempre taõ mimoſos,
Que naõ ſoffre a nenhum, que o paſſo mude
Para algũa obra heroica de virtude:

XCVII.

Mas com buſcar co' o ſeu forçoſo braço
As honras, que elle chame proprias ſuas;
Vigiando, e veſtindo o forjado aço,
Soffrendo tempeſtades, e ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e Regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado co' hum arduo ſoffrimento.

XCVIII.

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, lédo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e naõ virtude justa, e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e naõ de affectos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e naõ rogando.

Fim do Canto sexto.

ARGUMENTO
DO CANTO SEPTIMO.

POr occasiaõ deste famoso descobrimento da India se faz huma notavel, e poetica exhortaçaõ aos Principes Christaõs, acordando-lhes semelhantes emprezas: descripçaõ do Reino do Malabar, em que jaz o Imperio de Calecut, em cujo porto a Armada dá fundo: recebe o Imperador, ou Samori ao Gama com honradas demonstrações: apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos naturaes da terra: vai o Catual, ou Governador de Calecut ver a Armada.

Outro argumento.

Dá fundo a frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao Rei potente;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori sua embaixada;
E recebido bem da Indica gente,
Co' o Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.

LU-

LUSIADA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

CANTO SEPTIMO.

I.

JA' se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Qu'entre as corrẽtes Indicas se encerra,
E o Ganges, q̃ no Ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

II.

A vós, ó geraçaõ de Luso, digo,
Que taõ pequena parte sois no Mundo;
Naõ digo inda no Mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o Ceo rotundo:
Vós, a quem naõ sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia;

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso naõ pezais;
Vós, que á custa de vossas várias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas saõ as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IIII.

Vedes os Alemáes, soberbo gado,
Que por taõ largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro, rebellado,
Novo Pastor e nova seita inventa:
Vêde-lo em fêas guerras occupado,
Que inda co' o cego error se naõ contenta;
Naõ contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V.

V.

Vedes o duro Inglez, que se nomêa
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorêa:
Quem vio honra taõ longe da verdade?
Entre as Boreaes neves se recrêa,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Naõ por tomar a terra que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A Cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle naõ guarda a sancta Lei
Da Cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Naõ para defendê-lo, nem guardá-lo,
Mas para ser contra elle, e derribá-lo.

VII.

Achas que tées direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu taõ largo, e tanto;
E naõ contra o Cyniphio, e Nilo, rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se haõ de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis o nome, e a terra,
Herdaste, e as causas naõ da justa guerra?

VIII.

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no Mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo.
Comtigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

Oh miseros Christãos! Pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũus aos outros se daõ a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Naõ vedes a divina Sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vedes que tem por uso, e por decreto,
Do qual saõ taõ inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto,
Contra os povos que saõ de Christo amantes?
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles, e vós sois vossos inimigos.

XI.

XI.

Se cobiça de grandes ſenhorios
Vos faz ir conquiſtar terras alhêas;
Naõ vedes que Pactolo, e Hermo, rios,
Ambos volvem auriferas arêas?
Em Lydia, Aſſyria lavram d'ouro os fios;
Africa eſconde em ſi luzentes vêas:
Mova-vos já ſequer riqueza tanta,
Pois mover-vos naõ póde a Caſa ſanta.

XII.

Aquellas invenções feras, e novas,
De inſtrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás ſylveſtres covas
Dos Caſpios montes, e da Scythia fria,
A Turca géraçaõ, que multíplica
Na policia da voſſa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos eſtaõ, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcoraõ: (duro tributo!)
Em caſtigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e aſtuto;
E naõ queirais louvores arrogantes
De ſerdes contra os voſſos mui poſſantes.

XIIII.

XX.

Mas agora de nomes, e de uſança,
Novos, e varios ſaõ os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em poſſança
De terra, e gente, ſaõ mais abundantes:
Decânis, Oriás, que a eſperança
Tem de ſua ſalvaçaõ nas reſonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de ſorte, que outra naõ lhe iguala.

XXI.

O Reino de Cambaia bellicoſo,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente)
O Reino de Narſinga, poderoſo
Mais d'ouro, e pedras, que de forte gente:
Aqui ſe enxerga lá do mar undoſo
Hum monte alto que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive ſeguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se eſtende hũa fralda eſtreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras Cidades, ſem debate,
Calecut tem a illuſtre dignidade
De cabeça de Imperio, rica, e bella:
Samori ſe intitula o Senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez, mandado, logo parte
A fazer sabedor o Rei Gentio,
Da vinda sua a taõ remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a naõ vista arte,
A côr, o gesto estranho, o traje novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIIII.

Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na Regiaõ da Barbaria,
Lá onde fora Anthêo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a taõ longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro Mundo,
Taõ longe da tua patria Lusitana?
Abrindo (lhe responde) o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei Divina se accresente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava.
Mas vendo, em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz; que estava fóra da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria naõ póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
O que o lédo Monçaide lhe offerece:
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come, e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da Cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece:
Sobem á Capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitam o abraça em cabo ledo;
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta; e prompto, e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro;
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: O' gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho;
Que destino taõ grande, ou que ventura;
Vos trouxe a cometterdes tal caminho?
Naõ he sem causa, naõ, occulta, e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A Reinos taõ remotos, e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pertende
Algum serviço seu, por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antigo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fora
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido, e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra entaõ viessem,
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem;
(No qual me instituiram meus parentes)
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal: de sabios, e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIIII.

Naos arma, e nellas mete curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o Propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Co' os seus reparte, porque naõ lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a Ilha da pimenta;
A qual Coulaõ, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato, nobre, e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno, e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este que agora o Imperio manda, e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica, e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nús, e sómente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados saõ; e a menos dina
Poleás tem por nome; a quem obriga
A lei naõ misturar a casta antiga.

XXXVIII.

XXXVIII.

Porque os q̃ usáram sempre hũ mesmo officio;
D'outro naõ podem receber consorte;
Nem os filhos teraõ outro exercicio,
Senaõ o de seus passados, até á morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
Naõ tocava na gente de Samaria;
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária:
Os Naires sós saõ dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL.

Brachmanes saõ os seus Religiósos,
Nome antigo, e de grande preeminencia:
Observam os preceitos taõ famosos
De hum, que primeiro poz nome á sciencia:
Naõ matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia:
Sómente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI.

Géraes saõ as mulheres; mas sómente
Para os da géraçaõ de seus maridos:
Ditosa condiçaõ, ditosa gente,
Que naõ saõ de ciumes offendidos!
Estes, e outros costumes váriamente
Saõ pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato, em tudo aquilo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela Cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandára
O Capitam da armada, que chegára.

XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
De nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado:
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIIII.

XLIIII.

Na praia hum Regedor do Reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que vá: costume usado;
Que nos hombros dos homẽes he levado.

XLV.

Desta arte o Malabar, desta arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vaõ ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama e o Catual hiam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entre elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela Cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso Templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

XLVII.

Alli estaõ das deidades as figuras
Esculpidas em pao, e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhes fingia:
Vem-se as abomináveis esculpturas;
Qual a Chimera em membros se varía:
Os Christáos olhos, a ver Deos usados
Em fórma humana, estaõ maravilhados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Lybia estava:
Outro em hum corpo, rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava:
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava:
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui, feita do barbaro Gentio
A superstíciosa adoraçaõ,
Direitos vaõ sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vaõ:
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co' os que vem ver o estranho Capitaõ:
Estaõ pelos telhados, e janellas,
Velhos, e moços; donas, e donzellas.

L.

Já chegam perto, e naõ com passos lentos,
Dos jardijs odoriferos, formosos,
Que em si escondem os Régios apposentos,
Altos de torres naõ, mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo, e na Cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vaõ com tal vivéza
As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exército que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum Capitam de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio, que manava;
Taõ proprio, que se alli estiver Semelle,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII.

Mais avante bebendo ſecca o rio
Mui grande multidaõ da Aſſyria gente,
Sujeita ao feminino ſenhorio
De hũa taõ bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Eſculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia.
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIIII.

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia glorioſas,
Terceira Monarchia, e ſobjugavam
Até as aguas Gangeticas undoſas:
De hum Capitam mancebo ſe guiavam,
De palmas rodeado valeroſas,
Que já naõ de Philippo, mas ſem falta,
De progenie de Jupiter ſe exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo eſtas memorias,
Dizia o Catual ao Capitaõ:
Tempo cedo virá, que outras victorias,
Eſtas que agora olhais abateráõ:
Aqui ſe eſcreveráõ novas hiſtorias
Por gentes eſtrangeiras que viráõ;
Que os noſſos ſabios Magos o alcançáram,
Quando o tempo futuro eſpeculáram.

LXII.

E se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra, e nua,
Commercio consentir das abundanças
Das fazendas das terras, sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças,
Por quem a gente mais trabalha, e sua;
De vossos Reinos será certamente,
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça,
Com gente, armas, e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha, e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIIII.

Tal embaixada dava o Capitaõ,
A quem o Rei Gentio respondia,
Que em ver Embaixadores de naçaõ
Taõ remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tençaõ
Com os de seu Conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e a terra que dissera.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os ſeus mais affaſtados, prompto em viſta
Eſtava o Samori no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes delle viſta:
Lançando a grave voz do ſabio peito,
Que grande auctoridade logo aquiſta
Na opiniaõ do Rei, e do povo todo,
O Capitam lhe falla deſte modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O Ceo volubil, com perpétua roda,
Da terra a luz Solar co' a terra eſconde,
Tingindo a que deixou de eſcura noda;
Ouvindo do rumor que lá reſponde
O ecco, como em ti da India toda
O Principado eſtá, e a Mageſtade,
Vínculo quer comtigo de amizade.

LXI.

E por longos rodêos a ti manda,
Por te fazer ſaber, que tudo aquillo
Que ſobre o mar, que ſobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E deſde a fria plaga de Gelanda,
Até bem donde o Sol naõ muda o eſtilo
Nos dias, ſobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no ſeu Reino em grande copia.

LXII.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe désse
Informaçaõ mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Póstoque eu quizesse
Dizer-te nisto mais, naõ saberia:
Sómente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei de hum Propheta, que gérado
Foi, sem fazer na carne detrimento
Da Mái; tal que por Bafo está approvado
Do Deos, que tem do Mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

LXX.

Porque elles, com virtude sobre humana,
Os deitáram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis, e famosos:
E, naõ contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos naõ querem deixar viver seguros,
Tomando-nos Cidades, e altos muros.

LXXI.

Naõ menos tem mostrado esforço, e manha,
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá de algũus que do Pyrene deçam:
Assi que nunca, em fim, com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, naõ, te affirmo, e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E se esta informaçaõ naõ for inteira,
Tanto quanto convém, delles pertende
Informar-te, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende:
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolátra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geraçaõ, que o mar coalhava:
A' Capitaina sobem, forte, e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIIII.

Purpureos saõ os toldos; e as bandeiras
Do rico fio saõ, que o bicho gera:
Nellas estaõ pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera;
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A seita Epicurêa experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrára á gente;
Mas comer o Gentio naõ pertende,
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co' o fogo, o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homẽes, que em retrato breve
A muda Poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte; e o Mauritano
Os olhos póe no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeito venerando;
Cujo nome naõ pode ser defunto
Em quanto houver no Mundo trato humano;
No trajo a Grega usança está perfeita;
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha. Mas oh cego
Eu, que cometto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho taõ arduo, longo, e vário!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento taõ contrário,
Que se naõ me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai, que ha tánto tempo que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos;
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condenna,
N'hũa mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida,
Por hoſpicios alhêos degradado;
Agora da eſperança já adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado:
Agora ás coſtas eſcapando a vida,
Que de hum fio pendia taõ delgado,
Que naõ menos milagre foi ſalvar-ſe,
Que para o Rei Judaico accreſcentar-ſe.

LXXXI.

E ainda, Nymphas minhas, naõ baſtava
Que tamanhas miſerias me cercaſſem,
Senaõ que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus verſos me tornaſſem:
A troco dos deſcanſos que eſperava,
Das capellas de louro que me honraſſem,
Trabalhos nunca uſados me inventáram,
Com que em taõ duro eſtado me deitáram.

LXXXII.

Vede, Nymphas, que engenhos de Senhores
O voſſo Tejo cria valeroſos,
Que aſſi ſabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando glorioſos!
Que exemplos a futuros Eſcriptores,
Para eſpertar engenhos curioſos,
Para pôrem as couſas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
Que ſó voſſo favor me naõ falleça,
Principalmente aqui, que ſou chegado
Onde feitos diverſos engrandeça:
Dai-mo vós ſós, que eu tenho já jurado,
Que naõ o empregue em quem o naõ mereça,
Nem por liſonja louve algum ſubido,
Sobpena de naõ ſer agradecido.

LXXXIIII.

Nem creais, Nymphas, naõ, que fama deſſe
A quem ao bem commum, e do ſeu Rei,
Antepuzer ſeu proprio intereſſe,
Imigo da divina e humana Lei:
Nenhum ambicioſo, que quizeſſe
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Uſar mais largamente de ſeus vicios.

LXXXV.

Nenhum que uſe de ſeu poder baſtante,
Para ſervir a ſeu deſejo feo;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Prothêo:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com hábito honeſto, e grave véo;
Por contentar ao Rei no officio novo,
A deſpir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

LXXXVII

Nem quem acha que he' justo, e que he direito
Guardar-se a lei do Rei severamente;
E naõ acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com maõ rapace, e escassa
Os trabalhos alhêos, que naõ passa.

LXXXVIII

Aquelles sós direi, que aventuráram
Por seu Deos, por seu Rei a amada vida;
Onde perdendo-a, em fama a dilatáram,
Tambem de suas obras merecidas
Apollo, e as Musas, que me acompanháram,
Me dobraráõ a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

Fim do Canto septimo.

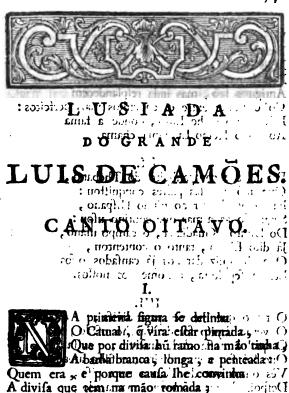
AR-

ARGUMENTO

DO CANTO OITAVO.

VÊ o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaraçaõ que dellas lhe faz Paulo da Gama: origem do nome Lusitania: feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até ElRei D. Afonso V: manda o Samori aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada; elles o informaõ contra os navegantes: pertendem destruir ao Gama, o qual satisfaz ao Rei com huma notavel falla.

Outro argumento.

Vem-se de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria saõ merecedores
De hymnos, e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores,
Consultam os Haruspices famosos,
E corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os navegantes.

LUSIADA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.
CANTO OITAVO.

I.

NA primeira figura se detinha
O Catual, q̃ vira estar pintada,
Que por divisa hũ ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
Quem era, e porque causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos, e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras, e nos feitos:
Antiguos saõ, mas inda resplandecem
Co' o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vès he Luso, donde a fama
Ao nosso Reino Lusitania chama.

III.

Foi filho e companheiro do Thebano,
Que taõ diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino usou:
Do Douro, Guadiana, o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IIII.

O ramo que lhe vès para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra, e avisa,
Que foi seu companheiro, e filho amado.
Vès outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter taõ longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E Templo a Pallas, que em memoria fica.

V.

V.

Ulysses he o que faz a sancta casa
A' deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI.

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado.
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, affamado;
Naõ tem com elle, naõ, nem ter puderam
O primor que com Pyrrho já tiveram.

VII.

Com força naõ, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente inda q̃ honrosa,
A's vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa,
Degradado comnosco se alevanta;
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII.

Vês? Comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha taõ subtís artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, taõ fingidas;
A fatidica Cerva que o avisa;
Elle he Sertorio, e ella sua divisa.

IX.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão Progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lothoringia os Estrangeiros:
Despois de ter os Mouros superado,
Gallegos, e Leonezes Cavalleiros,
A' Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro, q̃ me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com taõ pouca, tem roto, e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá nunca cansado,
Tantas corôas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

XI.

Efte he o primeiro Afonfo, diffe o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Eftygio lago jura a fama,
De mais naõ celebrar nenhum de Roma:
Efte he aquelle zelofo, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma;
Para quem de feu Reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se Cefar, fe Alexandre Rei, tiveram
Taõ pequeno poder, taõ pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava efte excellente:
Naõ crêas que feus nomes fe eftendêram
Com glorias immortaes taõ largamente:
Mas deixa os feitos feus inexplicaveis,
Vê que os de feus vaffallos faõ notaveis.

XIII.

Efte que vês olhar com gefto irado,
Para o rompido Alumno, mal foffrido
Dizendo-lhe, que o exército efpalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz fe chama o forte velho,
Para leaes vaffallos claro efpelho.

XIIII.

Vê-lo cá vai co' os filhos à entregar-se,
A corda ao colo, nú de seda, e pano,
Porque naõ quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettèra ao Castelhano:
Fez, com siso, e promessas levantar-se,
O cerco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Naõ fez o Consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo, foi forçado
Do Sammitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme, e constante;
Est'outro a si, e aos filhos naturais,
E à consorte sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este que sahíndo da cilada
Dá sobre o Rei, que cérca a Villa forte;
Já o Rei tem preso, e a Villa descercada,
Illustre feito, digno de Mavorte?
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria.

XVII.

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar reſplandece juntamente,
Co' o fogo que accendeo junto da ſerra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em taõ juſta, e ſancta guerra,
De acabar pelejando eſtá contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com juſta palma.

XVIII.

Naõ vês hum ajuntamento de eſtrangeiro
Trajo, ſahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de ſi dando ſancta prova?
Olha Henrique, famoſo Cavalleiro,
A palma que lhe naſce junto á cova:
Por elles moſtra Deos milagre viſto:
Germanos ſaõ os Martyres de Chriſto.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a eſpada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enriſta a lança:
He Theotonio Prior: mas vê cercada
Santarem, e verás a ſegurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

XX.

XX.

Vê-lo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o Alferes mata,
E o Hiſpalico pendaõ derriba em terra.
Mem Moniz he, que em ſi o valor retrata,
Que o ſepulchro do pai co' os oſſos cerra;
Digno deſtas bandeiras, pois ſem falta
A contrária derriba; a ſua exalta.

XXI.

Olha aquelle que deſce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada eſconde, com que alcança
A Cidade por manhas, e ouſadias.
Ella por armas toma a ſemelhança
Do Cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava. Feito nunca feito.
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Naõ vês hum Caſtelhano, que aggravado
De Afonſo nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co' os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-ſe inimigo?
Abrantes Villa toma, acompanhado
Dos duros infiéis que traz comſigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ouſadamente:

XXIII.

Martim Lopes se chama o Cavalleiro,
Que destes levar póde a palma, e o louro.
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago d'ouro.
Vê-lo entre os duvidosos taõ inteiro,
Em naõ negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o signal no Ceo que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIIII.

Vês? Vaõ os Reis de Cordova, e Sevilha,
Rotos, com outros dous, e naõ de espaço
Rotos; mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que naõ de humano braço.
Vês? Já a Villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisbôa,
Que a corôa de palma alli corôa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
Portuguez de naçaõ, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Naõ acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella,
Villas, Castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês? Com bellica astucia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente:
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas naõ passes os tres q̃ em França e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas, e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII.

Vê-los? Co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós leváram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de algũus se exercitáram:
Vê mortos os soberbos Cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiáram,
Que Gonçalo Ribeiro se noméa,
Que póde naõ temer a lei Lethéa.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Naõ o vês tinto de ira, que reprehende
A vil desconfiança inerte, e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freo
De Rei seu natural, e naõ de alheo?

XXIX.

Olha por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só póde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço, e valentia,
Outro estrago, e victoria clara, e bella,
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

XXX.

Mas naõ vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitam devoto, que apartado
Orando invoca a summa, e trina Essencia?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda naõ era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria que logo lhe daria.
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando:
Pois eu (responde) estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esfórço em Deos se atreve;
Ouvir quizeres como se noméa,
Portuguez Scipiaõ chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrêa.
Ditosa patria que tal filho teve;
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodêa
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal Aluno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'outro Capitam de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo; preso por leal,
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIIII.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez, e vil engano:
Gil Fernandes he d'Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV.

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em de redor, para os tomar se estendem;
Porém logo sentíram, com seus danos,
Que naõ só se defendem, mas offendem.
Digno feito de ser no Mundo eterno:
Grande no tempo antigo, e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antiguamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejáram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustráram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixáram,
Que aos muitos por ser poucos naõ temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura túmida vaidade,
Primeiro entrando as portas da Cidade.

XXXVIII.

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês? Outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças, e ousadia.
De poder defender se naõ contenta,
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias que os Pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes cores,
Honra, premio, favor, que as Artes criam.
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre, e do valor de seus passados,
Em gostos, e vaidades atolados.

XL.

Aquelles Pais illustres que já deram
Principio á geraçaõ que delles pende,
Pela virtude muito entaõ fizeram,
E por deixar a Casa que descende.
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhes deixar descansos corruptores.

XLI.

XLI.

Outros tambem ha grandes, e abaſtados,
Sem nenhum tronco illuſtre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Daõ mais q̃ a mil, q̃ esforço e ſaber tenham:
Eſtes os ſeus naõ querem ver pintados,
Crendo que cores váas lhes naõ convenham:
E como a ſeu contrário natural,
A' pintura que falla querem mal.

XLII.

Naõ nego, que ha com tudo deſcendentes
Do generoſo tronco, e caſa rica,
Que com coſtumes altos, e excellentes,
Suſtentam a nobreza que lhes fica.
E ſe a luz dos antigos ſeus parentes,
Nelles mais o valor naõ clarifica,
Naõ falta ao menos, nem ſe faz eſcura:
Mas deſtes acha poucos a pintura.

XLIII.

Aſſi eſtá declarando os grandes feitos
O Gama, que alli moſtra a vária tinta;
Que a docta mão taõ claros, taõ perfeitos,
Do ſingular artifice alli pinta.
Os olhos tinha promptos, e direitos,
O Catual na hiſtoria bem diſtinta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia:
As goſtoſas batalhas que alli via.

XLIIII.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a Lampada grande se escondia
Debaixo do Horizonte, e luminosa
Levava aos Antipodas o dia;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia,
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV.

Entretanto os Haruspices famosos
Na falsa opiniaõ, que em sacrificios
Antevém sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte, e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhes mostra o demo verdadeiro,
De como a nova gente lhes seria
Jugo perpétuo, eterno captiveiro,
Destruiçaõ de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito Agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos que alcançára
Nas entranhas das victimas que olhára.

XLVII.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos naõ remoto,
Contra a Divina Fé, que tudo excede;
Em fórma de Propheta falso, e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso, em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se naõ dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida que naõ he mais que sonho usado.
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Naõ conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, vélo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo saõ, seraõ mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

L.

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém despois que sobe claro, e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Taõ cega fica, quanto o ficareis
Se raizes criar lhe naõ tolheis.

LI.

Isto dito, elle e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno:
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico, e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se daõ, segundo o que entendiam:
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruiçaõ da gente pertendiam,
Por manhas mais subtís, e ardís melhores,
Com peitas adquirindo os Regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas ſecretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis, e diſcretas,
Moſtram ſer perdiçaõ dos naturaes;
Dizendo: que ſaõ gentes inquietas,
Que os mares diſcorrendo Occidentaes,
Vivem ſó de piraticas rapinas,
Sem Rei, ſem leis humanas, ou divinas.

LIIII.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
Olhar que os conſelheiros, ou privados,
De conſciencia, e de virtude interna,
E de ſincero amor ſejam dotados!
Porque como eſte poſto na ſuperna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Da que lhe der a lingua conſelheira.

LV.

Nem tam pouco direi que tome tanto
Em groſſo a conſciencia limpa, e certa,
Que ſe enleve em hũ pobre, e humilde manto,
Onde ambiçaõ acaſo ande encoberta.
E quando hũ bom em tudo he juſto, e ſanto,
Em negocios do Mundo pouco acerta:
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia em ſó Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que naõ pertende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Do Mundo, que deixava descoberto:

LVII.

Nisto trabalha só, que bem sabia,
Que despois que levasse esta certeza,
Armas, e naos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza;
Com que a seu jugo, e lei submetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle naõ era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa, e indina,
Naõ era d'espantar se se espantasse;
Que taõ crédulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atiça:
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça,
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres:
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O Grande Capitam chamar mandava;
A quem, chegado, disse: Se quizeres
Comfessar-me a verdade limpa, e nua,
Perdaõ alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tées Rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vás passando a vida.
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou Senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometter com naos, e frotas,
Taõ incertas viagées, taõ remotas?

LXII.

E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a Régia Magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dões altos sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que signal, nem penhor, naõ he bastante
As palavras de hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homées de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIIII.

Isto assi dito, o Gama que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que taõ mal o Rei cuidava:
Co' huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV.

LXV.

Se os antigos dellĉtos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Naõ causáram que o vaso da iniquicia,
Açoute taõ cruel da Christandade,
Viera por perpétua inimicicia
Na géraçaõ de Adaõ, co' a falsidade;
O' poderoso Rei da torpe seita;
Naõ concebêras tu taõ má suspeita.

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança,
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu taõ pouca confiança
Desta minha verdade; sem respeito
Das razões em contrário, que acharias
Sanaõ cresses a quem naõ crer devias.

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse
Undívago, ou da patria desterrado,
Como crês que taõ longe me viesse
Buscar assento incognito, e apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

LXVIII.

Se com grandes presentes de alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu naõ vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu Reino antigo.
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e Reino amigo,
Entaõ verás o dom soberbo, e rico
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coraçaõ sublime, o Régio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que creia delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pertendêram
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoſo Rei, que arou primeiro
O mar por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Eſte, por ſua induſtria, e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Deſcobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII.

Creſcendo co' os ſucceſſos bõos primeiros
No peito as ouſadias, deſcobríram
Pouco a pouco caminhos eſtrangeiros,
Que hũus ſuccedendo aos outros proſeguíram.
De Africa os moradores derradeiros
Auſtraes, que nunca as ſete flammas víram,
Foram viſtos de nós, atraz deixando
Quantos eſtaõ os Tropicos queimando.

LXXIII.

Aſſi com firme peito, e com tamanho
Propoſito vencemos a fortuna,
Até que nós no teu terreno eſtranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do líquido eſtanho,
Da tempeſtade horrífica, e importuna,
A ti chegámos, de quem ſó queremos
Signal que ao noſſo Rei de ti levemos.

LXXIIII.

Esta he a verdade, Rei: que naõ faria
Por taõ incerto bem, taõ fraco premio,
Qual, naõ sendo isto assi, esperar podia,
Taõ longo, taõ fingido, e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alhêos feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tées por qual he, syncera e naõ dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Naõ me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razaõ, que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se:
Que facil he a verdade de entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe delle certa confiança,
Credito firme em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na authoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co' o Capitam, e naõ co' o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda que direito
A's naos se vá, e seguro de algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaría troque, e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda, em fim, lhe manda,
Que nos Reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda,
Se parte o Capitam para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcaçaõ, que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcaçaõ que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos Régios Paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcaçaõ bastante em que partisse;
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tençaõ dos Mouros, torpe, e fera,
O que delle até alli naõ entendêra.

LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente;
O principal por quem se governavam
As Cidades do Samori potente:
Delle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente:
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças naõ delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere,
Que o mande pôr nas naos; e naõ lhe val;
E que assi lho mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Porque razaõ lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado;
Naõ póde ser [por] outrem derogado.

LXXXIII.

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto,
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo;
Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIIII.

Que nenhum torne á patria só pertende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque naõ saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Naõ parte o Gama, em fim, que lho defende
O Regedor dos Barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadías todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados, e razões do Capitaõ,
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estaõ,
Porque melhor dalli fosse, e tornasse.
Signal he de inimigo, e de ladraõ,
Que lá taõ longe a frota se alargasse,
(Lhe diz) porque do certo, e fido amigo
He naõ temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

LXXXVI.

Neſtas palavras o diſcreto Gama
Enxerga bem, que as naos deſeja perto
O Catual, porque com ferro, e flama,
Lhas aſſalte, por odio deſcoberto.
Em varios penſamentos ſe derrama:
Phantaſiando eſtá remedio certo,
Que déſſe a quanto mal ſe lhe ordenava.
Tudo temia; tudo, em fim, cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polído
Eſpelho de aço, ou de cryſtal formoſo,
Que do raio Solar ſendo ferido
Vai ferir n'outra parte luminoſo;
E ſendo da ocioſa mão movido,
Pela caſa, do moço curioſo,
Anda pelas paredes, e telhado,
Trémulo aqui, e alli desſocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preſo, quando lhe lembrára
Coelho, ſe por caſo o eſperava
Na praia co' os batéis, como ordenára:
Logo ſecretamente lhe mandava,
Que ſe tornaſſe á frota que deixára,
Naõ foſſe ſalteado dos enganos,
Que eſperava dos feros Mahometanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser quem quer co' o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualá-los;
Voar co' o pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos, e evitá-los;
Com militar engenho, e subtil arte,
Entender os imigos, e enganá-los;
Crer tudo, em fim; que nunca louvarei
O Capitam que diga: Naõ cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em o ter preso,
Senaõ manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Todos seus ameaços teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha naõ pequena.
Comette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

XCII.

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para a terra,
Para que devagar se troque, e venda,
Que quem naõ quer commercio busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os seus batéis naõ quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadías a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIIII.

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro, e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigaçaõ, que mando, e rogo,
No peito vil, o premio póde, e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV.

Por ella o solta crendo que alli tinha
Penhor bastante donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitam mais tempo detivesse.
Elle vendo que já lhe naõ convinha
Tornar á terra, porque naõ pudesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que naõ se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso,
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interesse, e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threicio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vício,
Que a troco do metal luzente, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

XCVIII.

Eſte rende munidas fortalezas,
Faz tredores, e falſos os amigos:
Eſte a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos:
Eſte corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama algũus perigos:
Eſte deprava ás vezes as ſciencias,
Os juizos cegando, e as conſciencias.

XCIX.

Eſte interpreta mais que ſubtilmente
Os textos: eſte faz, e desfaz leis:
Eſte cauſa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que ſó a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe eſte encantador, e illude;
Mas naõ ſem côr, com tudo, de virtude.

Fim do Canto oitavo.

AR-

ARGUMENTO
DO CANTO NONO.

Livre já das traiçőes, e perigos que o ameaçavaő, ſahe Vaſco da Gama de Calecut, e volta para o Reino com as alegres novas do deſcobrimento da India Oriental: encaminha-o Venus a huma Ilha diliciosa: deſcripçaő da meſma Ilha: deſembarque dos navegantes: feſtivas demonſtraçőes com que alli ſaő recebidos, das Nereydas os ſoldados, e de Thetis o Gama.

Outro argumento.

Parte de Calecut o Luſitano,
Com as alegres novas do Oriente;
E no meio do tumido Occeano,
Venus lhe moſtra huma Inſula excellente:
Aqui de todo bem ſoffrido dano,
Acha repouſo aſſaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em feſtas paſſa, e jogos de alegria.

LUSIADA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

CANTO NONO.

I.

Iveram longamẽte na Cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores,
Que os infiéis por manha, e falsidade,
Fazem q̃ naõ lha comprem mercadores:
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

II.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suéz se converteo;
Naõ longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstiçaõ falsa, e profana,
Da religiosa agua Mahometana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande, e grato,
O Soldaõ, que esse Reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infiéis, formosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Occeano,
Especiaria vem buscar cada ano.

IIII.

Por estas naos os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes, e possantes,
Aquellas, que o commercio lhes tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já naõ querem mais dos navegantes,
Senaõ que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

V.

Mas o Governador dos Ceos, e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeiçaõ em Monçaide; que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros naõ guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tençaõ lhe descobre torpe, e fera:
Muitas vezes as naos que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O damno sem razaõ, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
Que da Arabica Meca vem cada ano,
Que agora saõ dos seus taõ desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

VIII.

O Gama, que tambem confiderava
O tempo que para a partida o chama,
E que defpacho já naõ efperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama;
Aos feitores, que em terra eftaõ, mandava
Que fe tornem ás naos: e porque a fama
Defta fubita vinda os naõ impida,
Lhes manda que a fizeffem efcondida.

IX.

Porém naõ tardou muito, que voando
Hum rumor naõ foaffe com verdade,
Que foram prefos os feitores, quando
Foram fentidos vir-fe da Cidade.
Efta fama as orelhas penetrando
Do fabio Capitam, com brevidade
Faz logo prefa em hũus que ás naos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

X.

Eram eftes, antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que eftaõ no mar retidos.
Mas já nas naos os bóos trabalhadores,
Volvem o cabreftante, e repartidos
Pelo trabalho, hũus puxam pela amarra,
Outros quebram co' opeito duro a barra.

XI.

Outros pendem da verga, e já deſatam
A véla, que com grita ſe ſoltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A preſſa com que a armada ſe levava.
As mulheres, e filhos, que ſe matam,
Daquelles que vaõ preſos, onde eſtava
O Samori, ſe quixam que perdidos
Hũus tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Luſitanos
Com toda ſua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a ſua preſa gente.
Deſculpas manda o Rei de ſeus enganos:
Recebe o Capitam de melhor mente
Os preſos, que as deſculpas; e tornando
Algũus negros, ſe parte, as vélas dando.

XIII.

Parte-ſe coſta abaixo, porque entende
Que em vão co' o Rei Gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pertende
Por firmar o commercio que trattava.
Mas como aquella terra, que ſe eſtende
Pela Aurora, ſabida já deixava,
Com eſtas novas torna á patria chara,
Certos ſignaes levando do que achára.

XIIII.

Leva algũus Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samori mandára,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprára:
A secca flor de Banda naõ ficou:
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova Ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilaõ he rica, illustre, e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que clemencia
Divina assi tirou de escura treva;
E taõ longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A méra Austrina da Esperança Boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos, e ledos.

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A ſeus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegaçaõ, os varios Ceos, e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhára
Por taõ longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum, tem por goſto taõ perfeito,
Que o coraçaõ para elle he vaſo eſtreito.

XVIII.

Porém a deoſa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Luſitanos,
Do Padre Eterno, e por bom genio dada,
Que ſempre os guia já de longos anos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfaçaõ de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pertendia
Dar-lhe nos mares triſtes, alegria.

XIX.

Deſpois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegáram,
Os trabalhos que pelo Deos naſcido
Nas Amphioneas Thebas ſe cauſáram:
Já trazia de longe no ſentido,
Para premio de quanto mal paſſáram,
Buſcar-lhe algum deleite, algum deſcanſo
No Reino de cryſtal liquido, e manſo.

XX.

Algum repouso, em fim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razaõ, que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao Ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das agúas, alguma Insula divina,
Ornada de esmaltado, e verde arreio:
Que muitas tem no Reino que confina
Da mãi primeira co' o terreno seio;
Afóra as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzéllas
Esperem os fortissimos Barões;
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações;
Com danças, e coréas; porque néllas
Influirá secretas affeições;
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude, e siga.

XXIIII.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vaõ da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em de redor da deosa, já partida,
No ar lascivos beijos se vaõ dando:
Ella por onde passa, o ar, e o vento,
Sereno faz com brando movimento.

XXV.

Já sobre os Idálios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava entaõ
Ajuntando outros muitos, que pertende
Fazer huma famosa expediçaõ
Contra o Mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que há dias nelle estaõ,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Naõ para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Actéon na caça taõ austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, e bella fórma humana:
E por castigo quer, doce, e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se naõ seja inda comido
Desses cáes, que agora ama, e consumido.

XXVII.

E vê do Mundo todo os principais,
Que nenhum no bem público imagina;
Vê nelles, que naõ tem amor a mais,
Que a si sómente, e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses que frequentam os Reais
Paços, por verdadeira, e sãa doctrina
Vendem adulaçaõ, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam sómente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade:
Da fea tyrannía, e de aspereza,
Fazem direito, e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê, em fim, que ninguem ama o que deve;
Senaõ o que sómente mal deseja:
Naõ quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co' a mal regida gente,
Que lhe naõ for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estaõ em varias obras trabalhando,
Hũus amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando.
Trabalhando cantando estaõ de amores,
Varios casos em verso modulando;
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas frágoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, coraçoes ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas saõ de miseros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo he só que queima, e naõ consume.

XXXII.

XXXII.

Algũus exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam,
Dos que feridos vaõ da seta aguda:
Formosas Nymphas saõ as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Naõ sómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda naõ nascidos.

XXXIII.

Formosas saõ algũas, e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Algũus ficam ligados em cadêas,
Por palavras subtís de sabias Magas
Isto acontece ás vezes, quando as setas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIIII.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vaõ tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando.
E tambem nos Heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli, e Cynirêa;
Hum mancebo de Assyria, hum de Judéa.

XXXV.

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes:
E por baixos, e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Hũus esperando andais nocturnas horas,
Outros subís telhados, e paredes:
Mas eu creio, que deste amor indino,
He mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frécheiro, que contra o Ceo se atreve,
A recebê-la vem lédo, e contente:
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella porque naõ gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tées em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me haõ de venerar, e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhes dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias de odioso
Baccho, foram na India molestados,
E das injúrias sós do mar undoso,
Puderam ser mais mortos que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhes foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio, e doce gloria,
Do trabalho que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no Ponto fundo,
De amor dos Lusitanos incendidas
Que vem de descobrir o novo Mundo:
Todas n'huma Ilha juntas, e subidas;
Ilha, que nas entranhas do profundo
Occeano, terei apparelhada,
De dões de Flora, e Zephyro adornada.

XLI.

XLI.

Alli com mil refrescos, e manjares,
Com vinhos odoriferos, e rosas,
Em cryſtallinos Paços ſingulares,
Formoſos leitos, e ellas mais formoſas;
Em fim, com mil deleites naõ vulgares,
Os eſperem as Nymphas amoroſas;
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII.

Quero que haja no Reino Neptunino,
Onde eu naſci, progenie forte, e bella,
E tome exemplo o Mundo vil, malino,
Que contra tua potencia ſe rebella:
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triſte hypocriſia val contra ella:
Mal haverá na terra quem ſe guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII.

Aſſi Venus propoz; e o filho inico,
Para lhe obedecer, já ſe apercebe:
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as ſéttas de ponta de ouro embebe.
Com geſto lédo a Cypria, e impudico,
Dentro no carro o filho ſeu recebe.
A rédea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIIII.

XLIIII.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa, e celebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe hé contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantéa, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por donde vôa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV.

Vaõ-na a buscar, e mandam-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara,
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os de outrem celebrára.
Já murmurando a fama penetrante,
Pelas fundas cavernas se espalhára:
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a deosa traz credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
No coraçaõ dos deoses, que indinados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por mao zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as sétas,
Huma apoz outra; geme o mar co' os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vaõ, e algũas fazem giros.
Cahem as Nymphas; lançam das secretas
Entranhas, ardentissimos suspiros;
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama:
Que tanto como a vista póde a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já naõ fica na aljava sétta algũa,
Nem nos equoreos campos Nympha viva;
E se feridas ainda estaõ vivendo,
Será para sentir que vaõ morrendo.

XLIX.

Dai lugar altas, e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vélas, e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina.
Para que tu reciproco respondas,
Ardente amor, á flamma feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello Coro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em corêas gentís, usança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava.
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes quando amava:
Ellas, que vaõ do doce amor vencidas,
Estaõ a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vaõ as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria,
Para a grande viagem prolongada.
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da Ilha namorada;
Rompendo pelo Ceo a mãi formosa
De Memnonio, suave, e deleitosa.

LII.

De longe a Ilha víram fresca, e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vella)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque naõ passassem sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegam a movia
A Acidalia; que tudo, em fim, podia.

LIII.

Mas firme a fez, e immobil, como vio
Que era dos Nautas visla, e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona a Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva, e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytheréa.

LIIII.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa Ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume; que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Taõ bella; quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

LVI.

Mil arvores estaõ ao Ceo subindo,
Com pomos odoriferos, e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co' os pesos amarellos:
Os formosos limões, alli cheirando,
Estaõ virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
A'lamos saõ de Alcides, e os loureiros,
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytheréa, co' os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo Cypariso
Para onde he posto o ethereo Paraiso.

LVIII.

Os dões, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se daõ muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, moſtrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubí, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro eſtá a jocunda
Vide, co' hũus cachos roxos, e outros verdes.
E vós, ſe na voſſa arvore fecunda
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co' os bicos
Em vós fazem os paſſaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella, e fina,
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos dina,
Mas o ſombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephiſia inclina
Sobolo tanque lúcido, e ſereno:
Florece o filho, e neto de Cinyras,
Por quem tu, deoſa Paphia, inda ſuſpiras.

LXI.

Para julgar, difficil couſa fora,
No Ceo vendo, e na terra as meſmas cores,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou ſe lha dão a ella as bellas flores.
Pintando eſtava alli Zephyro, e Flora
As violas, da côr dos amadores,
O lyrio roxo, a freſca roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

LXII.

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Taõ queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII.

Ao longo da agua o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomella:
Da sombra de seus cornos naõ se espanta
Acteon na agua cryſtallina, e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao charo ninho,
O mantimento o leve passarinho.

LXIIII.

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naos os segundos Argonautas:
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas como incautas:
Algũas doces citharas tocavam,
Algũas arpas, e sonoras frautas:
Outras co' os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que naõ seguiam.

LXV.

Aſſi lho aconſelhára a meſtra experta;
Que andaſſem pelos campos eſpalhadas;
Que viſta dos Barões a preſa incerta,
Se fizeſſem primeiro deſejadas.
Algumas, que na fórma deſcoberta
Do bello corpo eſtavam confiadas,
Poſta a artificioſa formoſura,
Nuas lavar ſe deixam na agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçoſos;
Que naõ ha nenhum delles, que naõ ſaia
De acharem caça agreſte deſejoſos;
Naõ cuidam que ſem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitoſos,
Taõ ſuave, domeſtica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII.

Alguns, que em eſpingardas, e nas béſtas
Para ferir os cervos ſe fiavam,
Pelos ſombrios matos, e floreſtas
Determinadamente ſe lançavam.
Outros nas ſombras, que das altas ſéſtas
Defendem a verdura, paſſeavam
Ao longo da agua, que ſuave, e quêda,
Por alvas pedras corre á praia léda.

LXVIII.

Começam de enxergar ſubitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores de quem a viſta julga, e ſente,
Que naõ eram das roſas, ou das flores;
Mas da láa fina, e ſeda differente,
Que mais incita a força dos amores;
De que ſe veſtem as humanas roſas,
Fazendo-ſe por arte mais formoſas.

LXIX.

Dá Velloſo eſpantado hum grande grito.
Senhores; caça eſtranha (diſſe) he eſta:
Se inda dura o Gentio antiguo rito,
A deoſas he ſagrada eſta floreſta.
Mais deſcobrimos do que humano eſprito
Deſejou nunca; e bem ſe manifeſta,
Que ſaõ grandes as couſas, e excellentes,
Que o Mundo encobre aos homẽes imprudentes.

LXX.

Sigamos eſtas deoſas, e vejamos
Se phantaſticas ſaõ, ſe verdadeiras.
Iſto dito; velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Nymphas vaõ por entre os ramos;
Mas mais induſtrioſas, que ligeiras,
Pouco e pouco ſorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e d'outra as faldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio por a arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vaõ topar
Com as deosas despidas, que se lavam:
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal naõ esperavam.
Humas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vaõ negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
A' vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo na agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado, (que co'a mora
De se despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agoa o fogo que nelle arde.

LXXIIII.

LXXIIII.

Qual caõ de caçador, ſagaz, e ardido,
Uſado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo no roſto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que ſoe o eſtouro, mal ſoffrido
Salta na agua, e da preſa naõ duvida;
Nadando vai, e latindo; aſſi o mancebo
Remette á que naõ era irmãa de Phebo.

LXXV.

Leonardo, ſoldado bem diſpoſto,
Manhoſo, Cavalleiro, e namorado,
A quem amor naõ dera hum ſó deſgoſto,
Mas ſempre fora delle maltratado;
E tinha já por firme preſuppoſto
Ser com amores mal affortunado;
Porém naõ que perdeſſe a eſperança
De inda poder ſeu fado ter mudança.

LXXVI.

Quiz aqui ſua ventura que corria
Apoz Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deo para dar-ſe a natureza.
Já canſado correndo, lhe dizia:
O' formoſura indigna de aſpereza,
Pois deſta vida te concedo a palma,
Eſpera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

LXXVII.

Todas de correr cansam, Nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo:
Tu só de mim só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura;
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O' naõ a crêas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Naõ canses, que me cansas; e se queres
Fugir-me, porque naõ possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que inda que esperes,
Ella fará que naõ possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te;
E notarás no fim deste successo,
Tra la spiga, e la man, qual muro è messo.

LXXIX.

O' naõ me fujas, assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura;
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exército se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo?
O que tu só farás naõ me fugindo.

LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha;
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Naõ te carrega essa alma taõ mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzentes
Atada levas? ou depois de presa
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu naõ soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Se lhe mudará a triste, e dura estrella.
E se se lhe mudar, naõ vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, naõ ha mais que espere.

LXXXII.

Já naõ fugia a bella Nympha tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno, e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que affagos taõ suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passaraõ na manhãa, e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem naõ póde exprimentá-lo.

LXXXIV.

Desta arte, em fim, conformes já as formosas
Nymphas, co' os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas
De louro, e de ouro, e flores abundantes:
As mãos alvas lhes davam como esposas;
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia,
Em vida, e morte, de honra, e alegria.

LXXXV.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
Todo o Coro das Nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Celo, e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitam illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta, e régia,
Mostrando-se senhora grande, e egrégia.

LXXXVI.

Que despois de lhe ter dito quem era;
Co' hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influiçaõ do immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar naõ navegado,
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua Naçaõ só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva, e guia,
Para o cume de hum monte alto, e divino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos Paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estaõ passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos taõ longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte, e famosa, o Mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto, e subido.

LXXXIX.

LXXXIX.

Que as Nymphas do Oceano taõ formoſas ,
Tethys , e a Ilha angelica pintada ,
Outra couſa naõ he , que as deleitoſas
Honras , que a vida fazem ſublimada.
Aquellas preeminencias glorioſas ,
Os triumphos , a fronte coroada
De palma , e louro ; a gloria , e maravilha ,
Eſtes ſaõ os deleites deſta Ilha.

XC.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade , que os illuſtres ama ,
Lá no eſtellante Olympo , a quem ſubia
Sobre as azas inclytas da fama ;
Por obras valeroſas que fazia ,
Polo trabalho immenſo , que ſe chama
Caminho da virtude alto , e fragoſo ,
Mas no fim doce , alegre , e deleitoſo :

XCI.

Naõ eram ſenaõ premios , que reparte
Por feitos immortaes , e ſoberanos ,
O Mundo co' os Barões , que esforço , e arte ,
Divinos os fizeram ſendo humanos :
Que Jupiter , Mercurio , Phebo , e Marte ,
Enéas , e Quirino , e os dous Thebanos ,
Ceres , Palas , e Juno , com Diana ,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras taes,
Lhes deo no Mundo nomes taõ estranhos,
De deoses, semideoses immortaes,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimaes,
Se quizerdes no Mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E pondo na cobiça hum freo duro,
E na ambiçaõ tambem, que indignamente
Tomais mil vezes; e no torpe, e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente:
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor naõ daõ á gente:
Melhor he merecê-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer.

XCIIII.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes naõ dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes, e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co' os conſelhos bem cuidados;
Agora co' as eſpadas, que immortais
Vos faraõ como os voſſos já paſſados:
Impoſſibilidades naõ façais;
Que quem quiz ſempre póde: e numerados
Sereis entre os Heroes eſclarecidos,
E neſta Ilha de Venus recebidos.

Fim do Canto nono.

ARGUMENTO
DO CANTO DECIMO.

Convite de Tethys aos navegantes: cançaõ prophetica da Sirena, em que toca as principaes façanhas, e conquistas dos Vice-Réis, dos Governadores, e Capitaẽs Portuguezes na India, até D. Joaõ de Castro: sóbe Tethys com o Gama a hum monte, desde o qual lhe mostra a Esphera celeste, e terrestre: descripçaõ do Orbe, especialmente da Asia, e Africa: sahem da Ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegaõ felizmente a Lisboa.

Outro argumento.

A's mesas de vivificos manjares,
Com as Nymphas os Lusos valerosos;
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas, em accentos numerosos:
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os Ceos rodêam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo taõ querido.

LUSIADA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.
CANTO DECIMO.

I.

As já o claro amador da Larissêa
Adultera, inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodêa
Temistitaõ, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol, Favonio enfrêa
Co' o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lyrios, e jasmijs, que a calma aggrava.

II.

II.

Quando as formoſas Nymphas, co' os amantes,
Pela maõ já conformes, e contentes,
Subiam para os Paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Meſas de altos manjares, excellentes,
Lhes tinha apparelhadas, que a fraqueza
Reſtaurem da canſada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas, cryſtallinas,
Se aſſentam dous, e dous, amante, e dama:
N'outras, á cabeceira, de ouro finas,
Eſtá co' a bella deoſa o claro Gama.
De iguarias ſuaves, e divinas,
A quem naõ chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico theſouro.

IIII.

Os vinhos odoriferos, que acima
Eſtaõ naõ ſó do Italico Falerno,
Mas da Ambroſia, que Jove tanto eſtima,
Com todo o ajuntamento ſempiterno;
Nos vaſos, onde em vão trabalha a lima,
Creſpas eſcumas erguem, que no interno
Coraçaõ movem ſubita alegria,
Saltando co' a miſtura da agua fria.

V.

Mil práticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtís, e argutos ditos;
Que entre hũ, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos naõ faltavam,
Quaes no profundo Reino os nús espritos
Fizeram descansar da eterna pena,
Com a voz de hũa angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella Musa, e co' os accentos,
Que pelos altos Paços vaõ soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo comformando.
Hum subito silencio enfrêa os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As agoas; e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao Ceo
Altos Barões, que estaõ por vir ao Mundo,
Cujas claras idéas vio Protheo
N'hum globo vão, diafano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no Reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a Nympha a clara historia.

VIII.

Materia he de Gothurno, e naõ de Soco;
Aque a Nympha aprendeo no immenso lago;
Qual Iopas naõ soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hũ, outro em Carthago.
Aqui minha Calliope te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do q̃ escrevo, e em vão pertendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vaõ os annos descendo, e já do Estio
Ha pouco que passar até o Outono:
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já me naõ jacto, nem me abono:
Os desgostos me vaõ levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co' o que quero á Naçaõ minha.

X.

Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abríra,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Occeano Indico suspira:
E que os Gentios Reis, que naõ dariam
A cerviz sua ao jugo; o ferro, e ira
Provariam do braço duro, e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI.

XI.

Cantava de hum, que tem os Malabares
Do summo Sacerdocio a dignidade,
Que só por naõ quebrar co' os singulares
Barões os nós que dera de amizade;
Soffrerá suas Cidades, e lugares,
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Ver destruir do Samori potente:
Que taes odios terá co' a nova gente.

XII.

E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O pezo sentiráõ, quando entraria
O curvo lenho, e o fervido Occeano,
Quando mais na agua os troncos, q̃ gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do Gentio
Rei de Cochim, com poucos naturaes,
Nos braços do salgado, e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalaõ, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar taõ pouca gente.

XIIII.

Chamará o Samori mais gente nova;
Viraõ Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estaraõ promettendo a seu senhor.
Fará que todo o Naire, em fim, se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor;
De ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra, e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidaõ, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Cometterá outra vez, naõ dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus; fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI.

Já naõ defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas;
Acceso de ira o Cam, naõ vendo lassos
Aquelles que as Cidades fazem rasas;
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Comettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'hum tempo; mas voando
De hũm n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

XVII.

Virá alli o Samori, porque em peſſoa
Veja a batalha, e os ſeus esforce, e anime;
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De ſangue o tingirá no andor ſublime.
Já naõ verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito eſtime:
Inventará traições, e vãos venenos,
Mas ſempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez ſeptima, cantava,
A pelejar co' o invicto, e forte Luſo,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava,
Mas com tudo eſte ſó o fará confuſo.
Trará para a batalha horrenda, e brava,
Máchinas de madeiros fóra de uſo,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que até alli vão lhe fora comettê-las.

XIX.

Pela agua levará ſerras de fogo
Para abrazar lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ſer vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro Báraõ no Marcio jogo,
Que nas azas da fama ſe ſoſtenha,
Chega a eſte, que a palma à todos toma,
E perdoe-me a illuſtre Grecia, ou Roma.

XX.

XX.

Porque tantas batalhas ſuſtentadas
Com muito pouco máis de cem ſoldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cáes naõ imbelles profligados;
Ou pareceráõ fabulas ſonhadas,
Ou que os celeſtes Coros invocados
Deſceráõ ajudá-lo, e lhe daraõ
Esforço, força, ardil, e coraçaõ.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario eſtrue, e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O paſſo de Thermopylas defende:
Nem o mancebo Cocles dos Auſonios,
Que com todo o poder Tuſco contende
Em defenſa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como eſte na guerra forte, e ſabio.

XXII.

Mas neſte paſſo a Nympha o ſom canoro
Abaixando, fez ronco, e entriſtecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
O' Belizario (diſſe) que no Coro
Das Muſas ſerás ſempre engrandecido;
Se em ti viſte abatido o bravo Marte,
Aqui têes com quem podes conſolar-te.

XXIII.

XXIII.

Aqui tẽes companheiro, assi nos feitos,
Como no galardaõ injusto, e duro:
Em ti e nelle, veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde, e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á Lei servem de muro.
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIIII.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda que os contenta,
Daõ os premios de Aiace merecidos,
A' lingua váa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bẽes mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se naõ os daõ a sabios Cavalleiros,
Daõ-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou taõ mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Senaõ es para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum Reino rico.
Em quanto for o Mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre, e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos daraõ com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal, e humano,
Deitado fóra o perfido Tyrano.

XXVII.

Tambem faraõ Mombaça, que se arrêa
De casas sumptuosas, e edificios,
Co' o ferro e fogo seu; queimada, e fêa,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chêa
De lenhos inimigos, e artificios,
Contra os Lusos, com vélas, e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos,

XXVIII.

Das grandes naos do Samori potente,
Que encheráõ todo o mar, co' a ferrea pella,
Que sahe como trovaõ do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, e vella.
Despois lançando arpéos ousadamente
Na Capitaina imiga; dentro nella
Saltando, a fará só com lança, e espada,
De quatrocentos Mouros despejada.

XXIX.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
O mar todo com fogo, e ferro ferve,
Lhe faraõ que com vida senaõ saia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos que faltáram, e os perigos
Do mar, que sobejáram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva veraõ, que espedaçado
Naõ sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com huma coxa fora, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coraçaõ que lhe ficára:
Atè que outro pelouro quebra os laços,
Com que co' a alma o corpo se liára:
Ella solta voou da prisaõ fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu merecefte paz ferena;
Que ao corpo, que em pedaços fe aprefenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena.
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura, e eterna pena,
De efperas, bafilifcos, e trabucos,
A Cambaicos cruéis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo eftupendo,
Trazendo furia, e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe eftá movendo
Fogo no coraçaõ, agua nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o fangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: fenti-lo-ha o Nilo,
Podê-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIIII.

Qual o touro ciofo, que fe enfaia
Para crua peleja, os cornos tenta
No tronco de hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no feio de Cambaia
Entre Francifco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a efpada áffia,
Abaixando-lhe a tumida oufadia.

XXXV.

XXXV.

E logo entrando fero na enſeada
De Dio, illuſtre em cercos, e batalhas,
Fará eſpalhar a fraca, e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas.
A de Melique Yaz, acautelada
Co' os pelouros que tu Vulcano eſpalhas,
Fará ir ver o frio, e fundo aſſento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia eſperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de ſeus ſenhores.
Raios de fogo iraõ repreſentando
No cego ardor os bravos domadores.
Quanto alli ſentiráõ olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah, que deſta próſpera victoria,
Com que deſpois virá ao patrio Tejo,
Quaſi lhe roubará a famoſa gloria
Hum ſucceſſo que triſte, e negro vejo!
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Co' os oſſos guardará, naõ terá pejo
De tirar deſte Mundo aquelle eſprito,
Que naõ tiráram toda a India, e Egito.

XXXVIII.

XXXVIII.

Alli Cafres ſelvagées poderáõ
O que deſtros imigos naõ puderam;
E rudos paos toſtados ſós faraõ
O que arcos, e pelouros naõ fizeram.
Occultos os juizos de Deos ſaõ
A's gentes vãas, que naõ os entendèram:
Chamam-lhe fado mao, fortuna eſcura,
Sendo ſó providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh que luz tamanha, que abrir ſinto;
Dizia a Nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em ſangue tinto
Das Cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será ſeu nome em todo o mar que lava
As Ilhas do Auſtro, e praias, que ſe chamam
De Saõ Lourenço, e em todo o Sul ſe affamam!

XL.

Eſta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com q̃ o Albuquerque irá amanſando
De Ormuz os Parſeos, por ſeu mal valentes,
Que refuſam o jugo honroſo, e brando.
Alli veraõ as ſéttas eſtridentes
Reciprocar-ſe, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem eſtende a Fé da Madre Igreja.

XLI.

Alli de ſal os montes naõ defendem
De corrupçaõ os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar ſe eſtendem
De Gerum, de Maſcate, e Calaiate:
Até que á força ſó de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde ſe lhe ate
Obrigaçaõ de dar o Reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que glorioſas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe corôa,
Quando ſem ſombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a Ilha illuſtriſſima de Goa!
Deſpois, obedecendo ao duro enſejo,
A deixa, e occaſiaõ eſpera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Venceráõ a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já ſobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a eſpada o eſpeſſo, e horrendo
Eſquadraõ de Gentios, e de Mouros.
Iraõ ſoldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros,
Na luz que ſempre celebrada, e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIIII.

XLIIII.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada,
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As séttas venenosas que fizeste,
Os Crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas lembrou-lhe hũa ira que o condena,
Postoque a fama sua o Mundo cerque.
O grande Capitam, que o fado ordena,
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazaõ, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade, e amor desculpa.

XLVII.

XLVII.

Naõ ſerá a culpa abominoſo inceſto,
Nem violento eſtupro em virgem pura;
Nem menos adulterio deshoneſto,
Mas co' hũa eſcrava vil, laſciva, eſcura.
Se o peito, ou de cioſo, ou de modeſto,
Ou de uſado a crueza féra, e dura,
Co' os ſeus hũa ira inſana naõ refrêa,
Põe na fama alva, noda negra, e fêa.

XLVIII.

Vio Alexandre a Apelles namorado
Da ſua Campaſpe, e deo-lha alegremente,
Naõ ſendo ſeu ſoldado exprimentado;
Nem vendo-ſe em hum cerco duro, e urgente.
Sentio Cyro que andava já abrazado
Araſpas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomára em guarda, e promettia
Que nenhum mao deſejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illuſtre Perſa, que vencido
Fora de amor, que, em fim, naõ tem defenſa,
Levemente o perdôa, e foi ſervido
Delle em hum caſo grande em recompenſa.
Por força, de Judita foi marido
O ferreo Balduino; mas diſpenſa
Carlos pai della, poſto em couſas grandes,
Que viva, e povoador ſeja de Frandes.

LVI.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas;
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas:
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No Reino de Bintaõ, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injúrias de mil anos
Vingarás co valor de illustres peitos:
Trabalhos, e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas;
Tudo fico que rompas, e sometas.

LVIII.

Mas na India cobiça, e ambiçaõ,
Que claramente põe aberto o rosto
Contra Deos, e justiça, te faraõ
Vituperio nenhum, mas só desgosto:
Quem faz injúria vil, e sem razaõ,
Com forças, e poder em que está posto,
Naõ vence; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua, e inteira.

LIX.

Mas com tudo, naõ nego que Sampaio
Será no esforço illustre, e assignalado,
Mostrandose no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX.

E naõ menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá de grande, e ousada,
Fará, co'a vista só, perdida, e rota,
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chalé as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
Naõ sem sangue, porém, que nelle geme
Melique, porque à força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz eſte vem Noronha, cujo auſpicio
De Dio os Rumes feros afugenta;
Dio, que o peito, e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem ſuſtenta.
Fará em Noronha a morte o uſado officio,
Quando hũ teu ramo, ó Gama, ſe exprimenta
No governo do Imperio, cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

LXIII.

Das mãos do teu Eſtevão vem tomar
As rédeas hum, que já ſerá illuſtrado
No Braſil, com vencer, e caſtigar
O pirata Francez, ao mar uſado.
Deſpois Capitam mór do Indico mar,
O muro de Damaõ ſoberbo, e armado,
Eſcala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo, e frechas mil terão coberta.

LXIIII.

A eſte o Rei Cambaico ſoberbiſſimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderoſiſſimo
Lhe ajude a defender o ſenhorio.
Deſpois irá com peito esforçadiſſimo
A tolher que naõ paſſe o Rei Gentio
De Calecut, que aſſi com quantos veio
O fará retirar de ſangue cheio.

LXV.

Destruirá a Cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida,
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida.
A frota principal do Samorim,
Que destruir o Mundo naõ duvida,
Vencerá co'o furor do ferro, e fogo:
Em si verá Beadala o Marcio jogo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governá-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum fala.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala:
De sangue, e corpos mortos ficou chêa,
E de fogo, e trovões desfeita, e fêa.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estendarte
Portuguez terá sempre levantado;
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII.

Persas ferozes, Abassis, e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco féras vem;
Faraõ dos Ceos ao Mundo vãos queixumes,
Porque hũus poucos a terra lhe detém.
Em sangue Portuguez juraõ descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos féros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co' os Barões
Que taõ ledos as mortes tem por certas;
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao Ceo subido.
Alvaro quando o Inverno o Mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido;
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

LXXI.

Eis vem deſpois o pai, que as ondas corta
Co' o reſtante da gente Luſitana;
E com força, e ſaber, que mais importa,
Batalha dá felice, e ſoberana.
Hũus paredes ſubindo eſcuſam porta,
Outros a abrem na féra eſquadra inſana.
Feitos faraõ taõ dignos de memoria,
Que naõ caibam em verſo, ou larga hiſtoria.

LXXII.

Eſte deſpois em campo ſe apreſenta
Vencedor forte, e intrépido ao poſſante
Rei de Cambaia, e a viſta lhe amedrenta
Da féra multidaõ quadrupedante.
Naõ menos ſuas terras mal ſuſtenta
O Hydalcaõ do braço triumphante,
Que caſtigando vai Dabul na coſta:
Nem lhe eſcapou Pondá no ſertaõ poſta.

LXXIII.

Eſtes, e outros Baroẽs, por várias partes,
Dignos todos de fama, e maravilha,
Fazendo-ſe na terra bravos Martes,
Viraõ lograr os goſtos deſta Ilha;
Varrendo triumphantes eſtandartes,
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharaõ eſtas Nymphas, e eſtas meſas,
Que glorias, e honras ſaõ de arduas empreſas.

LXXIIII.

LXXIIII.

Assi cantava a Nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
Por mais que da fortuna andem as rodas,
(N'huma consona voz todas soavam)
Naõ vos haõ de faltar, gente famosa,
Honra, valor, e fama gloriosa.

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia, e doce suavidade,
Víram os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada, e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre, e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI.

Faz-te mercê, Baraõ, a Sapiencia
Suprema, de co' os olhos corporais
Veres o que naõ póde a váa sciencia
Dos errados, e miseros mortais;
Sigue-me firme, e forte, com prudencia
Por este monte espesso, tu co' os mais.
Assi lhe diz, e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Naõ andam muito, que no erguido cume
Se acháram, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, taes que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja naõ se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina Verga
Compoz, e hum centro a todos só tem posto:
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca se ergue, ou se abaixa, e hum mesmo rosto
Por toda parte tem, e em toda parte
Começa, e acaba, em fim, por divina arte.

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual, em fim, o Archetypo, que o criou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto, e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande machina do Mundo,
Ethérea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que he sem principio, e méta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie taõ limada
He Deos; mas o q̃ he Deos ninguem o entẽde;
Que a tanto o engenho humano naõ se estende.

LXXXI.

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz taõ clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem;
Empyreo se nomêa, onde logrando
Puras almas estaõ de aquelle bem
Tamanho, que elle só se entende, e alcança;
De quem naõ ha no Mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estaõ, porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano.
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos póde dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII.

LXXXIII.

E tambem, porque a santa Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o Mundo todo, que sustenta:
Ensina-o a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que saõ bóos, guiando favorecem,
Os maos, em quanto pódem, nos empecem.

LXXXIIII.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhes nomes que a antigua Poesia
A seus deoses já dera fabulando:
Que os Anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim, que o summo Deos, q̃ por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda;
E tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão divina veneranda;
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que naõ anda,
Outro corre taõ leve, e taõ ligeiro,
Que naõ se enxerga: he o Mobile primeiro.

LXXXVII

Com este rapto, e grande movimento
Vaõ todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol andando a tento,
O dia, e noute faz com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Taõ lento, e sobjugado à duro freio;
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVIII

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem vês como se veste, e faz ornado
Co' o largo cinto de ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vaõ fazendo.
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu Pai, e o Drago horrendo,
Vê de Cassiopéa a formosura,
E de Orionte o gesto turbulento;
Olha o Cysne morrendo, que suspira,
A Lebre, os Cães, a Nao, e a doce Lira.

LXXXIX.

Debaixo deste grande Firmamento
Vês o Ceo de Saturno, deos antigo;
Jupiter lógo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo;
O claró Olho do Ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás; nuns grave, e noutros leve:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estaõ caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento, e neve;
Os quaes verás que jazem mais adentro,
E tem co' o mar a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
Que naõ sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil experimentam;
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Várias nações, que mandam vários Reis,
Varios costumes seus, e várias leis.

XCII.

Vês Europa Chriſtãa, mais alta, e clara
Que as outras em policia, e fortaléza:
Vês Africa, dos bens do Mundo avara,
Inculta, e toda cheia de brutéza,
Co' o Cabo, que até qui ſe vos negára,
Que aſſentou para o Auſtro a natureza;
Olha eſſa terra toda, que ſe habita
Deſſa gente ſem Lei, quaſi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande Imperio,
De ſelvatica gente, negra, e núa;
Onde Gonçalo morte, e vituperio
Padecerá pela Fé ſancta ſua.
Naſce por eſte incognito Hemiſpherio
O metal porque mais a gente ſua.
Vê que do lago, donde ſe derrama
O Nilo, tambem vindo eſtá Cuama.

XCIIII.

Olha as caſas dos negros, como eſtão
Sem portas, confiados em ſeus ninhos
Na juſtiça Real, e defenſão,
E na fidelidade dos vizinhos.
Olha delles a bruta multidão,
Qual bando eſpeſſo, e negro de eſtorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com deſtreza.

XCV.

Olha lá as alagôas onde o Nilo
Nasce, que naõ souberaõ os antigos:
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos.
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que Ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

Nesta remota terra hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovaõ o nome seu;
Mas contra o fim fatal naõ ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso, e caro:
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.

XCVII.

O Cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este, como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa, e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá saõ, Arquico, e Suaquem.

XCVIII.

XCVIII.

Vês o extremo Suéz, que antigamente
Dizem que foi dos Heroas a Cidade,
Outros dizem, que Arsinoe, e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade.
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, e em Reinos opulenta.

XCIX.

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co' o sepulcro de Sancta Catharina;
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina.
Olha as portas do Estreito, que fenece
No Reino da secca Adem, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos Ceos se não deriva.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, toda da gente vaga, e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra
Ligeiros, e feroces, de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro Estreito de Persia, e faz a traça
O Cabo, que co' o nome se appellida
Da Cidade Fartaque alli sabida.

CI.

Olha Dofar insigne porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta já cá de est'outra banda
De Rozalgate, e praias sempre avaras:
Começa o Reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda seraõ claras
Quando as galés do Turco, e féra armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandaõ dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persia, terras abundantes.
Attenta a Ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
A' côr da Aurora, e vê na agua salgada
Ter o Tygris, e Euphrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o Imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuría de usar fundido cobre,
E de naõ ter das armas sempre os callos.
Mas vê a Ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da Cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIIII.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Pársios vencerá de Lara:
Viráõ provar os golpes, e revezes,
De Dom Pedro de Sousa, que provára
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV.

Mas deixemos o Estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natureza, e dões, usados della:
Carmania teve já por appellido;
Mas vês o famoso Indo, que de aquella
Altura nasce, junto á qual tambem
De outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a íntima enseada;
Do mar a enchente súbita, grandissima,
E a vasante que foge apresurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz a entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estaõ guardando.

CVII.

Vês corre a coſta célebre Indiana
Para o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilaõ) defronte tem de ſi.
Por eſte mar a gente Luſitana,
Que com armas virá deſpois de ti,
Terá victorias, terras, e Cidades,
Nas quaes haõ de viver muitas idades.

CVIII.

As Provincias, que entre hum, e outro rio
Vês com varias nações, ſaõ infinitas:
Hum Reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o demonio leis eſcritas.
Olha que de Narſinga o ſenhorio
Tem as reliquias ſantas, e benditas,
Do corpo de Thomé, Baraõ ſagrado,
Que a Jeſu Chriſto teve a maõ no lado.

CIX.

Aqui a Cidade foi, que ſe chamava
Meliapor, formoſa, grande, e rica:
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente iniqua:
Longe do mar naquelle tempo eſtava,
Quando a Fé, que no Mundo ſe publica,
Thomé vinha pregando, e ja paſſara
Provincias mil do Mundo, que ensinara.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz hum dia o mar, vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e naõ duvída
Poder tirá-lo á terra com possantes
Forças d'homẽes, de engenhos, de elephantes.

CXI.

Era taõ grande o pezo do madeiro,
Que só para abalar-se, nada basta:
Mas o Nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta.
Ata o cordaõ, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso Templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Brachmanes o tem por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Haõ medo de perder a authoridade.

CXIII.

CXIII.

Saõ estes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha a inveja:
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé naõ se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o Mundo veja;
Que inimiga naõ ha taõ dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIIII.

Hum filho proprio mata: logo accusa
De homicidio a Thomé, que era innocente:
Dá falsas testimunhas, como se usa,
Condemnáram-no à morte brevemente.
O Sancto, que naõ vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos Senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado,
Quem foi seu matador, e será crido
Por testimunho o seu mais approvado.
Víram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser o homicida.

CXVI.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos apoz elle; hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brachmanes se enchêram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

CXVII.

Hũ dia que prégando ao povo estava,
Fingíram entre a gente hum arruido;
Já Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao Ceo subido.
A multidaõ das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido;
Hũ dos maos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choráram-te Thomé o Gange, e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se hiam na sancta Fé que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros que os nomes uſurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, ſe ſois mandados, como eſtais
Sem irdes a prégar a ſancta Fé?
Olhai, que ſe ſois ſal, e vos damnais
Na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que ſe ſalgaráõ em noſſos dias
(Infiéis deixo) tantas hereſias?

CXX.

Mas paſſo eſta materia perigoſa,
E tornemos á coſta debuxada.
Já com eſta Cidade taõ famoſa,
Se faz curva a Gangetica enſeada.
Corre Narſinga rica, e poderoſa;
Corre Orixá de roupas abaſtada;
No fundo da enſeada o illuſtre rio
Ganges vem ao ſalgado ſenhorio:

CXXI.

Ganges, no qual os ſeus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que ſejam grandes peccadores,
Eſta agua ſancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigaõ, Cidade das melhores
De Bengala, Provincia que ſe préza
De abundante; mas olha que eſtá poſta
Para o Auſtro de aqui virada a coſta.

CXXII.

CXXII.

Olha o Reino Arracaõ, olha o assento
De Pegú, que já monstros povoáram;
Monstros filhos do feo ajuntamento
De hũa mulher, e hũ cam, que sós se acháram.
Aqui soante arame no instrumento
Da geraçaõ costumam: o que usáram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

Olha Tavai Cidade, onde começa
De Siaõ largo o Imperio taõ comprido;
Tenassari, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por Emporio ennobrecido,
Onde toda a Provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIIII.

Dizem que desta terra, co' as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre Ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Vêas de ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntáram;
Outros que fosse Ophir imaginâram.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás onde o caminho ás naos ſe eſtreita:
De aqui tornando a coſta á Cynoſura,
Se encurva, e para a Aurora ſe endireita.
Vês Pam, Patane, Reinos, e a longura
De Siaõ, que eſtes, e outros mais ſujeita:
Olha o rio Menaõ, que ſe derrama
Do grande lago, que Chiamai ſe chama.

CXXVI.

Vês neſte grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca ſabidas;
Os Laos em terra, e numero potentes,
Avás, Bramás, por ſerras taõ compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos ſe chamam, de ſelvagẽes vidas;
Humana carne comem, mas a ſua
Pintam com ferro ardente, uſança crua.

CXXVII.

Vês paſſa por Camboja Mecom rio,
Que Capitam das aguas ſe interpreta;
Tantas recebe de outro ſó no Eſtio,
Que alaga os campos largos, e inquieta.
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiſcreta,
Que pena, e gloria tem deſpois da morte
Os brutos animaes de toda ſorte.

CXXVIII.

Eſte receberá placido, e brando,
No ſeu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triſte, e miſerando,
Dos procelloſos baixos eſcapados;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injuſto mando executado
Naquelle, cuja lyra ſonoroſa
Será mais affamada que ditoſa.

CXXIX.

Vês corre a coſta que Champá ſe chama,
Cuja mata he do pao cheiroſo ornada:
Vês Cauchichina eſtá de eſcura fama,
E de Ainaõ vê a incognita enſeada:
Aqui o ſoberbo Imperio, que ſe affama
Com terras, e riqueza naõ cuidada,
Da China corre, e occupa o ſenhorio
Deſde o Tropico ardente ao cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre hum Imperio, e outro ſe edifica;
Certiſſimo ſignal, e conhecido,
Da potencia Real, ſoberba, e rica.
Eſtes, o Rei que tem, naõ foi naſcido
Principe; nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoſo
Por Cavalleiro ſabio, e virtuoſo.

CXXXI.

Inda outra muita terra ſe te eſconde,
Até que venha o tempo de moſtrar-ſe.
Mas naõ deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-ſe.
Eſta meia eſcondida, que reſponde
De longe á China, donde vem buſcar-ſe,
He Japaõ, onde naſce a prata fina,
Que illuſtrada ſerá co' a Lei Divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas eſpalhadas:
Vê Tidore, e Ternate, co' o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Com ſangue Portuguez inda compradas:
Aqui ha as aureas aves, que naõ decem
Nunca á terra, e ſó mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Bandá as Ilhas, que ſe eſmaltam
Da vária côr, que pinta o roxo fruto:
As aves variadas, que alli ſaltam,
Da verde noz tomando ſeu tributo.
Olha tambem Borneo, onde naõ faltam
Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que Camphora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

CXXXIIII.

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapados;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado,
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais affamada, que ditosa.

CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada:
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainaõ vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo Imperio, que se affama
Com terras, e riqueza naõ cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desde o Tropico ardente ao cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre hum Imperio, e outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido
Da potencia Real, soberba, e rica:
Estes, o Rei que tem, naõ foi nascido
Principe; nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por Cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se,
Mas naõ deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japaõ, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co' a Lei Divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas;
Vê Tidore, e Ternate, co' o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Com sangue Portuguez inda compradas:
Aqui ha as aureas aves, que naõ decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Bandá as Ilhas, que se esmaltam
Da vária côr, que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha tambem Borneo, onde naõ faltam
Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto
Das arvores, que Camphora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o pao vermelho nota:
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la-ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém naõ na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico Polo vai da linha,
De hũa estatura quasi Gigantea
Homẽes verá, da terra alli visinha.
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora; o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Até aqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar que já deixais sabido,
Viraõ fazer Barões de fortes peitos.
Agora, pois, que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façaõ ser acceitos
A's esposas eternas, e formosas,
Que corôas vos tecem gloriosas.

CXLIII.

Podeis-vos embarcar, que tendes tempo,
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhes disse: e logo movimento
Fazem da Ilha alegre, e namorada.
Levam refresco, e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Nymphas, que haõ de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o Mundo aquente.

CXLIIII.

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nascêram, sempre desejado.
Entráram pela foz do Tejo ameno;
E á sua patria, e Rei temido, e amado,
O premio, e gloria daõ, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

Naõ mais, Musa, naõ mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E naõ do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Naõ o dá a patria, naõ, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
De hũa austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI.

CXLVI.

E naõ ſei porque influxo de deſtino
Naõ tem hum lédo orgulho, e geral goſto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos lédo o roſto.
Por iſſo vós, ó Rei, que por divino
Conſelho eſtais no régio ſolio poſto,
Olhai que ſois (o vede as outras gentes)
Senhor ſó de vaſſallos excellentes.

CXLVII.

Olhai que lédos vaõ, por várias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e a vigias,
A ferro, a fogo, a ſéttas, e a pelouros:
A quentes Regiões, a plagas frias;
A golpes de Idolátras, e de Mouros;
A perigos incognitos do Mundo;
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por ſervir-vos a tudo apparelhados;
De vós taõ longe, ſempre obedientes
A quaeſquer voſſos áſperos mandados,
Sem dar reſpoſta, promptos, e contentes.
Só com ſaber que ſaõ de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes,
Cometteráõ comvoſco, e naõ duvido
Que vencedor vos façam, naõ vencido.

CXLIX.

CXLIX.

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e léda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento;
Tenham Religiosos, exercicios
De rogarem por vosso regimento:
Com jejũus, disciplinas, pelos vicios
Commũus, toda ambiçaõ teraõ por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria váa naõ pertende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido, e fervente,
Estendem naõ sómente a Lei de cima,
Mas ainda vosso Imperio preeminente:
Pois aquelles que a taõ remoto clima
Vos vaõ servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem; hũus os vivos,
E (o que he mais) os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possam dizer, que saõ para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai Conselhos só de exprimentados,
Que víram largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormiaõ Philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina militar prestante;
Naõ se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senaõ vendo, tratando, e pelejando.

CLIIII.

Mas eu que fallo humilde, baixo, e rudo;
De vós não conhecido, nem sonhádo,
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado;
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

CLV.

CLV.

Para ſervir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Muſas dada:
Só me fallece ſer a vós acceito,
De quem virtude deve ſer prezada:
Se iſto o Ceo me concede, e o voſſo peito
Digna empreza tomar de ſer cantada,
Como a preſaga mente vaticina,
Olhando a voſſa inclinaçaõ divina:

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Meduſa
A viſta voſſa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampeluſa
Os Mouros de Marrocos, e Trudante;
A minha já eſtimada e léda Muſa,
Fico que em todo o Mundo de vós cante,
De ſórte que Alexandro em vós ſe veja,
Sem à dita de Achilles ter inveja.

Fim do Canto decimo.

INDEX
DE TODOS OS NOMES PROPRIOS que se contém em este Poema,

Recolhidos e ordenados por João Franco Barreto.

A

Ache-

Alem

Adem, Cidade na Arabia Feliz, situada ao pé de hũa serra, a quem os naturaes chamam de Arzira, que he toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Adonis, bellissimo mancebo, filho de Cinara, e de sua filha Myrrha., a qual foi convertida em huma arvore de seu nome. Foi este muito amado de Venus.

Adriatica Veneza: chama-se assi esta Cidade por estar fundada no mar Adriatico, o qual se chama assi de huma Cidade por nome Adria, que antiguamente esteve entre as bocas do rio Pó, do que agora naõ ha rasto.

Africa, nome da terceira parte do Mundo, e de huma Cidade principal della.

Africo: he o vento que os marinheiros chamam Oes-Sudueste.

Afonso. Cinco Reis teve Portugal deste nome, e todos de muito valor: o primeiro, filho do Conde D. Henrique: o segundo, filho d'ElRei D. Sancho primeiro: o terceiro, filho do mesmo Rei D. Afonso segundo: o quarto, filho d'ElRei D. Dinis: o quinto, filho d'ElRei D. Duarte.

Aganippe, fonte de Beocia, dedicada ás Musas.

Agar, escrava de Abrahaõ, da qual dizem os Mouros que procedem, e assi se chamam netos de Agar, e Agarenos.

Agrippina, mãi do Imperador Nero.

Aiace, filho de Thelamon, e de Hesione, filha de Laomedonte. Foi o mais valeroso e esforçado de todos os Gregos, despois de Achilles. Do qual se diz, que como (Achilles morto) pedisse suas armas, e Ulysses com sua eloquencia movesse os animos dos Juizes Gregos para que a elle lhas dessem, en-

cheia de Principados potentissimos, de Cidades grossissimas, povos, e mantimento infinito. Primeiro foi chamada Germania.

Algarves, Reino annexo ao de Portugal.

Almeidas: estes foram Dom Francisco de Almeida, primeiro Visorrei da India, e D. Lourenço de Almeida seu filho.

Aloe, genero de páo, muito pezado, semelhante ao de Aquila.

Alpheo, Rio que nasce junto a Helis, Cidade de Arcadia, e corre até Achaia, e sumindo-se alli na terra, corre por baixo do chaõ, e do mar, larguissimo espaço, e vai sahir á fonte Arethusa de Sicilia: diz-se agora vulgarmente Rosea.

Alvaro. De dous faz o Poeta mençaõ: hum he Dom Alvaro de Castro, filho de Dom Joaõ de Castro, o qual deixando seu pai em Goa, foi no meio do Inverno a soccorrer Dio; e o outro, Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias (que no sobrenome descordam Barros, e Goes) o qual com Diogo Dias, ou Correa, (em que tambem os sobreditos variam) ficáram em Calecut por feitores, em quanto se a fazenda vendia.

Amalthea, filha de Melisso, Rei de Grecia, foi ama de Jupiter, a qual tinha hum corno, chamado commummente Cornucopia, que tudo o que queriam achavam nelle.

Amasis, Rio de Alemanha, grande, e navegavel; corre entre o Rheno, e o Albis, entra no Oceano, junto a Emdem, Metropoli da Phrysia Oriental.

Ambrosia, especie de herva, semelhante ao Apio; manjar (segundo os Gentios) dos deoses.

Ampaza, Cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

Am-

An-

Antonio: hum he Antonio da Sylveira, Capitam de Dio, a qual elle defendeo valerosamente de Soliman Baxá, Rei do Cano, que foi sobre ella com 63 vélas de Turcos, e 1200 homens, aos quaes desbaratou com muito pouco poder. O outro, Marco Antonio, Cidadaõ Romano principal, o qual em companhia de Marco Lepido, e de Cesar Octaviano, teve o governo do Romano Imperio. Delle se conta, que era taõ affeiçoado a musica, que por ouvir trovinhas, e chistes de Glaphira, deixava a sua mulher Fulvia.

Anubis: em lingua Egypcia significa cam, em cuja fórma os Egypcios honráram ao deos Mercurio.

Aonia, parte montuosa de Beocia, em a qual havia hũa fonte, que todos os que bebiam della ficavaõ Poetas.

Apelles, Pintor eximio.

Apenino, monte altissimo, situado justamente no meio da Italia. Começa nos Alpes, e acaba no extremo de Calabria.

Apio, foi Governador de Roma, o qual por querer tomar huma Virginia a seu marido, acabou mal a vida, preso em ferros.

Apollo, filho de Jupiter, e de Latona, tido entre os Antigos por deos da sabedoria, dos Poetas, das Musas, e se toma ordinariamente pelo Sol.

Apulia, Regiaõ de Italia, visinha ao mar Adriatico.

Aquilo, vento Septentrional.

Ara, constelaçaõ celeste.

Arabia, Provincia entre Judéa, e Egypto.

Arabio, o natural de Arabia, donde dizem que era Mafamede.

Arabica lingua, a lingua dos Arabes, chamados corruptamente Alarves: e se falla, naõ só em Africa, mas na Persia, e muitas partes de Asia.

Ara-

Armenia, Regiaõ de Asia, entre os montes Tauro, e Caucaso, a qual se divide em maior, e menor.
Armusa, Cidade antiga na terra de Magostaõ, visinha de Ormuz, da qual hoje naõ apparecem mais que as ruinas.
Aromata, he o cabo Guardafú, no fim da terra de Africa, e no principio de Asia.
Arquico, Lugar de Ethiopia, sujeito ao Preste Joaõ, e unico porto de toda aquella costa.
Arracaõ, Reino que confina com o de Bengala nas partes da India.
Arronches, Lugar de Alemtejo.
Arsinario cabo, he o que nós agora chamamos Verde.
Arsinoe, filha ou irmãa de Ptolemeo, Rei de Egypto, a qual fundou hum Lugar, que de seu nome se chamou Arsinoe, e agora Suez, na costa do mar Roxo.
Artabro, he o monte, a que hoje chamamos Cabo de finis terræ.
Arzira, he huma serra na Arabia Feliz, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.
Asaboro, he hum Cabo, a que os nossos chamam Moçandaõ, no Reino de Ormuz.
Asia, a terceira parte da terra em número, aindaque a metade em cantidade.
Assyria, Provincia de Asia, dita vulgarmente Soria, ou Suria.
Astianax, filho unico de Heitor, e de Andromacha, ao qual Ulysses lançou de huma torre abaixo, quando os Gregos entráram na Cidade de Troia.
Astréa, filha de Astreo Gigante, e da Aurora; ou segundo outros de Jupiter, e Themis.
Asturias, Provincia de Hespanha, cuja Metropoli he Oviedo, aonde se salváram na inundaçaõ dos Ara-

bes,

tes que o Sol saia. E neste Poema havemos de entender por Reinos, terras, ou portos da Aurora, a India, por estar no Oriente.

Ausonia, foi antiguamente parte de Italia, hoje se toma por toda Italia.

Austro, vento da parte do Sul, chamado vulgarmente Vendaval.

Axio, rio, chamado hoje Brade, ou Varadi, o qual atravessa Macedonia.

Azenegues, Povos de Africa, dos quaes se começa a terra de Guiné: he terra muito falta de agua, e mantimentos.

B

BAbel, em vez de Babylonia.

Babylonia, Cidade dita a grande, onde foi a grande torre de Nembroth, pela qual foram divididas as linguas. Edificou-a, segundo alguus, Semiramis Rainha do Egypto, com taõ admiraveis edificios, que com razaõ foi contada entre as sete maravilhas do Mundo. Passa-lhe pelo meio o rio Euphrates, e antiguamente foi dita Memphis.

Baçaim, Lugar entre Chaul, e Dio, em cuja Fortaleza havia 400. peças de artilheria, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

Bacanor, Lugar da India, na costa do Malabar, em cujo porto Lopo Vaz de Sampaio destruio huma grande armada de paraos d'ElRei de Calecut.

Baccho, filho de Jupiter, e de Semele: foi o primeiro que achou o triumpho, e modo de comprar, e vender: a musica, e o uso do vinho, do qual os Antigos o fingiraõ deos.

Bactro, Rio na Regiaõ Bactriana de Asia, o qual nas-

Be-

Belizario, valerosissimo Capitam de Justiniano Imperador, o qual houve grandes victorias em Persia, e em Italia, e pagou-lhe Justiniano com o prender, e desterrar.

Bellona, deosa das batalhas, irmãa e cocheira de Marte.

Bengala, Reino Oriental, abundante, e rico: pelo meio do qual passa o rio Ganges.

Benjamin, Tribu entre os Hebreos, o qual por forçarem huma mulher do Tribu de Levi, acabou de todo, e a terra foi assolada.

Benomotapa, ou Menomotapá, he o mesmo que entre nós Imperador, e he nome do Senhor do grande Reino de Sofala.

Bethis, he o mesmo que Guadalquibir, rio de Hespanha.

Biblis, fonte de Mesopotamia, em a qual foi convertida Bibli, filha de Mileto, a qual amava muito ao irmaõ Cauno, de quem naõ era amada.

Binraõ, Reino da India.

Bipur, Lugar na costa do Malabar.

Biscaïnho, o natural de Biscaia, Provincia de Hespanha, abundantissima de ferro.

Bohemios, saõ os de Bohemia, Provincia de Európa, a qual fez Reino o Imperador Federico.

Bolonhez: este Conde de que o Poeta faz mençaõ, foi Dom Afonso, irmaõ d'ElRei Dom Sancho de Portugal.

Bootes, constellaçaõ celeste, chamada o sete estrello, e se toma pelas partes do Norte.

Boreas, he o vento que communmente chamam Nornordeste, e assi pelas partes Boreaes entenderemos as do Norte.

Borneo, Ilha muito grande, e muito fertil, e abun-

C

Cai-

Cairo, grandissima e admiravel Cidade, edificada no coraçaõ de Egypto, a qual dizem tem de circuito 22. milhas; sem comprehender muitos e grandissimos arrabaldes. He terra de grande trato, e commercio de toda Asia, Africa, e Europa.

Calatrava, o Mestre de que o Poeta faz mençaõ.

Calayate, Lugar de Socotorá para Ormuz.

Calecut, Cidade do Malabar, e a mais rica de toda a India; da qual se chama Calecut toda a terra de Malabar.

Callisto, filha de Licaon, Rei de Arcadia, mudada em Ursa por Juno, e depois em estrella por Jupiter, a qual se toma pelo Norte.

Calliope, huma das nove Musas, e a principal; e assi invocada dos Poetas nos versos heroicos.

Calpe, hum monte de Gibraltar, chamado Herculano do Poeta, por se dizer huma das columnas de Hercules.

Calypsos, filha de Tethys, e Oceano, grande espérdiçada de Ulysses, o qual a naõ largára nunca, se Jupiter, a requerimento de Pallas, o naõ obrigára.

Cambaia, Reino muito rico, e abastado, pelo qual entra o rio Indo.

Cambalo, he huma pequena Ilha junto a Cochim, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes ao Samorim.

Camboja, Reino maritimo, sujeito ao Reino de Siaõ, pelo qual passa hum grandissimo rio, chamado Mecom, que quer dizer Capitaõ das aguas, cujo nascimento he na China.

Camenas, nome das Musas.

Campaspe, huma dos principaes concubinas de Alexandre Magno, a qual mandando retratar por

 o Apel-

Carmania, Regiaõ da India.

Carpella, he o cabo Jasque, fóra da garganta do estreito Persico.

Carthago, Cidade célebre de Africa, infesta aos Romanos, e em fim, vencida; da qual era natural e Rei hum dos musicos que o Poeta diz: he a saber, Iopas, hum dos competidores da Rainha Dido.

Caspia serra, Caspios montes, e Caspios aposentos; tudo vem a ser huma cousa mesma, e finalmente huma Regiaõ de Scythia.

Cassiopéa, ou Cassiope, mulher de Cepheo, Rei de Ethiopia, a qual (contam) se quiz preferir em formosura ás Nymphas, pelo que, ellas indignadas atáram sua filha Andrómeda a hum penhasco, para que huma besta marinha a comesse: mas Perseo a livrou, e casou com ella: e Cassiopéa, pelos merecimentos do genro, foi trasladada ao Ceo, e agora he huma imagem, ou constellacaõ delle.

Cassio Sceva, Capitam de huma companhia de Cesar, o qual estando á porta de hum Lugar de Macedonia, foi commettido por muitos inimigos, e tendo já hum olho quebrado, muito mal ferida huma coxa, e o braço, e o escudo despadaçado, com muitas feridas por todo o corpo, nunca se quiz render.

Castelbranco, foi Dom Pedro de Castelbranco, Capitam, de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos Turcos.

Castella, saõ duas Provincias de Hespanha com este nome, e dividindo-se com huma montanha, que começa nos confijs de Navarra, e atravessa quasi toda Hespanha até o mar: se distingue tambem com os nomes de Velha, e Nova. Da Nova he cabeça Toledo, e da Velha Burgos.

Castro, foi Dom Joaõ de Castro, Vice-Rei da India,

Dom

Dom Christovaõ, entende da Gama, o qual indo por mandado de Dom Estevaõ da Gama, Governador da India, em favor do Preste Joaõ, contra ElRei de Zeilá, desbaratou duas vezes os Mouros com 500. Portuguezes que levava.

Cicero, he M. Tullio, filho de hum Tullio, e de Elbia sua mulher, Consul Romano, e per si assàz conhecido, e louvado.

Cicones, Povos de Thracia, os quaes tiveram muita guerra com Ulysses, depois da destruiçaõ de Troia.

Cilicios, saõ os de Cilicia, que hoje se chama Carmania, Regiaõ da menor Asia.

Cingapura, he hum Cabo de terra, defronte da Ilha Samatra.

Cintra, Lugar de Portugal, na costa do mar Oceano, à cuja serra chama Varraõ monte Tagro, e outros, serra da Lua.

Cinyras, Rei de Chypre, o qual de huma sua filha chamada Myrrha, teve Adonis, por onde o Poeta o chama filho e neto de Cinyras.

Cinyrea, he Myrrha, filha de Cinyras, a qual foi convertida em huma arvore do seu nome.

Circes, saõ as feiticeiras, porque Circe filha do Sol, e de Perse Nympha, o foi taõ famosa, que com seus encantos e feiticerias transformou (segundo contam as fabulas) os companheiros de Ulysses em porcos.

Claudinas forcas, vide Caudinas forças, que de hum modo, e outro, se póde ler este lugar, alludindo a Claudio Poncio Imperador dos Samnites, ou ao Lugar, chamado Gauda, onde foi o successo que o Poeta aponta, e atraz explicámos.

Cleoneo leaõ, he o que matou Hercules junto a huma

Al-

Coloſſo, eſtatua de metal em Rhodas, dedicada ao Sol; a qual era de muito grande altura, e por eſte reſpeito tida por huma das ſete maravilhas do Mundo.

Columbo, Lugar pequeno, mas o principal porto da Ilha de Ceilaõ.

Comorim: he eſte Cabo defronte de Ceilaõ.

Conca, Cidade de Caſtella a Velha, donde naſce o Rio Tejo.

Congo, Reino antiquiſſimo de Africa.

Conſtantino: o primeiro foi por alcunha chamado Pa-leologo, o qual perdeo a Cidade de Conſtantino-pla: o ſegundo, foi Conſtantino Magno, filho de Santa Helena, o qual fez a Conſtantinopla Cabeça do Imperio.

Conſtantinopla. Veja-ſe Byzancio.

Cordova, Cidade clariſſima de Heſpanha Bethica, Cabeça do Reino do meſmo nome, e patria dos dous Senecas, e Lucano.

Cori, he o meſmo que Comorim.

Coriolano, Varaõ illuſtre Romano, a que Cicero em muitos lugares compara com Themiſtocles, o qual ſendo em humas diſſençóes lançado fóra de Roma, por vingar ſua injúria, lhe fez depois muita guerra.

Corvino. Valerio Meſſala, Tribuno de ſoldados, ſahindo a deſafio com hum Francez, teve em ſua ajuda hum corvo; o qual pondo-ſe-lhe em cima do capacete, de quando em quando fazia dalli ſuas arremetidas contra o Francez, afferrando-lhe no roſto, e nos olhos, com que o Romano ficou vencedor, e dalli por diante com o appellido de Corvino.

Coulaõ, terra da Provincia do Malabar.

Coulete, outro Lugar na coſta do Malabar, ſeis leguas de Calecut.

Cran-

Cy-

Cypria, deosa: he Venus, chamada assi de Cypro, onde era venerada.

Cypro, he a Ilha de Chypre, no mar Mediterraneo, sujeita ao Graõ Turco.

Cyro, Rei dos Persas: veja-se Araspes, para entendimento do Poeta.

Cythéra, Ilha no Peloponeso, chamada hoje Cetigo, dedicada a Venus; a quem por essa razaõ chamam Cytheréa.

D

DAbul, Lugar de Cambaia, que Dom Francisco de Almeida, Viso-Rei da India, entrou á força de armas, e o destruio, sem ficar pedra sobre pedra, nem pessoa viva.

Dalmatas, os de Dalmacia, que agora commummente se chama Esclavonia.

Damaõ, Cidade no Guzarate, Reino da India.

Damasceno, de Damasco, em cujo campo Deos Nosso Senhor creou o primeiro Homem.

Dano, he o morador de Dania, que agora chamamos Dinamarca.

Danubio, o maior, e mais celebrado Rio de toda Europa.

Daphne, Nympha, filha do Rio Peneo, convertida em louro por causa de Apollo.

Dardania, assi se chamou Troia, de Dardano Rei della.

Dario, Rei dos Persas.

David, Rei sanctissimo, e Propheta, cheio de Espirito Santo; de quem disse Deos, que achára hum homem conforme o seu coraçaõ: com tudo, namorado de Bethsabé mulher de Urias seu Cavalleiro,

veio

Di-

Dinis, he Dom Dinis, Rei de Portugal, filho d'ElRei D. Afonso o Terceiro.

Dio, ou Diu, Cidade maritima em o Reino de Cambaia, fertil, abundante, sádia, e de muito trato.

Diogo, hum dos dous feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas, aos quaes Joaõ de Barros chama Alvaro Dias, e Diogo Correia Goes, Diogo Dias, e Alvaro de Braga.

Diomedes, Tyranno cruelissimo de Thracia, o qual sustentava os cavallos com a carne e sangue dos hospedes que agasalhava.

Dione, mãi de Venus, e filha do Oceano, e de Tethys. Algumas vezes se toma pela mesma Venus.

Dite, irmaõ de Jupiter, e Neptuno, deos dos infernos, (segundo os Poetas) chamado por outro nome Plutaõ.

Dofar, Cidade insigne em a costa de Arabia Feliz, donde vem o melhor incenso.

Dorcadas, chamadas por outro nome Gorgonas, querem alguũs que sejam as Ilhas de S. Thomé, e Principe, junto a Manicongo.

Doris, Nympha do mar, filha do Oceano, e de Tethys, e mãi de todas as Nymphas marinhas. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Douro, o maior Rio de Hespanha.

Duarte, primeiro do nome, e undecimo Rei de Portugal: foi filho d'ElRei Dom Joaõ o Primeiro.

E

Eborenses campos, os de Evora Cidade.

Egas; foi Egas Moniz, aio d'ElRei Dom Afonso Henriques.

Egêo, nome de hum Gigante, filho de Titano, e da terra.

Egy-

que

que naõ havia outro bem, mais que comer, e beber, e levar boa vida.

Erycina, he Venus, assi chamada de Eryx, ou Eryce, monte de Sicilia, que hoje se diz de S. Juliaõ, onde antiguamente era venerada.

Erymantho, Rio de Arcadia, que nasce de hum monte do mesmo nome, em o qual Hercules tomou hum javali, que destruia toda a terra, e o levou vivo a ElRei Euristheo, por cujo mandado foi áquella empreza, crendo que morresse nella.

Erythreas ondas, as do mar Roxo, pelo qual o Povo de Israel passou a pé enxuto, fugindo de Pharaó, que com toda sua gente se affogou nelle.

Erythreo seio, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito mar Roxo para dentro.

Escandinavia, he huma Peninsula, onde está o Reino de Suevia, e outros.

Espanha. Vide Hespanha.

Estevaõ, he Dom Estevaõ da Gama, o qual succedeo em o governo da India a Dom Garcia de Noronha, e a quem succedeo Martim Afonso de Sousa.

Estrabo, Philosopho Cretense, e Geographo insigne nos tempos de Augusto.

Estygio lago, o que os Poetas fingem haver no inferno: o qual dizem haver sido taõ venerado dos proprios deoses, que quando juravam por elle, naõ ousavam quebrar o juramento.

Esyre, Nympha, filha do Oceano, e de Tethys.

Ethiopia, Regiaõ de Africa, entre Arabia, e Egypto.

Etna, monte altissimo de Sicilia, chamado hoje Mongibello, o qual deita de si chammas de fogo.

Evora, Cidade célebre de Portugal.

Euphrates, Rio célebre de Asia, que corre por hum lado de Mesopotamia: he hum dos quatro Rios que nas-

F

Francisco, foi o Viso-Rei Dom Francisco de Almeida.
Frandes, Regiaõ da Gallia Belgica.
Fuas, Dom Fuas Roupinho, Cavalleiro Portuguez, e esforçadissimo.
Fulvia, mulher de Marco Antonio.

G

GAbelo, certo morador de Rages na Média, de quem indo Tobias por mandado de seu pai arrecadar hum pouco de dinheiro, e naõ se atrevendo ir sem companheiro, lhe appareceo o Archanjo Saõ Raphael, e o acompanhou té o lugar onde hia.
Gaditano mar, he o Occidental, dito assi de Gades, que he a Ilha de Cadis, sita no Poente.
Galathea, Nympha do mar, filha de Nereo, e Doris, a qual foi muito amada do Gigante Polyphemo.
Galerno, he o mesmo que Favonio vento, ou Zéphyro.
Gallegos, povos de Hespanha.
Gallia, he França.
Gallo, o Francez.
Gambea, rio de Africa, que algũus querem seja o Niger.
Ganges, rio da India, por outro nome Phison, hum dos quatro que nascem no Paraiso Terreal.
Gangetico, cousa do Ganges.
Garumna, rio de França, o qual nasce nos montes Pyreneos, e dividindo a Gasconha de França, entra no mar Oceano.
Gate, monte do Reino de Narsinga, o qual serve aos Malabares de muro, contra os moradores de Bisnaga visinhos.

Goliath, he o Gigante Philisteo, a quem o Sancto David matou com huma funda.

Goriçalo Ribeiro, chamava-se Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual, com Vasco Anes, colIaço da Rainha Dona Maria de Castella, e Fernaõ Martijs de Santarem, fizeram grandes cousas em França, onde passáram a ganhar fama, por sua cavallaria, como entaõ se costumava; e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a hum Castelhano, e em humas justas reaes, que ElRei de Castella fez á sua instancia, fizeram todos tres muitas vantagées.

Gonçalo: este foi o Beato Gonçalo da Sylveira da Companhia de Jesus.

Gotthica gente, os Godos, povos de Scythia, espanto antiguamente de toda Italia, aonde fizeram grandes crueldades, seguindo a Atila seu Rei, e seu Capitam.

Granada, Reino de Hespanha, he huma Cidade assi chamada, na Provincia que he Andaluzia.

Granadil, o de Granada.

Grecia, Regiaõ de Europa, em todas as disciplinas antiguamente celeberrima, hoje quasi sujeita ao Turco.

Grego sabio, he Ulysses, natural de Grecia.

Guadalquivir, he o Bethis Rio, que passa por Sevilha.

Guadiana, rio de Hespanha, que nasce junto á serra de Alcarraz; e junto de hum Lugar que chamam Puebla de Alcaçar, se mete debaixo do chão, e vai sahir dahi nove ou dez leguas.

Guardafu, o Cabo a que os Antigos chamam Aromata, no fim da terra de Africa, e principio de Asia.

Gueos, povos sujeitos ao Rei de Siaõ.

H

odio e traições de sua madrasta Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pai lhe dera, cahio no mar: o qual por esta occasiaõ se ficou dalli chamando Hellesponto.

Hellesponto, he hum braço de mar que divide Asia de Europa, chamado hoje o estreito de Galipoli, ou braço de S. Jorge.

Hemispherio, quer dizer meia esphera, que significa redondeza: e assi chamam os Gregos ao Mundo, como os Latinos, Orbe.

Hemo, monte de Thracia altissimo, em o qual se diz estar o domicilio de Marte: hoje se chama cadêa do Mundo, e toda esta terra he sujeita ao Turco.

Henrique. O primeiro de que o Poeta faz mençaõ, foi o Conde Dom Henrique, pai d'ElRei Dom Afonso Henriques, primeiro de Portugal. O segundo, o Infante Dom Henrique, filho terceiro d'ElRei D. Joaõ o primeiro, com que se achou na tomada de Ceita, e foi o primeiro que entrou as portas della, como o Poeta adiante diz no Canto 8. est. 37. O terceiro, foi hum Cavalleiro Alemam, o qual morreo nesta Cidade de Lisboa, quando foi tomada aos Mouros: ao longo de sua sepultura se conta que nasceo huma palmeira, com a qual, pela virtude deste santo Varaõ, se obravam muitas maravilhas. E o quarto, Dom Henrique de Menezes, por alcunha, o roxo, que succedeo no governo da India a Dom Vasco da Gama, e foi muito virtuoso, e esforçado Cavalleiro.

Hercules, filho de Jupiter, e Alcmena, do qual se escrevem grandes feitos, e se contam principalmente doze trabalhos: dos quaes se explicam alguns, por diversos lugares deste Indice, onde convem para entender os do Poeta.

Her-

tas dizem, da ferida que o cavallo Pégaso alli fez com o pé; a qual he dedicada ás Musas.

Hircinia montanha, dizem ser hum bosque muito grande, e muito espesso, entre o qual, e a terra de Sarmacia, está Alemanha.

Homero, Poeta Grego, e Principe dos Poetas: e por elle ser este, depois de morto, contendêram muitas Cidades de Grecia sobre qual dellas era sua Patria.

Horizonte, no sentido do Poeta he aquella parte do Ceo onde o Sol começa mostrar seus raios.

Hunno, o Hunno fero, foi Atila.

Hyacinthinas flores, de Hyacintho, mancebo amado de Apollo, o qual se matou a si mesmo; e naõ podendo Apollo remediar sua morte, o converteo em huma flor, com as letras A. I. que vem a dizer aî, em lembrança do que Hyacintho deo quando cahio morto.

Hydaspe, ou Idaspe, rio da India, celebrado por sua grandeza.

Hymeneo, filho do deos Baccho, o da deosa Venus, honrado por deos das bodas, entre os Ethnicos, e assi se toma pelas mesmas bodas, e casamentos.

Hyperboreos montes, saõ hũus que ficam na parte Septentrional de Europa.

Hyperionio, he o mesmo Sol, do qual se finge, que depois de ter dado luz neste Hemisspherio, se recolhe ao mar, e com Tethys senhora delle, passa a noite, descansando do trabalho do dia.

Hypotades, he Eolo Rei dos ventos; por ser casado com Sergesta, filha de Hypotas Troiano.

Jano,

I

Idéa selva, huma do monte Ida, junto a Troia, em a qual deo Páris o juizo das tres deosas, Juno, Pallas, e Venus.

Ignez, foi Dona Ignez de Castro, Senhora muito principal, cuja historia com ElRei Dom Pedro he mui sabida.

Illyricos, de Illyrico, ou Illyris, Regiaõ na costa do mar Adriatico.

India, fica entre o Meio dia, e o Oriente, Regiaõ saluberrima, e bem conhecida.

Indo, hum dos maiores rios do Mundo, que rega, e dá nome á India.

Inglaterra, Ilha no mar Oceano bem conhecida, cujos Reis entre outros titulos, tem o de Hierusalem.

Joaõ, ou Joanne: hum foi ElRei Dom Joaõ o Primeiro, chamado de boa memoria, filho d'ElRei Dom Pedro; o outro foi d'ElRei Dom Joaõ o Segundo, filho d'ElRei Dom Afonso Quinto; e o ultimo ElRei Dom Joaõ o Terceiro, filho d'ElRei Dom Manoel: e todos tres foram muito valerosos.

Iopas, hum grande musico de Africa, e tangedor excellentissimo.

Jordaõ Rio, que nasce ao pé do monte Libano, e o primeiro do Mundo pelas maravilhas que nelle foram feitas, e por haver sido baptizado nelle Christo Nosso Salvador, por S. Joaõ Baptista. A agua deste Rio escreve o Senhor de Vallemont Francez, em o livro que fez de suas viagẽes, que naõ se corrompe, nem se gasta jámais: o que experimentou por huma redoma, que cheia della trouxe desde Hierusalem até Veneza, distante mais de 700. leguas huma da outra, segundo o caminho que fez.

Ios, ou Chios, Ilha no mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o Poeta Homero.

La-

L

LActea via, ou Lacteo caminho, he o que chamamos commummente caminho de Sant-Iago.
Lageia, he Cleopatra, Rainha de Egypto.
Lamo, Cidade na costa de Melinde.
Lampecia, irmãa de Phaetonte, filho do Sol.
Lampethusa, outra irmãa do mesmo Phaetonte, a qual com suas irmãas fizeram taõ grande pranto pela cabida de seu irmaõ Phaetonte, que movidos os deoses a piedade as convertêram em álamos.
Laos, povos sujeitos ao Rei de Siaõ.
Lappia, Provincia de Europa Septentrional.
Lara, Cidade da Persia, nos confijs de Ormuz.
Larissea, entende-se Coronis Nympha filha de Leucippo, chamada por outro nome Arsinoe, a qual matou Apollo pelo adulterio que contra elle commetteo.
Latona, mãi de Apollo, que he o Sol, e de Diana, que he a Lua.
Leaõ, Reino de Hespanha, sujeito á Corôa de Castella.
Leiria, Cidade de Portugal.
Leoa, serra asperrissima na costa de Africa.
Leonardo, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama, o qual dizem era muito gracioso, e namorado.
Leonor, foi Dona Leonor Telles de Menezes, mulher de Joaõ Lourenço da Cunha, a quem ElRei D. Fernando a tomou, e se casou com ella.
Lepido, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano, e Marco Antonio, sendo Consules, e inimigos entre si capitaes, vieram a dividir o Imperio

Ro-

Loto, arvore em que foi convertida huma Nympha deste nome; cujo fructo he taõ saboroso, segundo os Poetas, que dizem que os que comem delle se esquecem de suas terras, mulheres, e filhos, como succedeo aos companheiros de Ulysses.

Lourenço: este he Dom Lourenço de Almeida, o qual defronte de Cananor, com onze vélas, em que hiam sómente 800. homẽes, desbaratou huma armada do Samori, composta de 8 náos grossas, e 124 paraos, em que havia gente sem conto.

S. Lourenço, Ilha famosa na costa de Ethiopia, a que os da terra chamaõ Madagascar. Ha nella differentes Reis, hũus Mouros, outros Gentios.

Luis, foi nono do nome em França, e dos Reis 45., filho de Luis oitavo, canonizado por Sancto na Igreja de Deos, pelo Papa Bonifacio VIII. anno de 1197.

Lusitania, he Portugal.

Luso. Vide Lysa.

Lycia, Regiaõ da menor Asia, célebre pelo Oraculo de Apollo; cujos moradores, dizem os Poetas, foram convertidos em rãas, por negarem agua a Latona, passando por alli, em tempo de grande calma, apertada da sede.

Lyeo, hum dos nomes que os Poetas daõ a Baccho, que os Antigos tinham por inventor do vinho, havendo-o sido o Patriarcha Noé.

Lynces, animaes que vem muito.

Lysa, ou Luso, companheiro, ou filho de Baccho; de cujo nome, Portugal se disse Lusitania.

M

Ma-

Malaca, Cidade nobilissima do Oriente, chamada Aurea, assi pelo muito ouro que nella ha, como por sua formosura, e abundancia de todas as boas cousas do Mundo. Diz-se por outro nome Chersoneso.

Malaios, os moradores, e povos de Malaca.

Malavar, Reino do Oriente, onde está situada a Cidade de Calecut.

Maldiva, huma das Ilhas deste nome, e principal de todas ellas, sitas defronte da costa da India: debaixo da agua tem arvores que daõ o coco, que chamamos de Maldiva.

Maluco, saõ cinco Ilhas deste nome, em as quaes se dá o cravo.

Mandinga, Provincia grandissima de Negros, em a costa de Africa, a qual he múito abundante de ouro.

Manoel, foi ElRei Dom Manoel, primeiro do nome, e 15. dos Reis de Portugal, e filho do Infante Dom Fernando, em cujo felicissimo Reinado se descobrio e conquistou a India.

Marathonios campos, estaõ na Regiaõ Attica de Grecia, em os quaes Melciades, valerosissimo Capitaõ dos Athenienses, desbaratou a Date, Capitam de Dario Rei dos Persas.

Marcello, he Marco Marcello, Capitam Romano valerosissimo, o primeiro que venceo a Annibal, Capitam dos Carthaginenses.

Marcio jogo, he a guerra de Marte, a quem os Antiguos tinham por deos della.

Marcomanos, povos de Alemanha, chamados hoje Moravos.

Maria, foi a Raïnha Dona Maria, filha d'ElRei Dom Afonso, o quarto do nome em Portugal, a qual foi casada com ElRei Dom Afonso, segundo do nome em Castella.

Ma-

Mas-

Mascate, Lugar, que está de Socotorá para Ormuz.

Massilia, he a que por outro nome chamamos Mauritanta, e commummente Barbaria.

Dom Mattheus, Bispo de Lisboa, dando batalha a quatro Reis Mouros; a saber, ao de Cordova, ao de Sevilha, ao de Badajoz, e ao de Jaem, que vinham a soccorrer os Mouros de Alcaçar, com muito menos gente os venceo, e os quatro Reis foram mortos, e muita de sua gente.

Mavorte, he o mesmo que Marte, deos da guerra.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Meca, Cidade de Arabia, em a qual ha hum poço, com cuja agua dizem os Mouros se lavava Mafamede, e por isso vaõ tantos a ella de differentes partes em romarias, porque cuidam que este lavatorio sómente basta para sua salvaçaõ.

Mecom, Rio grandissimo, o qual nasce na China, e corre pelo Reino de Camboja. Interpreta-se Capitam das aguas.

Medéa, filha de Eta, Rei de Colchos, grande feiticeira, e mui esperdiçada por Jason, por cujo amor matou a seu irmaõ, e fugindo de seu pai, lho hia lançando pelo caminho em pedaços, porque assi tivesse tempo para fugir, em quanto seu pai se detinha em os recolher.

Medina, Lugar pequeno de Arabia, em o qual dizem está o Çancarraõ, ou calcanhar do maldito Mafamede.

Mediterrano mar, he aquelle que divide a Africa de nossa Europa.

Medusa, filha de Phorco, e de hum monstro marinho; cujo rosto mudava a quem o via, em pedra, como succedeo a Atlante, Rei de Africa, o qual foi convertido em hum monte do mesmo nome.

segundo foi Dom Henrique de Menezes, o roxo de alcunha, de que atraz fica feita menção, dicção Henrique.

Meotis, lagôa de Scythia na Região Septentrional, a que os Scythas chamáram Temerinda, que quer dizer, mãi do mar. Outros lhe chamam mar delle Zabacche, mar della Tana, mar branco, e ultimamente Carpaloe.

Mercurio, filho de Jupiter, e de Maia, a quem os Poetas fazem nuncio dos deoses, e da sciencia, e lhe dão diversos nomes.

Meroe, Ilha grandissima do Nilo, em a qual ha huma Cidade do mesmo nome, que dizem foi edificada por Caribiz, e lhe poz o nome de huma sua irmãa alli sepultada: hoje se chama Neba.

Mincio, Rio que passa junto a Mantua, patria do grande Poeta Virgilio.

Minerva, filha de Jupiter, e deosa da Sabedoria, e de todas as Artes.

Minho, Rio assaz conhecido em estas nossas partes.

Minias, Povos de Thessalia, os que passáram a Colchos em conquista do Vello de ouro, na náo Argos, a qual dizem os Poetas foi a primeira que no Mundo houve; mas he falso, e contra toda a verdade.

Miralmuminim, na lingua Arabiga quer dizer Principe dos Scientes, e assi se intitulava hum Abedramon, Imperador dos Mouros, que dizem fundou a Cidade de Marrocos para Metropoli, e Cabeça de seu estado.

Mirhocem, foi hum Capitem do Soldão do Egypto.

Moçambique, huma povoação pequena em a costa de Ethiopia; a qual he hoje a principal escala que as nossas náos tem na viagem da India.

Ado-

Adonis, taõ luxuriosa, que se deitou occultamente com seu proprio pai, e finalmente dizem foi convertida em a arvore de seu nome.

N

NAbatheos montes, ou Nabatheas serras, saõ as terras do Oriente, onde he a Regiaõ Nabathea, chamada assi de Nabath, primogenito de Ismael, que nella reinou, cuja Metropoli he Petra.

Naïades, ou Naides, saõ as Nymphas das fontes, e dos rios.

Naires, sobrenome dos nobres entre os Malabares, gente da India.

Napoles, chamada Parthenope, de huma Sirena deste nome, he huma illustre e formosa Cidade na Campania, Regiaõ de Italia, e Cabeça do Reino do mesmo nome.

Narsinga, Reino grande e rico do Oriente, o qual por outro nome se chama Bisnagá, da grandissima Cidade Bisnagá, Cabeça e Metropoli do Reino.

Navarra, parte e Reino septentrional de Hespanha.

Navarro, o de Navarra.

Nectar, dizem os Poetas, que he o beber dos deoses, como a Ambrosia, o comer.

Neméo, animal, he o leaõ, que Hercules matou no bosque Neméo em Achaia.

Nemesis, chamada por outro nome Rhamnusia, foi filha do Oceano, e da noite, e tida dos Antiguos por deosa da Justiça.

Neptuno, filho de Saturno, e de Opis, foi entre os Antigos tido por deos do mar, e o principal de todos os deoses marinhos. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Ne-

Ne-

Noronha, he Dom Garcia de Noronha, Viso-Rei que foi da India.

Noruega, Provincia da Europa Septentrional.

Noto, he o vento Sul, ou Vendaval.

Nuno Alvares Pereira, Condestavel destes Reinos, e defensor delles; de cujas maravilhas está o Mundo cheio.

Nymphas, deosas que os Poetas fingem; das quaes as que presidem nas aguas se chamam Naiades; as que nos montes Oreadas; as que nas arvores e bosques Driades, Hamadriades, e Napéas.

O

OBi, Rïo do Oriente.

Obidos, Villa de Portugal.

Oceano, filho de Celo, e Vesta, deos do mar, casado com Tethys, e pai de todos os rios, e fontes. Os Poetas o tomáram por qualquer mar

Octaviano, Cesar Octaviano, Imperador de Roma.

Octavio, he o mesmo que Octaviano.

Ogygia, Ilha no mar Jonio.

Oja, Cidade na Costa de Melinde.

Olympica morada, he o Ceo.

Olympo, monte de Macedonia, chamado hoje de Sancta Cruz, pelo successo que alli teve Santa Helena vindo de Hierusalem. Diz-se que he taõ alto, que passa a Regiaõ do ar, e ordinariamente se toma pelo mesmo Ceo.

Omphale, Raïnha de Lydia, por quem Hercules fez grandes extremos, até fiar e lavrar como mulher.

Ophir, Regiaõ célebre na sagrada Escriptura, abundantissima de ouro, pelo que alguns tem para si, que he a Ilha Samatra junto a Malaca.

Orias

P

Mestre de Calatrava em Castella, grande Cavalleiro, e perseguidor de Infiéis.

Pallas, he Minerva.

Palmella, Villa de Portugal, e Cabeça dos Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago neste Reino.

Pam, neste Poema naõ he o deos dos Pastores, mas hum Reino do Oriente.

Panane, huma das principaes povoações d'ElRei de Calecut.

Panchaia, Regiaõ de Arabia, em a qual ha muitas arvores do incenso.

Pannonios, os de Pannonia, Regiaõ vastissima de Europa, agora dita Hungria.

Panopéa, Nympha do mar, filha de Nereo, e Doris.

Panthea, mulher de Abradatas, Rei dos Susos, formosa, e casta. Vide Araspas.

Paphia deosa, he Venus, de Paphos.

Paphos, Cidade da Ilha de Chypre, dedicada a Venus, donde foi chamada Paphia.

Parcas, saõ tres, Cloto, Lachesis, e Atropos, filhas de Erebo, e da noite, as quaes dizem os Poetas, que desde o nascimento de huma creatura dispõe de sua vida, como lhes parece, fiando; e assi pintam Cloto com a roca, Lachesis fiando, Atropos cortando o fio.

Pares, eram doze Pessoas, seis Ecclesiasticos, e seis Seculares, que Carlos Magno Rei de França escolheo entre os Principaes do Reino, para os levar comsigo á guerra; e chamou os Pares, que foi tanto como se os chamára iguaes. Por outro nome se dizem Paladinos.

Parnaso, monte de Phocis, dedicado ás Musas; ao pé do qual está a fonte Castalia, cuja agua tinha tal virtude, que os que bebiam della ficavam logo Poetas.

Par-

Pene

Peno aſperrimo, he Annibal.

Perillo, hum homem de grande engenho, natural de Athenas, o qual inventou a Phalaris Tyranno hum genero de tormento para matar os homẽes, a que era naturalmente pouco inclinado, que foi hum touro de metal, em o qual metidos os homẽes, e poſto debaixo fógo, bramavam como touros: e o primeiro que padeceo eſta cruel morte, foi o meſmo Artifice.

Perithoo, filho de Ixiaõ, intimo amigo de Theſeo.

Perſas, saõ os moradores de Perſia.

Perſia, Regiaõ de Aſia.

Phaeton, ou Phaetonte, filho do Sol, e de Climene, querendo governar o carro de ſeu pai, abrazou o Mundo, até que Jupiter o matou com hum raio.

Phalaris, Tyranno de Sicilia, o qual naõ paſſava o tempo mais que em inventar generos de tormentos, com que matar os vaſſallos, deſpois de lhes tirar as fazendas.

Pharaó, Rei de Egypto, o qual foi caſtigado de Deos, ſó por mandar lhe levaſſem a caſa Sara, mulher de Abrahaõ.

Phaſis, Rio grandiſſimo, que naſce no monte Caucaſo, e paſſa por Colches, Provincia de Aſia, chamada hoje Mingrelia, ſujeita ao Graõ Cam, ſenhor de Tartaria.

Pheaces, Ilha, a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcira, da qual era natural Demodoco, Muſico excellente.

Phebo, e Apollo, ſaõ nomes do Sol; o qual, e a Lúa, dizem os Poetas ſer filhos de Jupiter, e de Latona, naſcidos ambos na Ilha Delos.

Phenix, ave unica, e ſó no Mundo, a qual dizem vive em Arabia.

Phi-

Policena, filha de Priamo, Rei de Troia. Vide Pyrrho.

Polidoro, filho de Priamo Rei de Troia, ao qual matou Polimnestor, Rei de Thracia, por avareza.

Polimnestor, Rei de Thracia.

Polonios, os de Polonia, Provincia vastissima de Europa.

Polos, saõ dous pontos astrologicos, que commummente chamamos Norte, e Sul, e de ordinario este nome Polo se toma pelo Ceo.

Polyphemo, Cyclope, filho de Neptuno, e da terra, o qual dizem os Poetas tinha hum só olho na testa, taõ grande como huma rodella. Este era fero, cruel, e comedor de carne humana.

Pomona, tinhaõ-na os Antiguos por deosa da fructa.

Pompeio, chamado Magno por suas victorias, e triumphos, foi vencido de Cesar, mas só nisto seu inferior.

Pompilio, foi Numa Pompilio, Rei dos Romanos, o qual despois de se aquietar com seus inimigos, se deo todo ao culto dos falsos deoses.

Pomponio, cognominado Mella, escreveo elegantemente de situ Orbis.

Pondá, fortaleza do Hidalcaõ, tres leguas de Goa pelo sertaõ dentro

Ponente, onde o Sol se põe, a nosso modo de fallar.

Poro, antiguo Rei de Guzarate, grande Cavalleiro, muito esforçado, e muito bellicoso.

Prasso promontorio; he o que commummente chamamos Cabo das correntes.

Progne, filha de Pandiaõ, Rei de Athenas, e irmãa de Philomela, a qual matou a seu filho, e o deo a comer a Tereo seu pai, convertida despois em andorinha.

Pre-

Q

R

REgulo, foi Marco Accio Regulo Consul Romano, o qual quiz antes perder sua vida, que naõ que se perdesse sua patria.

Repelim, Cidade no Malabar.

Rhamnusia, he o mesmo que Nemesis, deosa da Justiça, inimiga dos soberbos, e grande sopeadora dos presumidos.

Rhaudano, chamado por outro nome Rhosne, Rio que nasce nos Alpes, e faz o lago que dizem Losana, a cuja ribeira està Genova

Rheno, he hum pequeno Rio, que nasce do Apenino para Pistoia, e passa junto a Bolonha: chamou-se por outro nome Ebro, e hoje Rira.

Rhodamonte, hum famoso Paladino, em as Poesias de Orlando.

Rhodas, Ilha no mar Carpathio, antiguamente assento dos Cavalleiros de Saõ Joaõ, hoje possuïda dos Turcos.

Rhodope, monte de Thracia.

Ripheos, montes Septentrionaes de Scythia.

Roçalgate, Cabo insigne na Arabia Feliz, onde começa o Reino de Ormuz.

Rodrigo, entende-se Bivar, chamado commummente o Cid Rui Dias, que foi valeroso nas armas, e ganhou muitas terras aos Mouros, havendo muitas victorias delles.

Rogeiro, hum dos Paladinos, de que tratei na dicçaõ Orlando.

Roma, Cidade a mais célebre e nomeada de todo o Mundo, por haver n'outro tempo sobjugado, e metido debaixo de sua obediencia quasi todas as na-

çóes,

S

Sam-

Sampaio, foi Lopo Vaz de Sampaio, Cavalleiro muito esforçado, Governador na India, onde fez cousas maravilhosas.

Sanagá, Rio que divide a terra dos Mouros Azenegues em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos.

Sancho: o primeiro foi ElRei D. Sancho, filho d'ElRei D. Afonso Henriques, muito esforçado, e valeroso: e o segundo, ElRei D. Sancho Segundo, chamado Capello, filho d'ElRei Dom Afonso o Segundo, remisso, e descuidado.

Sansaõ, Hebreo de naçaõ, filho de Manue, do Tribu de Dan, foi milagrosamente dado por Deos a Manue, sendo esteril sua mulher, para destruiçaõ dos Philistheos inimigos de seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça.

Santarem, Villa nobre de Portugal, junto ao Tejo, quatorze leguas de Lisboa.

Sant-Iago, Apostolo sagrado, Padroeiro dos Hespanhoes.

Sara, mulher de Abrahaõ. Vide Pharaó.

Sarama. Vide Perimal.

Sardanapalo, ultimo Rei dos Assyrios, monstro de sensualidade, e luxuria.

Sarmatas, os de Sarmacia, Provincia antigua, chamada agora Livonia.

Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.

Sarracenos, nome de que os Mouros se jactaõ muito, dizendo que procedem de Sarà, mulher de Abrahaõ.

Saturno, filho de Celo, e Vesta, do qual fingem os Poetas que comia todos os filhos que Opis sua mulher paria, e assi he figura do tempo que tudo gasta.

Saul, sexto Rei de Edom, em cujo tempo o Santo

Sertorio, natural de Nursia, (que hoje chamamos Nozza em Italia) o qual recolhendo-se a Hespanha, fez grandes guerras aos Romanos, e lhes venceo muitos Capitães. Este fez seu assento em Evora, a que ennobreceo muito, e fez traier a ella a agua da prata para seu ornato, e provimento.

Sevilha, Cidade célebre em Hespanha, pela qual passa o Rio Bethis.

Siaõ, Reino poderoso da India.

Sichem, filho de Hemor, foi morto, e todos os seus, e a terra destruïda, por tomar Dina a Jacob seu pai.

Sicilia, Ilha famósa, e assaz conhecida, a qual foi antiguamente junta com Calabria, e a dividio hum terremoto, pondo em meio aquelle mar chamado estreito de Messina. Foi mãi dos maiores tyrannos do Mundo.

Siculo mar, o de Sicilia.

Siena, Cidade de Egypto, em a qual dizem, que em certo tempo do anno saõ nella taõ direitos á hora de meio dia os raios do Sol, que em nenhuma parte ha sombra.

Sinai, monte altissimo de Arabia, em o qual Deos Nosso Senhor deo a Lei a Moysés; e está hoje hum Mosteiro de Religiosos da vocaçaõ da Virgem e Martyr Santa Catharina, que nelle tem sua sepultura.

Sinon, Grego, traidor, celebrado de Virgilio em a destruiçaõ de Troia.

Sintra, terra de Portugal, taõ fresca, que no mesmo tempo em que muitos Lugares ao redor della estaõ ardendo em fogo, tem grandes orvalhados, e rocios.

Siqueira, foi Diogo Lopes de Siqueira, que succe-

Sylla, nobre Romano, da antigua familia dos Sci- piões, mas cruel, e facinoroso: morreo coberto e comido de piolhos.
Sylves, Cidade no Reino do Algarve.

T

Tagides, as Nymphas do Rio Tejo, chamado antiguamente Tago.
Tanais, dito communmente Tana, Rio que nasce nos montes Ripheos, e divide a Asia da Europa.
Tanor, Lugar na costa de Melinde.
Taprobana. Vide Ceilaõ.
Tarifa, Cidade de Andaluzia, dita antiguamente Tartesso.
Tarpeia, huma donzella, filha de Tarpeo Romano, Alcaide mór da fortaleza de Roma; a qual com cobiça de humas manilhas que os Sabinos, inimigos dos Romanos, lhe prometteram, deo ordem para entrarem no castello, e em lugar de manilhas lhe deram a morte.
Tarquino, foi Sexto Tarquino, filho de Tarquino o soberbo de alcunha, por commetter adulterio com Lucrecia, mulher de Collatino, acabou mal fóra de Roma, e seu pai perdeo o Reino.
Tarragonez, o da Provincia Tarragonense, huma das três em que Hespanha foi dividida; a qual se chamou assi da Cidade Tarragona sua Metropoli.
Tartesios, saõ os Andaluzes, de Tartesso, que he Tarifa, Cidade de Andaluzia.
Tavai, Cidade antiguamente do Reino de Siaõ, hoje a ultima do Reino de Pegú.
Tavila, Lugar no Reino do Algarve.
Tauro, hum dos maiores montes do Mundo, o qual abra-

pylas; com pouca gente, defendeo de hum grandissimo exercito de Xerxes, Rei dos Persas.

Theseo, filho de Egeo, Rei de Athenas, Heroe clarissimo, emulo de Hercules, e amigo grande de Perithoo.

Thesiphonio, ou Ctesiphonio, Artifice famoso, que fez o Templo de Diana em Epheso.

Thomé, S. Thomé Apostolo de Nosso Senhor Jesu Christo, o qual esteve e padeceo martyrio na Cidade de Meliapor, onde está sepultado.

Thraces, os de Thracia, Regiaõ de Grecia, chamada hoje Romania.

Thyoneo, he Baccho.

Tibre, celeberrimo Rio de Italia, o qual aparta o Janiculo da Cidade de Roma.

Tidore, huma das Ilhas de Maluco na India.

Tigris, Rio famoso na menor Armenia, o qual entra no mar da Persia.

Timavo, Rio dos Venezianos, ao qual os Antiguos chamavam mar, por ter a agua salgada: entra no mar Adriatico com sete, ou nove bocas, e huma dellas de agua doce.

Timor, Ilha do Archipelago, onde estaõ as Malucas.

Tinge, Cidade na Mauritania, e edificada por Antheo, Rei da ultima parte de Mauritania; hoje se diz Tanger.

Tingitana terra, quer dizer terra de Barbaria.

Titam, fingem os Poetas pai da Aurora, que he a manhãa.

Tito, filho de Vespasiano, o qual tomou a Hierusalem, e a assolou, e queimou, naõ deixando pedra sobre pedra.

Tobias, nome proprio, celebrado nas sagradas Letras: pelo seu guiador se entende o Archanjo S. Raphael.

Tole-

Toledo, Reino de Hespanha, chamado assi de huma Cidade deste nome, e sua Metropoli.

Tonante, he Jupiter.

Tormentorio Cabo, he o que communmente chamamos de Boa Esperança.

Toro, Lugar que fica dezoito leguas do Monte Sinai; muito falto de agua.

Torquato, chamava-se Tito Manlio, homem excellente, e taõ observador da disciplina militar, que fez morrer hum proprio filho, ainda que vencedor, por haver vencido sem sua ordem.

Torres Vedras, Villa de Portugal.

Trajano, Imperador de Romanos, Hespanhol de Naçaõ, o qual sujeitando varias Nações por mar, e por terra, conquistou até á India, mas naõ entrou nella.

Trancoso, Villa famosa de Portugal.

Tritaõ, filho de Neptuno, e de Salacia, senhores do mar; e seu trombeta.

Troia, Cidade antiguamente celebre em a Phrygia, Provincia de Asia menor, junto do Hellesponto, a qual foi destruïda pelos Gregos, sem ficar pedra sobre pedra.

Tropico, saõ os Tropicos, certas balizas, e termos do Ceo, entre os quaes anda o Sol, sem passar nenhum delles. Hum se chama de Cancro, da banda do Norte; outro de Capricornio, da banda do Sul.

Trudante, Cidade populosa de Barbaria.

Turcos, os Povos de Turquia.

Tuscos, os mesmos que Toscanos, de Toscana, Regiaõ de Italia.

Tutuaõ, Lugar fronteiro de Africa.

Tuy, Cidade no Reino de Gallisa.

Typhea armas, saõ os raios de que Jupiter usava.

Ty-

Typhão, Gigante, filho de Titano, e da terra, inimigo capital de Jupiter, e dos outros falsos deoses.

Tyria côr, he a grãa, chamada assi de Tyro, Cidade de Phenicia, que hoje se chama Suria, onde se faz excellentissima.

Tyrinthio, he Hercules, chamado assi de Tyrinthia sua patria, em Grecia.

Tyrios, os da Cidade Tyro, de quem se diz foi fundada a Cidade de Cadiz.

Tytiro, pastor celebrado de Virgilio.

V

VAndalia, he Andaluzia, chamada assi dos Vandalos, Povos de Alemanha; que nesta parte fizeram assento.

Venereo, cousa de Venus.

Veneza, Cidade formosa, e rica, e de grandissimo trato, e commercio, edificada no mar, de que está cercada, e se anda toda por mar.

Venus, entre os Antiguos tida por deosa da formosura, e dos amores lascivos.

Vespero, ou Hespero, he o Planeta Venus, que nas partes Occidentaes, em se pondo o Sol, apparece primeiro que todas as Estrellas, e Planetas; e antes que o Sol saia, se vê tambem no Ceo depois de escondidas as outras Estrellas.

Vesta, filha de Saturno, e de Opis, mãi de Tethys senhora do mar.

Viriato, Portuguez valerosissimo, o qual de pastor, e depois de salteador, veio a levantar-se com toda Lusitania, por cuja defensão deo assaz em que entender aos Romanos, por espaço de 14 annos.

Ulcinde, Reino no Oriente, entre Persia, e Cambaia.

Ulys-

X

Z

ES-

ESTANCIAS DESPREZADAS, e omittidas

POR

LUIS DE CAMÕES,

Na primeira impressaõ do seu Poema.

AS Estancias que se seguem foram achadas por Manoel de Faria e Sousa em dous differentes Manuscriptos, que felizmente descobrio do mesmo Poeta. No Discurso Preliminar, que vai ao princípio, antes do Poema, fazemos mais particular e extensa mençaõ destes dous Manuscriptos, e ahi poderá o Leitor inteirar-se cabalmente do seu indubitavel merecimento. Por ora só accrescentamos, que o mesmo Faria e Sousa, nos seus Commentarios que publicou em Madrid; por Juan Sanches, anno de 1639., nos deixou impressas as referidas Estancias naquelles lugares do Commento onde respectivamente pertenciam; e que nós agora, extrahindo-as com toda a fidelidade, e accusando os lugares onde entravam, as lançamos no fim; tanto por naõ perturbarmos ou alterarmos consideravelmente a ordem, e fórma que o Poeta deo ao seu Poema, como para que os mesmos Leitores, que naõ quizerem lê-las, possam omittir a sua liçaõ. Em ultimo lugar advertimos, que o primeiro dos dous Manuscriptos, sendo (segundo o mesmo Faria) digno de toda a estima-

Mas a iniqua mãi seguindo em tudo
Do peito feminil a condiçaõ,
Tomava por marido a Dom Bermudo,
E a Dom Bermudo a toma hum seu irmaõ.
Vede hum peccado grave, bruto, e rudo,
De outro nascido! Oh grande admiraçaõ!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada, e por mulher.

No Canto IIII. á Estancia 2. se seguiam estas tres:

Sempre foram bastardos valerosos
Por letras, ou por armas, ou por tudo:
Foram-no os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antiguo Povo rudo.
Mercurio e o douto Apollo saõ famosos
Por sciencia diversa, e longo estudo:
Outros saõ por armas soberanos;
Hercules, e Lyeo, ambos Thebanos.

Bastardos saõ tambem Homero, e Orphéo,
Dous a quem tanto os versos illustráram;
E os dous de quem o Imperio procedeo,
Que Troia, e Roma em Italia edificáram.
Pois se he certo o que a fama já escreveo,
Se muitos a Philippo nomeáram
Por pai do Macedonico mancebo,
Outros lhe daõ o magno Nectanebo.

Assi o filho de Pedro Justiçoso,
Sendo Governador alevantado

Do

E como a seu Regente fosse acceito,
Entrando hum pouco triste no semblante,
Desta sorte o Thebano lhe fallava,
Apartando-o dos outros com que estava.

No mesmo Canto I., depois da Estancia 80., havia de mais a que se segue:

E para que dês credito ao que fallo,
Que este Capitum falso está ordenando,
Sabe que quando foste a visitallo
Ouvi dous neste caso estar fallando:
No que digo naõ faças intervallo,
Que eu te digo, sem falta, como, quando
Os podes destruir; que he bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado.

No Canto III., depois da Estancia 10. havia de mais no Manuscripto a seguinte:

Entre este mar, e as aguas onde vem
Correndo o largo Tánais de contino,
Os Sarmatas estaõ, que se mantem
Bebendo o roxo sangue, e leite equino.
Aqui vivem os Missios, que tambem
Tem parte de Asia; povo baixo, e indino;
E os Abios que mulheres naõ recebem,
E muitos mais, que o Borysthenes bebem.

No mesmo Canto III., em lugar da Estancia 29. havia esta:

Mas

Mas a iniqua mãi seguindo em tudo
Do peito feminil a condiçaõ,
Tomava por marido a Dom Bermudo,
E a Dom Bermudo a toma hum seu irmaõ.
Vede hum peccado grave, bruto, e rudo,
De outro nascido! Oh grande admiraçaõ!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada, e por mulher.

No Canto IIII. á Estancia 2. se seguiam estas tres:

Sempre foram bastardos valerosos
Por letras, ou por armas, ou por tudo:
Foram-no os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antiguo Povo rudo.
Mercurio e o douto Apollo saõ famosos
Por sciencia diversa, e longo estudo:
Outros saõ por armas soberanos;
Hercules, e Lyeo, ambos Thebanos.

Bastardos saõ tambem Homero, e Orphéo,
Dous a quem tanto os versos illustráram;
E os dous de quem o Imperio procedeo,
Que Troia, e Roma em Italia edificáram.
Pois se he certo o que a fama já escreveo,
Se muitos a Philippo nomeáram
Por pai do Macedonico mancebo,
Outros lhe daõ o magno Nectanebo.

Assi o filho de Pedro Justiçoso,
Sendo Governador alevantado

Do

Do Reino, foi nas armas tão ditoso,
Que bem póde igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o Reino receoso
De ser do Castelhano sobjugado,
Aos seus o medo tira, que os alcança,
Aos outros a falsifica esperança.

No mesmo Canto IIII., depois da Estancia 11. havia a seguinte:

Nem no Reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro officio:
Nem na Cidade nobre, que se abona
Com ser dos Scipiões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
Mandou soldados destros no exercicio:
Todos estes ajunta o Castelhano
Contra o pequeno Reino Lusitano.

Ahi mesmo, depois da Estancia 13. se lia est'outra:

Oh inimigos maos da natureza
Que injuriais a propria geração!!
Degenerantes, baixos! Que fraqueza
De esforço, de saber, e de razão,
Vos fez que a clara estirpe que se préza
De leal, fido, e limpo coração,
Offendais dessa sorte? Mas respeito
Que este dos grandes he o menor defeito.

No

No mesmo Canto IIII., em lugar da Estancia 21. apparecia no Manuscripto a seguinte:

Qual o mancebo claro, no Romano
Senado, os grandes medos aquebranta
Do grão Carthaginez, que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta,
Que a patria duvidosa libertou,
O que Fabio invejoso não cuidou.

Pouco mais abaixo, depois da Estancia 27. apparecia esta:

Já a fresca filha de Titam trazia
O sempre memorado dia, quando
As vesperas se cantam de Maria,
Que este mez honra, o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
Determinado: logo, em branqueando
A alva no Ceo, os Reis se aparelhavam,
E as gentes com palavras animavam.

No mesmo Canto IIII., depois da Estancia 35. appareciam as tres que se seguem, em que o Poeta fazia memoria de alguns Potuguezes que morrêram na tal batalha.

Passáram a Giraldo co' as entranhas
O grosso, e forte escudo, que tomára

A

A Perez que matou, que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixára.
Morrem Pedro, e Duarte, (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criára
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas, e nas mortes.

Morrem Lopo, e Vicente de Lisboa,
Que estavam conjurados a acabarem,
Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos nesta guerra se affamarem.
Por cima do cavallo Afonso voa:
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco, que matára)
O vaõ privar assi da vida chara.

De tres lanças passado Hilario cai;
Mas primeiro vingado a sua tinha;
Naõ lhe peza porque a alma assi lhe sai,
Mas porque a linda Antonia nelle vinha:
O fugitivo esprito se lhe vai,
E neste o pensamento que o sostinha;
E sahindo da dama, a quem servia,
O nome lhe cortou na boca fria.

Neste mesmo Canto IIII., em lugar da Estancia 39., havia no Manuscripto a que aqui se segue a

Favorecem os seus com grandes gritos
O successo do tiro; e elle logo

Torna outra: (que faziam infinitos
Dos que as vidas perdêram neste jogo)
Entre entrestando-a forte, e d'arte incita
A' brava guerra os seus, que ardendo em fogo
Vaõ ferindo os cavallos de esporadas,
E os duros inimigos de lançadas.

Depois desta, e depois da Estancia 40. deste Canto IIII., havia no mesmo Original as oito que se seguem aqui, nas quaes o Poeta fazia mençaõ da morte de alguns Castelhanos.

Velasques morre, e Sanches de Toledo,
Hum grande caçador, outro Letrado:
Tambem perece Galbes, que sem medo
Sempre dos companheiros foi chamado:
Montanchez, Oropesa, Mondonhedo
(Qualquer destro nas armas, e esforçado)
Todos por mãos de Antonio, moço forte,
Destro mais que elles, pois os trouxe á morte.

Guevara roncador, que o rosto untava,
Mãos, e barba, do sangue que corria;
Por dizer que dos muitos que matava
Saltava nelle o sangue, e o tingia:
Quando destes abusos se jactava,
De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que alli lhe foi partida
Do corpo a vãa cabeça, e a torpe vida.

Pelo ar a cabeça lhe voou,
Inda contando a historia de seus feitos:
Pedro, do negro sangue que esguichou,
Foi todo salpicado, rosto, e peitos;
Justa vingança do que em vida usou.
Logo com elle ao ocaso vaõ direitos,
Carrilho, Joaõ da Lorca, com Robledo,
Porque os outros fugindo vaõ de medo.

Alcazar, grão taful, e o mais antigo
Rufiaõ que Sevilha entaõ sostinha,
A quem a falsa amiga, que comsigo
Trouxe, de noite só fugido tinha.
Fugio-lhe a amiga, em fim, para outro amigo,
Porque vio que o dinheiro com que vinha,
Perdeo todo de hum resto: e naõ perdera,
Se huma carta de espadas lhe viera.

O desprezo da amiga o desatina;
E o Mundo todo, a terra, e o Ceo vagante,
Blasfemando ameaça, e determina
De vingar-se em qualquer que achar diante.
Encontra com Gaspar, (que Catharina
Anda em extremo) e leva do montante,
Que no ar fere fogo; e certo cria
Que hum monte da pancada fenderia.

Bem cuida de cortá-lo em dous pedaços;
Porém Gaspar, vendo o montante erguido,
Cerra com elle, e leva-o nos braços;
Comettimento destro, e atrevido.

Bracea o Castelhano, e de ameaços
Se serve ainda, e estando já vencido,
O Portuguez forçoso, em breve mora,
Lhe leva a arma das mãos; e salta fóra.

E porque elle não lhe use a propria manha,
Que este lhe usára já, de ponta o ferido,
Nos peitos o montante, em fim lhe banha,
Porque de outra vingança desespere.
Fugio-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartarea inda blasphema; alli refere
Que mais não açoutar a amiga ingrata,
Que os açoutes de Alecto o pena, e mata.

E do metal de espadas aos damnados
Diz males, e blasphemias sem medida:
Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutão de seus peccados
Que se lhe mostre a amiga já fugida,
Em brincos de ouro, e beijos enlevada:
Remette elle para ella, e acha nada.

Neste mesmo Canto IIII, depois da Estancia 44. havia no Original as duas seguintes:

Oh pensamento vaõ do peito humano!
Agora neste cego error cabiste?
Agora este formoso e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste?

Agora que com sangue, e proprio dano,
A dura experiencia acerba, e triste,
To tem mostrado. E agora que o provaste,
Os conselhos darás, que naõ tomaste.

Dos corpos dos imigos Cavalleiros,
Do mato os animaes se apascentáram:
As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com agua destilláram.
Os pastores do campo, e os monteiros
Da visinha montanha, naõ gostáram
As aves de rapina em mais de hum anno,
Por terem o sabor do corpo humano.

Os ultimos quatro versos da Estáncia 49. do mesmo Canto IIII. estavaõ muito differentes no Manuscripto; e depois destes havia mais duas Estancias: tudo como se segué.

Ponderando tamanho atrevimento,
Disse a Neptuno entaõ Protheo Fropheta:
Temo que desta gente, gente venha,
Que de teus Reinos o grão sceptro tenha.

Já toma a forte porta inexpugnavel,
Que o Conde desleal primeiro abrio,
Por se vingar do amor inevitavel
Que a fortuna em Rodrigo permittio.
Mas naõ foi esta a causa detestavel
Que a populosa Hespanha destruio:

Jui-

Juizo de Deos foi por causa incerta;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.

Já agora, ó nobre Hespanha, estás segura
(Se segurar te podem Cavalleiros)
De outra perda como esta, iniqua, e dura,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.
Assi se deo á prospera ventura
Do Rei Joanne a terra, que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestára;
E vencida ficou mais nobre, e clara.

Na Estancia 61. deste mesmo Canto IIII., eram os ultimos cinco versos no Manuscripto como aqui vaõ.

Da prospera Cidade de Veneza:
Veneza, a qual os Povos que escaparam
Do Gotthico furor, e da crueza
De Attila edificáram pobremente,
E foi rica despois, e preeminente.

Depois da Estancia 66. do mesmo Canto IIII. havia no Original a seguinte:

Naõ foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime throno, e governança,
Este, de cujo illustre e forte peito
Depende huma grandissima esperança;
Pois naõ havendo herdeiro mais direito
No Reino, e mais por esta confiança,

Jo-

Joanne o escolheo, que só o herdasse,
Naõ tendo filho herdeiro que reinasse.

Quasi ao fim do mesmo Canto IIII, depois da Estancia 86. havia no Manuscripto as duas seguintes:

Alli lhe promettemos, se em socego
Nos leva ás partes, onde Phebo nasce,
De, ou espalhar sua Fé no Mundo cego,
Ou o sangue do Povo pertinace.
Fizemos para as almas santo emprego
De fiel confissaõ, pura, e verace,
Em que, postoque Hereges a reprovam,
As almas, como a Phenix, se renovam.

Tomámos o divino mantimento,
Com cuja graça santa tantos dias,
Sem outro algum terrestre provimento,
Se sustentáram já Moysés, e Helias,
Pam, de quem nenhum grande pensamento,
Nem subtis e profundas phantasias
Alcançam o segredo, e virtude alta,
Se do juizo a Fé naõ suppre a falta.

No Canto VI., depois da Estancia 7., se achava no mesmo Original mais huma, que Manoel de Faria e Sousa reputou admiravel; e por isso se admira muito de que o Poeta a omittisse. He, pois; como se segue:

Lá

Lá na sublime Italia hum celebrado
Antro secreto está, chamado Averno;
Por onde o Capitam Troiano ousado
A's negras sombras foi do escuro inferno.
Por alli ha tambem hum desusado
Caminho, que vai ter ao centro interno
Do mar, aonde o deos Neptuno mora:
Por alli foi descendo Baccho agora.

Depois da Estancia 24. do mesmo Canto VI. havia a que se segue.

A dor do desamor nunca respeita
Se tem culpa, ou senaõ tem culpa a parte;
Porque so a cousa amada vos engeita,
Vingança busca só de qualquer arte.
Porém quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre foge amor de quem o segue?

Ahi mesmo, depois da Estancia 40., havia as cinco seguintes, em que Leonardo proseguia a sua narraçaõ.

De que serve contar grandes historias
De Capitães, de guerras affamadas,
Onde a morte tem asperas victorias
De vontades alheas sobjugadas?
Outros faraõ grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas:

Eu as farei, se for no Mundo ouvido;
De como só de huns olhos fui vencido.

Naõ foi pouco aprazivel a Velloso
Tratar-se esta materia, vigiando;
Que com quanto era duro, e bellicoso,
Amor o tinha feito manso, e brando.
Taõ concertado vive este enganoso
Moço co' a natureza, que tratando
Os corações taõ doce, e brandamente,
Naõ deixa de ser forte quem o sente.

Contai (disse) Senhor, contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas.
Concederam os mais vigiadores,
Que alli fossem de todos referidas
As historias que já de amor passáram;
E assi sua vigia começáram.

Disse entaõ Leonardo: Naõ espere
Ninguem que conte fábulas antigas:
Que quem alheas lagrimas refere,
Das proprias vive isento, e sem fadigas.
Porque despois que amor co' os olhos fere,
Nunca por taõ suaves inimigas,
Como a mi só no Mundo tem ferido
Pyramo, nem o nadador de Abido.

For-

Fortuna que no Mundo póde tanto;
Me deitou longe já da patria minha,
Onde taõ longo tempo vivi, quanto
Bastou para perder hum bem que tinha.
Livre vivia entaõ, mas naõ me espanto,
Senaõ que sendo livre, naõ sostinha
Deixar de ser captivo, que o cuidado,
Sem porque, tive sempre namorado.

Depois destas cinco, e da Estancia 80., seguia-se a 81. com esta differença:

Divina Guarda, Angelica, Celeste,
Que o Astrifero Polo senhoreas;
Tu que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Se por mores perigos me trouxeste,
Que ao Itacense Ulysses, ou a Eneas,
Passando os largos terminos de Apolo,
Pelas furias de Tethys, e de Eolo.

Ao fim deste mesmo Canto VI., depois da Estancia 94., continuavam no primeiro Manuscripto as seguintes sete:

Olhai como despois de hum grande medo,
Taõ desejado bem logo se alcança;
Assi tambem detraz de estado ledo
Tristeza está, certissima mudança.
Quem quizesse alcançar este segredo
De naõ se ver nas cousas segurança,

Cre-

Creio, se escudrinhá-lo bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoudecesse.

Naõ respondo a quem disse, que a fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
Que mandou Deos ao Mundo por coluna
Deosa, que ora se abaixe, ora levante.
Opiniaõ das gentes importuna
He ter, que o homem aos Anjos semelhante,
Por quem já Deos fez tanto, se puzesse
Nas mãos do leve caso que o regesse.

Mas quem diz que virtudes, ou peccados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos;
Que me dirá, se os maos vir sublimados?
Que me dirá, se os bõos vir abatidos?
Se alguem me diz, que nascem destinados,
Parece razaõ aspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado a meu destino,
Que mais me val ser Santo, que malino?

Viram-se os Portuguezes em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Venus a cousa delles mais querida.
Mas o Cabral, que o numero acrescenta
Dos naufragios, na Costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou por destino, ou por acerto.

Se

Se havia de perde-la em breve instante,
O salva-la primeiro, que lhe val?
Fortuna alli, se he habil: e prestante,
Porque naõ dava hum bem detraz de hum mal?
Bem dizia o Philosopho elegante
Simonides, ficando em hum portal
Salvo, donde os amigos morrer vira,
Na sala arruinada, que cahira.

Oh poder da fortuna taõ pezado,
Que tantos n'hum momento assi mataste!
Para que maior mal me tẽes guardado,
Se deste que he tamanho me guardaste?
Bem sabia que o Ceo estava irado;
Naõ ha damno que o seu furor abaste;
Nem fez hum mal tamanho, que naõ tenha
Outro muito maior, que logo venha.

Mui bem sei que naõ falta quem me désse
Razões subtis, que o engenho lhe assegura;
Nem quem segundas causas revolvesse;
Materias altas, que o juizo apura.
Eu lhe fico que a todos respondesse,
Mas naõ o soffre a força da escriptura:
Respondo só, que a longa experiencia
Enlea muitas vezes a sciencia.

Atéqui as Estancias que se achavam no primeiro Manuscripto. Continuam agora as do segundo, que fora de Manoel Correa Montenegro.

No

No Canto VIII., depois da Estancia 32.; havia as tres seguintes:

Este deo grão principio á sublimada
Illustrissima Casa de Bragança,
Em estado, e grandeza avantajada
A quantas o Hespanhol Imperio alcança.
Ves aquelle, que vai com forte armada
Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
O valeroso intento que pertende,
E a Villa de Azamor combate, e rende?

He o Duque Dom Gemes, derivado
Do tronco antiguo, e succesor famoso,
Que o grande feito emprende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso;
Deixando desta vez tão admirado
A todo o Mundo, e o Mouro tão medroso;
Que inda até gora nunca lhe he despedido
O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais avante
Não passa co' a Catholica conquista,
Nos muros de Marrocos, e Trudante,
E outros lugares mil á escala vista;
Não he por falta de animo constante,
Nem de esforço, e vontade prompta, e lista;
Mas foi por não passar o limitado
Termino, por seu Rei assignalado.

Sem ter por armas quem lho contradiga,
Correr de Mauritania serra, e prado.
Mas vê como a infiel gente inimiga
O prende por hum caso desastrado;
E com elle outra gente leva presa;
Que em tal caso naõ póde ter defesa.

Mas passado este trance perigoso,
Olha onde preso vai, e como arrebata
A lança de hum dos Mouros, e furioso
Com ella a seu Senhor derriba, e mata.
E revolvendo o braço poderoso,
Os seus livra, e os imigos desbarata:
E assi todos alegres, e triumphantes
Se tornam donde foram presos antes.

Ei-lo cá por engano outra vez preso,
Está na escura e vil estrebaria,
Carregado de ferros, de tal peso,
Que de hum lugar mover-se naõ podia.
Vê-lo de generoso fogo acceso,
Que o páo ensanguentado sacudia,
Com que ao soberbo Mouro a morte dera,
Que em sua honrada barba a maõ puzera?

Mas vê como os infidos Agarenos,
Por mandado lhe daõ do Rei descrido
Tanto açoute por isto, que em pequenos
Lhe fazem sobre as costas o vestido,
Sem que ao forte Varaõ vozes, nem menos
Ouvissem dar hum intimo gemido:

Já

Já vai a Portugal despedaçado
O vestido a pedir ser resgatado.

Olha Cabo de Aguer aqui tomado
Por culpa dos Soldados de soccorro
Vês-o grande Carvalho alli cercado
De imigos, como touro em duro corro
De trinta Mouros mortos rodeado,
Revolvendo o montante, diz: Rois morro;
Celebrem mortos minha morte escura,
E façam-me de mortos sepultura.

Ambas pernas quebradas, que passando
Hum tiro, espedaçado lhas havia;
Dos giolhos, e braços se ajudando,
Com nunca visto esforço, e valentia
Em torno pelo campo se tirando
Vai a Agarena dura Companhia,
Que com dardos, e settas, que tiravam,
De longe dar-lhe a morte procuravam.

Neste mesmo Canto X. appareciam no referido Manuscripto de Montenegro, depois da Estancia 73. as onze seguintes:

Com taes obras, e feitos excellentes
De valor nunca visto, nem cuidado,
Alcançareis aquellas preeminentes
Excellencias, que o Ceo tem reservado
Para vósoutros, entre quantas gentes
O Sol aquenta, e cerca o humor salgado:

Que em poucos se acham poucas repartidas,
E em nenhuma Naçaõ juntas, e unidas.

Religiaõ, a primeira, sublimada,
De pio: e santo zelo revestida;
Ao culto divinal sómente dada,
E em seu serviço e obras embebida.
Nesta, a gente no Elysio campo nada,
Se mostrou sempre tal em morte, e vida,
Que póde pertender a primazia
Da Illustre e Religiosa Monarchia.

Lealdade he segunda, que engrandece,
Sobre todas, o nobre peito humano;
Com a qual semelhante ser parece
Ao Coro celestial, e soberano.
Nesta por todo o Mundo se conhece
Por taõ illustre o Povo Lusitano,
Que jámais a seu Deos, e Rei jurado,
A fé devida e pública ha negado.

Fortaleza vem logo, que os Authores
Tanto do antiguo Luso magnificam,
Que os vossos Portuguezes com maiores
Obras, ser verdadeira certificam:
Dando materia a novos Escriptores,
Com feitos, que em memoria eterna ficam;
E vencendo do Mundo os mais subidos,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Con-

Conquista será a quarta, que no Imperio
Portuguez só reside com possança:
Pois no sublime e no infimo Hemispherio
As quatro partes só do mundo alcança:
E as quatro Nações dellas por mysterio
Com que conquista, e tem certa esperança,
Que Christãos, Mouros, Turcos, e Gentios,
Juntarão n'huma lei seus senhorios.

Descobrimento he quinta, que bem certo
A' gente Lusitana só se deve,
Pois tendo Norte a Sur já descoberto,
Adonde o dia he grande, e adonde breve:
E por caminho desusado, incerto,
De Ponente a Levante, inda se atreve
Cercar o Mundo em torno por direito:
Feito despois, nem antes, nunca feito.

Deixo de referir a piedade
Do peito Portuguez, e cortezia,
Temperança, fé, zelo, e caridade,
Com outras muitas, que contar podia.
Pois asegundo o ponto da verdade,
E regras da mortal Philosophia,
Não pode conservar-se huma virtude,
Sem que das outras todas se arme, e ajude.

Mas destas, como base, e fundamento
Daquellas cinco insignes excellencias,

Em que ellas tem seu natural assento,
E de quem tomam suas dependencias:
Naõ quero aqui tratar, que meu intento
Naõ he descer a todas menudencias,
Que geraes saõ no mundo a muita gente,
Senaõ das que em vós se acham tamsòmente.

Mas naõ será de todo limpo, e puro,
O curso desigual de vossa historia:
Tal he a condiçaõ do estado escuro
Da humana vida, fragil, transitoria:
Que mortes, perdições, trabalho duro
Aguaráõ grandemente vossa gloria;
Mas naõ poderá algum successo, ou fado,
Derribar-vos deste alto e honroso estado.

Tempo virá, que entrambos Hemisphérios
Descobertos por vós, e conquistados,
E com batalhas, mortes, captiverios,
Os varios Povos delles sujeitados:
De Hespanha os dous grandissimos Imperios
Seram n'hum senhorio só juntados,
Ficando por Metropoli, e Senhora,
A Cidade que vos manda agora.

Ora, pois, gente illustre, que no Mundo
Deos no gremio Catholico conserva,
Redemidos da pena do profundo,
Que para os condemnados se reserva,
Por vos dotar o que perdeo o immundo
Lusbel, com sua infame e vil caterva;

Pois

Pois sabeis alcançar a gloria humana,
Fazei por naõ perder a soberana.

Ultimamente, depois da Estancia 141. deste Canto X., se achou no Manuscripto de Montenegro mais esta que aqui vai:

Daqui sahindo irá, onde acabada
Sua vida será na fatal Ilha:
Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de taõ grande maravilha;
Veraõ a náo Victoria celebrada
Ir tomar porto junto de Sevilha,
Despois de haver cercado o mar profundo,
Dando huma volta em claro a todo o Mundo.

Porque se naõ percam totalmente composições do nosso Poeta, com summo gosto fizemos aqui memoria destas Estancias, convencidos de que ellas saõ hum monumento digno da posteridade, e de ser vingado daquelle esquecimento, em que o tinha posto a incuria, negligencia, e descuido de hum grande numero de Editores, á excepçaõ de Manoel de Faria e Sousa, verdadeiro estimador destas cousas.

Seguem-se as Lições várias, achadas tambem pelo mesmo Faria, na conferencia dos dous Manuscriptos, com hum exemplar da primeira ediçaõ. O que vai de redondo he o que o Poeta desprezou; e o que se achar de grifo he o que im-

imprimio. Os numeros saõ os das Estancias. Cremos que o Leitor estudioso da liçaõ Poetica tirará huma naõ pequena instrucçaõ, se cuidadosamente se applicar a fazer as devidas e convenientes reflexões sobre as mesmas emendas. As que se seguem saõ as do primeiro Manuscripto.

LIÇÕES VARIAS.

CANTO I.

EST. 4. E vós Tagides Musas. *E vós Tagides minhas.*

Pois sempre. *Se sempre.*

5. Que Marte. *Que a Marte.*

8. Vós ó sagrado Rei. *Vó poderoso Rei.*

Do torpe Mauritano. *Do torpe Ismaelita.*

10. Vereis o peito. *vereis o nome.*

11. Commũus façanhas. *Com vãas façanhas.*

12. Os onze. *Os doze.*

14. Albuquerque invencibil. *Albuquerque terribil.* Entende-se que o Poeta (que nada escrevia sem ponderaçaõ) fez esta mudança, depois que soube que Affonso de Albuquerque mandára matar hum soldado, por certo delicto, que ou podia ser perdoado, ou devia ser punido com menor pena.

18. Muito mais do que os vossos o desejam. *De regerdes os povos, que o desejam.*

20. Quatro versos no meio desta Estancia achavam-se no Manuscripto trocados desta maneira:

Pizando o crystallino Ceo formoso
Pelo caminho Lacteo excellente,
Se juntam em Concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.

Com

22. Com hum gesto severo. *Com gesto alto severo.*

23. Os outros mais abaixo. *Mais abaixo os menores.*

24. Deve-vos de ser noto, e evidente. *Deveis de ter sabido claramente.*

25. Contra o Brigio duro. *Contra o Castelhano.* Quasi todas as vezes que Camões nomeava os Castelhanos, dizia *Brigios*, fundado talvez em que Garibay, lib. 4., cap. 8., Julian del Castillo, nos seus Reis Godos, lib. 2., Geronymo Manel, na sua Chronologia, part. 1. e outros, chamavam a Castella *Briga*, ou *Brigia*, de *Brigo*, seu Rei, que fora neto de Tubal; porém mudou o Poeta de parecer; e, segundo se lia nos Manuscriptos, á excepçaõ de hum só lugar do seu Poema, em que conservou a palavra *Brigios*, em todos os outros onde tinha *Brigio*, e *Brigios*, escreveo *Castelhano*, e *Castelhanos*.

26. Por Capitam Geral o peregrino, que achou *Hum por seu Capitam, que peregrino fingio.*

32. Esta Estancia naõ estava no Manuscripto, e o Poeta a compoz depois.

33. Por quanta semelhança. *Por quantas calidades.*

34. A alma déa. *A clara dea.*

38. Cujo valor. *Cuja valia.* E colhe-se daqui, que *valia* em Portuguez era synonymo de valor; e como tal apparece na Est. 8. do Canto IIII.

Cu-

Juiz perfeito. *Juiz direito.*

42. Ilha Madagascar. *Ilha de Saõ Lourenço.*

43. Donde tomam as ondas. *Na Costa da Ethiopia.*

44. O grande Capitam. *O forte Capitam.*

Que toda a armada manda, e lhe obedece. *Que a tamanhas emprezas se offerece.*

48. A ancora o mar ferindo. *Da ancora o mar ferido.*

54. He o nome da Ilha. *Chama-se a pequena Ilha.*

58. Os ventos desabridos. *Os furiosos ventos.*

61. Conserva doce excellente, co' o purpureo licor que Baccho cria. *Conserva doce, dá-lhe o ardente, naõ usado licor, que dá alegria.*

64. Da India valerosa. *Da India taõ famosa.*

67. Maças bravas. *Chuças bravas.* Fez o Poeta esta mudança, porque já naquelle tempo usavam pouco das maças.

71. Que aos da armada. *Que aos estrangeiros.*

72. Do inimigo. *Do obsequente.* Ao regio aposento. *Ao cognito aposento.*

79. Tem discorrido. *Tem destruido.* Contra nós lá nos altos pensamentos. *Contra nós, e que todos seus intentos.* Para nos destruirem. *Saõ para nos matarem.*

81. Instruto. *Astuto.*

86. Qual em cavallo ardente. *Hum de escudo embraçado.* E está mudado, e emendado, com a advertencia de que alli naõ havia cavallos. Na maõ, qual arco curvo. *Outro de arco encurvado.* An-

87. Andam na escaramuça polvorosa. *Andam pela ribeira alva arenosa.* Com a lança. *Com a hastea.*

88. Corre, salta, assovia. *Salta, corre, sibila.*

92. Os fortes paraos. *Os pangaios subtijs.* A má tençaõ contrária. *A vil malicia perfida.*

98. Povo Christão habita. *Povo antiguo Christão sempre habitou.*

104. Na figura do Mouro. *Na fórma de outro Mouro.*

CANTO II.

Est. 1. Humida. *Lenta.* Infidas. *Fingidas.*

4. Ou rubí fino, ou duro diamante. *O rubi fino, o rigido diamante.*

5. Que porque a noite o Sol esconde. *Que porque o Sol no mar se esconde.*

11. Co' as linguas. *Das linguas.*

12. Bromio. *Baccho.*

13. Da filha. *Da moça.*

14. Falso rio. *Salso rio.*

16. Gama Illustre. *Nobre Gama.*

19. Lindas filhas. *Alvas filhas.*

20. Fresca. *Crespa.* Levantadas. *Encurvadas.*

24. Trabalhando. *Atravessando.*

26. E por salvar-se a nado arremetiam. *Saltando na agua, a nado se acolhiam.*

28. Agua clara. *Agua amara.*

29. O Capitam claro. *O Gama attentado.*

30. Insperado. *Inopinado.* Acudir á fraca gente. *A' fraca força.*

Que

34. Que aos deoſes. *Que ás eſtrellas.*
36. Os freſcos. *Os creſpos.*
39. Te achaſſe amigo brando. *Te achaſſe brando, affavel.* A algum celeſte. *A algum contrario.*
41. Como iroſa. *De mimoſa.*
44. Nem que outro algum celeſte. *Nem que ninguem comigo.* Que eſſes olhos. *Que eſſes choroſos olhos.*
45. Neſta Eſtancia eſtavam no Manuſcripto os dous verſos de Enéas antepoſtos aos de Antenor, deſta ſorte:

Que ſe o facundo Ulyſſes eſcapou
De ſer na Ogygia Ilha eterno eſcravo;
E ſe o piedoſo Enéas navegou
De Scylla, e de Charybdis o mar bravo;
E ſe Antenor os ſeios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
Os voſſos mores couſas intentando,
Novos Mundos ao Mundo iraõ moſtrando.

46. Poſtas. *Dadas.*
50. Eſtar Mavorte. *O grão Mavorte.*
52. Vereis mais. *E vereis.*
53. Nas Accias guerras forte, e venturoſo. *Nas civis Accias guerras animoſo.*
58. E claro. *E raro.* Neſta Eſt. eſtava o ultimo verſo, primeiro que o penultimo.
61. Manſo o vento. *Sereno o tempo.*
64. Vê ferir. *Ve ferida.*
68. Suſpiram. *Reſpiram.* Manſamente. *Brandamente.*
70. Como o Illuſtre Gama. *Como o Gama muito.*

Coſ-

74. Costa atraz. *Serra atraz.*

77. Lá de longe tinha. *De longe trazia.* Excellente: *Côr ardente.* Com o coral puniceo tem. *O ramoso coral fino, e prezado.*

80. Famosa. *Soberba.* Nomeadas. *Apartadas.*

86. Nenhum temor, ou medo. *Nenhum frio temor.*

95. De obra subtil de poucos alcançada. *Onde a materia da obra he superada.* O pyropo na adaga. *Na cinta a rica adaga.*

96. Ao Sol ardente veda. *A solar quentura veda.* E de outrem naõ sabido. *Horrisono no ouvido.*

98. Co'a pluma a gorra. *Pluma na gorra.*

101. Já no batel entrava o Capitam do Rei. *Já no batel entrou do Capitam o Rei.*

104. O Sol revolve. *O Ceo revolvem.*

106. As bandeiras. *As bombardas.*

107. O Illustre Gama. *Forte Gama.*

111. Que quem he o que ignora, e naõ conhece as famas. *Que quem ha que por fama naõ conhece as obras.*

112. Trabalho estranho. *Trabalho illustre.*

CANTO III.

Est. 1. Docta dama. *Linda dama.* O amor divino. *O amor devido.*

3. O Capitam claro. *O sublime Gama.*

10. Fria Dania. *Lappia fria.* Os Hunnos, a grão Gotthia. *Escandinavia Ilha, &c.* O desabrido. *O congelado.* Grão parte. *Hum braço.* Pelo

lo Baltico, Russio, e Lithiano. *Pelo Brussio, Suecio, e frio Dano.*

14. Da agua a que tem humilde. *Das aguas que taõ baixa.* O Mundo todo. *Nações varias.*

16. França. *Gallia.*

17. Belligeros. *Bellicosos.*

18. Estreito claro. *Sabido estreito.*

20. O Sol. *Phebo.* Com que ao proprio Mauritano deitou dos proprios fijs. *Contra o torpe Mauritano, deitando-o de si fóra.*

21. Esta he aquella. *Esta he a ditosa.* Que torne vivo. *Que eu sem perigo.* Com tamanha empreza. *Com esta empreza já.* Serme-ha gosto entre os homens excessivo. *Acabe-se esta luz alli comigo.* Que do antiguo Divo Baccho Thebano. *Que de Baccho antiguo.* Foram companheiros. *Filhos foram parece, ou.* Nella parece. *E nella então.*

22. Daqui o Pastor. *Desta o.* A eterna Roma. *A grande Roma.*

24. Com este. *Com hum Rei.* *Afonso.* Premios, e galardões. *Premio digno, e dões.*

25. Lhe deram Portugal, que então. *Portugal houve em sorte, que no Mundo então.* Naõ era conhecido. *Naõ era illustre.*

27. De Christo. *De Deos.*

31. A inquieta. *A soberba.*

33. Sentimento. *Entendimento.*

34. Convocado da. *Para vingar a.* O taõ fino. *O taõ raro.*

35. Torna o Castelhano. *Foi refazer-se o imigo.*

De

36. Do Lusitano. *Do moço illustre.*
37. De Castella. *Castelhano.*
38. Segurança. *Confiança.*
40. Inclinado. *Já entregado.* Submettido. *Offrecido.*
42. Orgulhoso. *Ditoso.*
43. Naquelle Deos. *No summo Deos.* Por muito mais doudice. *Por mais temeridade.*
44. Reis saõ os Mouros. *Reis Mouros saõ.*
45. Ao Principe. *A Afonso.*
46. Por Dom Afonso Rei. *Por Afonso alto Rei.*
49. O cego mato. *O seco mato.* Estiondó. *Estridor.*
51. Que podiam mover. *Para se desfazer.*
55. A secca Arronches. *A forte Arronches.*
56. Fortes. *Nobres.* Forte Mafra. *Tambem Mafra.*
58. Povos. *Muitos.* Mouros. *Muros.*
59. Claro. *Cheio.*
60. Que o Rheno, Albis, e Ibero. *Que o Ibero o vio, e o Tejo.*
62. Sobre humano. *Mais que humano.*
65. Vence hum grande. *Desbarata hum.*
66. Sessenta mil peões de seda. *Innumeros peões de armas.* Valentes. *Guerreiros.*
67. Dava o Principe indignado. *Affonso subito mostrado.* Na gente, que passava. *Na gente dá, que passa.* Hũus captiva, outros mata. *Fere mata, derriba.* Já foge o Rei que só. *Foge o Rei Mouro, e só.*
68. Paz Augusta. *Badajoz.*

Du-

77. Dura tuba. *Ronca tuba.*

79. Força. *Esforço.* Daqui se colhe, que todas as vezes que o Poeta usa da palavra *força* entende por ella *fortificaçaõ*, ou *cópia.*

83. Próspero. *Príncipe.*

88. Famosa. *Formosa.* Que trouxera o contraste. *Que viera por contraste.*

89. Gallega. *Soberba.*

90. Que de antes os perros. *Porque d' antes os Mouros.* O deixáram. *O pagáram.*

93. Sublimado. *Costumado.* E de Senhores. *A Senhores.* Naõ he. *Naõ for.*

96. No Reino já tranquillo. *Na terra já tranquilla.*

97. Delphico. *Soberbo.*

99. Que nunca foi. *Porque naõ he.*

100. Exército. *Barbaro.*

101. Muitas. *Grandes.*

102. Paternos. *Paternaes.*

105. Os versos desta Est. tinham no Manuscripto a seguinte collocaçaõ:

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
 O corrente Moluco se congela;
 Se esse gesto que mostras claro, e ledo,
 De pai o verdadeiro amor assela;
 Rompe toda a tardança: acude cedo
 A' miseranda gente de Castela;
 Acude, corre, pai; que senaõ corres,
 Póde ser que naõ aches quem soccorres.

106. A bella Venus. *A triste Venus.*

107. Trilhados. *Coalhados.*

O

111. O fraco e gentil Pastor. *O Pastor inerme estar.* O famo. *O fraco.*
112. A gente. *Ao Reino.*
113. A que. *Alli.*
114. Tamanha presteza. *Esforço tamanho.*
Naõ lhe val elmo, malha. *Sem lhe valer defeza.* O duro. *O forte.*
115. Altos Reis. *Fortes Reis.*
116. Terça parte. *Quarta parte.* Tres moios. *Alqueires tres.*
117. Esta Est. naõ se vio no Manuscripto; e o Poeta a accrescentou depois.
120. Lédo. *Doce.* Doce. *Lédo.* Só o soïdoso campo. *Nos campos saúdosos.*

Pondera Manoel de Faria e Sousa neste lugar, que em tempos mais antiguos senaõ dizia em Portuguez *saúdoso*, e *saudade*, mas sim *soïdoso*, e *soïdade*, termos que elle tem por mais expressivos: diz mais, que no seu tempo se conservava ainda na plebe o uso destas duas ultimas palavras; concluindo, que a impertinente, e affectada elegancia dos cultos, antes que a humilde e syncera simplicidade da plebe, era quem corrompia, e pervertia mais o uso natural dos Idiomas.

123. Por tirar ao. *Por lhe tirar o.* Do poder Mouro seja. *Do furor Mauro fosse.*
124. Baixa. *Crua.* Saüdosas. *Piedosas.*
125. Que já as. *Porque as.*
130. Por bóos taes feitos. *Por bom tal feito alli.* Feros. *Feroces.*

132. Duros. *Brutos.* Na marmorea columna. *No colo de alabastro.* Fingindo. *Banhando.*

133. Crua. *Sceva.*

134. Assi está morta a misera. *Tal está morta a pallida.* Linda. *Viva.*

135. Longamente. *Longo tempo.* Gentil. *Fresca.*

136. Pedro naõ visse. *Naõ visse Pedro.*

138. Viciosissimo. *Sem cuidado algum.*

139. Hum fraco. *Hum baixo.*

140., 141. Estas duas Estancias naõ estavam no Manuscripto; e foram depois accrescentadas pelo Poeta.

142. De hum vulto Meduseo, sereno ardente. *Vulto de Medusa propriamente.*

143. Riso. *Gesto.*

CANTO IV.

1. Rei perdido. *Rei Fernando.*

2. Da fraqueza, ou descuido. *Descuido remisso.* Poucos dias. *Pouco tempo.* Que este só era entaõ do Reino. *Por Rei como de Pedro unico.*

4. Tambem. *Entaõ.*

7. Se o morto Conde Andeiro. *Se a corrompida fama.*

8. Que do antiguo Brigo o nome tomou, depois mudado. *Que de hum Brigo, se foi, já teve o nome derivado.* Das Cidades, e Villas, que. *Das terras que Fernando, e que.* Com tanta honra ganhou. *Ganháram do Tyranno.*

9. Divisas. *Insignias.*

10. Toledo, obra antigua de Bruto. *Toledo, Cidade nobre, e antigua.*
11. A guerra movem as tres. *Movem da guerra as negras.* Moradores. *Matadores.*
15. O bravo. *O patrio.*
16. Claros. *Feros.* Vencêram. *Vencestes.*
17. Celebrados. *Sublimados.*
19. Os Brigios. *Estes.*
21. Aquella gente esforça Nuno. *Desta arte a gente força, e esforça Nuno.*
22. Cada hum se armava, como lhe. *Arma-se cada qual como.*
24. Gallos. *Francezes.*
25. Antaõ Vaz de Almada o. *Antaõ Vasques de Almada he.* Abrantes. *Abranches.* Claro. *Forte.*
26. Gloriosas. *Bellicosas.* A' vista. *Defronte.* Mas maior he o medo que. *E todas grande duvida.*
28. Lusitana. *Castelhana.* Territico. *Terrivel.*
29. A vida. *Da vida.*
32. Julio Magno. *Julio, e Magno.*
33. O forte. *O nobre.*
36. Ferida. *Parida.*
37. O monte bello, e os Sete Irmãos. *Os montes Sete Irmãos atroa, e.*
41. Do vulgo, em fim, que naõ tem. *Tambem do vulgo vil sem.* Do Brigo. *Do inimigo.*
44. A infausta sede. *A sede dura.*
48. A Fé de Christo, a Fé. *A Lei de Christo, a Lei.*
51. Nesta Estancia faltava no Manuscripto o verso 6.

Por-

53. Porque Hespanha naõ perecesse. *Porque se Hespanha naõ temesse.*
54. Vencer-se de ninguem. *Poder ninguem vencer.*
58. No Reino. *Nos Reinos.*
61. Com presteza. *Celebrada.*
62. As ondas Adriaticas. *Pelo mar alto Siculo.* Pelo mar de Canopo ás costas. *E dalli as ribeiras altas.* Sobem-se a. *Sobem-se. á.*
63. E vendo as altas. *Ficam-lhe atraz.* Detraz o monte Caspio lhe ficou. *Que o filho de Ismael co' o nome ornou.* Vendo-a a Felice a. *Feliz, deixando a.*
67. E como nunca já do. *O qual como do nobre.* Deixasse de ser hora, nem. *Naõ deixasse de ser hum.*
69. Debaixo. *Diante.* Largas. *Claras.*
74. Primeiro. *Com tudo.*
75. Caro. *Escuro.* Rubicunda. *Pudibunda.*
82. Entrambos de ousadia. *Ambos saõ de valia.* Primor. *Furor.*
84. Rica arêa. *Branca arêa.*
85. Nos Ceos. *No Olympo.*
86. Ante. *Para.*
88. Dos Frades neste officio. *De mil Religiosos.*
95. Hum vento. *Huma aura.*
96. Chamaste. *Chamam-te.*
98. Deixou. *Deitou.*
100. Comnosco. *Comtigo.* Elle nas. *Elle por.*
102. Facundo. *Profundo.*
103. A todo o. *Para o.* De entendimento. *De altos desejos.*

CANTO V.

13. Esta Estancia naõ estava no Manuscripto, e o Poeta a compoz de novo.
18. Falsas aguas. *Altas ondas.*
19. No mar. *No ar.*
22. Toma. *Tira.*
27. Depressa. *Por força.*
28. Que o rudo. *Que o bruto.*
31. Diz. *Cre.*
33. *A resposta lhe démos taõ crescida.* Neste lugar diz Manoel de Faria e Sousa, que tanto na primeira Ediçaõ, como no Manuscripto de que usava, se lia em lugar de *crescida*, *tecida*; mas que elle, por naõ entender bem o que fosse *resposta tecida*, e por attribuir isto a erro de Impressaõ, ou de Amanuenses, emendára, e puzera em lugar de *tecida*, *crescida*. Em obsequio da verdade, e da obrigaçaõ em que estamos a este insigne Escriptor, cuja memoria será sempre respeitada entre os Sabios; confessaremos em todo o tempo, que Manoel de Faria e Sousa foi quem mais trabalhou e se cansou para que tivessemos huma Ediçaõ a mais certa, e a mais exacta das obras deste Poeta; mas tambem naõ soffreremos nos diga absolutamente, que elle neste lugar emendára, e puzera. Todos sabem que a primeira Impressaõ deste Poema se fez em Lisboa no anno de 1572. em quarto, e que logo no mesmo anno,

no, e na mesma Cidade, se fez segunda Impressaõ, mais correcta, e emendada, tambem em quarto. No anno de 1584., doze annos depois da primeira e segunda Impressaõ, e cinco depois da morte de Luis de Camões, em Lisboa, por Manoel de Lyra, sahio o mesmo Poema impresso em oitavo, com humas breves notas. Crêmos que esta fosse a terceira Ediçáo, da qual presentemente temos hum exemplar diante dos olhos, onde no Canto V., Estancia 33., verso 4., se acha:

A resposta lhe démos taõ crescida.

Poucos annos depois, que foi no de 1613, sahio posthumo o chamado Commento de Manoel Correa; e esta Ediçaõ, que tambem temos presente: nos mostra o mesmo verso, da mesma sorte impresso:

A resposta lhe démos taõ crescida.

Todas as outras Edições, (trabalhadas mais pelo interesse de sórdidos Impressores, que pelo zelo do credito do Poeta, ou da Naçaõ) das quaes temos presentemente a maior parte, nos deram sempre o referido verso com a palavra *tecida*, em lugar de *crescida*; admirando-nos naõ pouco, de que tambem assim se ache na impressaõ de 1609. dedicada por Domingos Fernandes a D. Rodrigo da Cunha, que depois foi Arcebispo de Lisboa; por ser esta sem controversia a melhor, a mais certa, e a mais completa, (á excepçaõ da do mesmo Faria) que se fez deste Poema. De tudo o que fica dito

fará

fará o Leitor ſeu juizo; advertindo ſer provavel, que aquelles dous Editores de 1584., e 1613., como contemporaneos do Poeta, achaſſem originaes ſeus, ou pelo menos viſſem copias immediata e fielmente extrahidas delles, e que por iſſo nos déſſem naquelle lugar a palavra *creſcida*, em lugar de *tecida*.

39. No mar. *No ar.*

43. Sabei. *Sabe.* Vós fazeis. *Tu fazes.*

45. A dura Quiloa aſperrima. *A deſtruída Quiloa com.*

49. Temeroſo, e ronco. *Eſpantoſo, e grande.*

51. As coſtas. *As ondas.*

53. Por guerra. *Por armas.*

54. Naõ ſoube. *Naõ pude.*

55. Linda Tethys inclyta. *Branca Tethys unica.*

57. Vergonha. *Deshonra.*

60. Toou. *Soou.* Me. *Nos.* Attendeo aqui o Poeta a ſer guia de Vaſco da Gama, particularmente o Anjo Saõ Raphael, cuja imagem, como devoto ſeu, levava no navio, que tambem tinha eſte nome.

61. Rutilante. *Radiante.*

67. Co' o mar tamanho eſpaço eſtava. *Co' o mar parece, tanto eſtava.* Romper. *Vencer.*

74. Invençaõ do ſagrado. *Encommendado ao ſacro.*

76. Algũus nomes Arabios. *Palavra alguma Arabia.*

88. Que cantando. *Que co' o canto.*

91. Da nao. *Do mar.*

Co-

93. Como a vez. *Como a voz.* E diz Faria que foi erro da penna.

CANTO VI.

1. Mouro os famosos. *Pagaõ os fortes.*
2. Sereno Rei. *Famoso Rei.*
3. Do Mouro. *Do Pagaõ.*
6. A forte Lusitania. *A gente Lusitana.*
8. Deoses muitos. *Deoses do mar.*
9. Rutilante. *Radiante.*
10. Da qual e. *Na qual do.* A mui. *A taõ.*
14. Esperando. *Aguardando.*
18. Mexilhões. *Breguigões.*
25. Enriquecem os. *Em riquissimos.*
26. Faltavam os versos 5., e 6., que o Poeta accrescentou.
28. N'outro tempo. *Com razaõ.*
29. Taõ grandissimas. *E insolencias taes.*
30. Que de hum meu Capitam. *Que de hum vassallo meu.*
31. Aquelles. *Os Minias.*
33. Que Jupiter. *Que o grão Senhor.* Naõ por razaõ senaõ por caso o. *Como lhe bem parece o baixo.*
38. Fundo ponto. *Fundo aquoso.* Rica. *Lassa.*
39. Bem. *Mal.* Seus. *Mil.*
40. Enganar. *Passar.*
70. Desta arte arrazoavam vigiando, quando. *Mas neste passo assim promptos estando, eis.*
71. A rasgam. *A fazem.*

Tar-

72. Tardando. *Cessando.*
73. Rijos. *Duros.*
75. Brados. *Gritos.*
81. O Astrifero Polo. *Os Ceos, e mar, e terra.*
92. Baixa. *Alta.*

Aqui daõ fim as Lições várias do primeiro Manuscripto: seguem-se agora as do segundo; no qual, naõ obstante estar viciado por Manoel Correa Montenegro, de quem havia sido, sempre Manoel de Faria observou as mudanças que se seguem.

CANTO I.

4. Musas do Tejo. *Tagides minhas.*
9. Bello gesto. *Tenro gesto.*
10. Materno. *Paterno.* Paterno. *Superno.*
16. Remate. *Exicio.* O colo mostra. *Mostra o pescoço.*
21. O Antarctico Polo. *O Austro tem.*
22. Sereno. *Severo.*
49. De prata. *De vidro.*
58. De Phebe. *Da Lũa.*
62. Nautica. *Maritima.*
67. Béstas. *Arcos.*
89. Estouro. *Brado.*
106. Verme. *Bicho.*

CAN-

CANTO II.

1. Deos Neptuno. *Deos Nocturno.*
43. Segredos. *As entranhas.*
52. Hum coraçaõ taõ inclyto, e valente. *Tanto hum peito soberbo, e insolente.*
53. Nas intestinas guerras venturoso. *Nas Civis Accias, &c.*
56. Manda o bem fallado. *Manda o consagrado.*

CANTO III.

49. O gado. *O fato.* Fato aqui está pelo mesmo gado, porque em phrase pastoril isso mesmo significa. O mesmo Poeta na Eclog. VI. diz.: *Do seu gado, e pobre fato.*
71. Que teu sogro victoria alcance indina. *Ter teu sogro de ti victoria dina.*
84. Os saudosos campos. *Os semeados campos.*
97. O supremo exercicio. *O valeroso officio.*
126. Em cruentas rapinas. *Nas rapinas aereas.*
140. Deste vicio. *Do peccado.*

CANTO IV.

1. Traz ás vezes o Sol. *Traz a manhãa serena.*
16. Vencêram. *Vencestes.*
39. O sangue ardente. *O fogo ardente.*

CAN-

CANTO VI.

21. Alabaſtrino. *Cryſtallino.*
80. Firmes. *Velhas.*

CANTO VII.

74. Verme. *Bicho.*
77. *De hum velho, de ſemblante ſoberano.* Eſte verſo aſſim deve ler-ſe, e naõ como vai no ſeu lugar.

CANTO VIII.

5. Eſquadras. *Batalhas.*
62. Precioſos. *Valeroſos.* Liga. *Lia.*
64. Que o eſpirito divino lhe infundia. *Que Venus, &c.*

CANTO IX.

7. Sulphureos tiros. *Trovões horrendos.*
10. Outros volvem co' o peito a dura barra. *Outros quebram co' o peito duro a barra.*
17. Que naõ lhe cabe o coraçaõ no peito. *Que o coraçaõ para elle he vaſo eſtreito.*
21. Grandes dúvidas, e contendas, houve em todos os tempos, entre os Commentadores, e Editores deſte Poema, ſobre a verdadeira, e genuïna liçaõ do verſo 6. da Eſtancia 21. do

Can-

Canto IX. E principiando pelo Manuſcripto de Manoel Correa Montenegro, com cujas lições várias vamos continuando; nelle, affirma o meſmo Faria e Souſa, que ſe lia o tal verſo deſta maneira: *Co' o terreno que cerca o grão Proteo.* Na primeira Ediçaõ, que foi em 1572., ſe lê: *Da primeira co' o terreno ſeio.* Na ſegunda, feita no meſmo anno: *Da mãi primeira co' o terreno ſeio.* Na de Manoel de Lyra em 1584.: *Da primeira co' o terreno ſeio.* Na de Domingos Fernandes em 1609., dedicada a D. Rodrigo da Cunha, que depois foi Arcebiſpo de Lisboa, que he a mais eſtimavel, e correcta, e de que já acima fallámos: *Da mãi primeira co' o terreno ſeio.* Depois em 1613. veio o celebrado Commento (aſſim chamado) de Manoel Correa, que ſe imprimio poſthumo; onde ſobre eſta Eſtancia novamente teimou o meſmo Correa, que havia de ler-ſe: *Da primeira co' o terreno ſeio*; porém reconhecendo que o verſo ficava deſconcertado, e perdido, para ſuſtentar o ſeu delirio, ſahio por outra veréda; e ſem mais ſe embaraçar, nem dar alguma ſatisfaçaõ, em quanto á intelligencia do lugar, e ao ſentido e contexto delle, que fica ainda mais perdido do que o meſmo verſo, paſſou a dizer, que o verſo para ficar certo, ſe haviam de eſcrever e pronunciar ſeparadamente as duas vogaes que conſtituem o diphthongo *ei* na palavra *primeira.* Notavel capricho! Na verdade que a ninguem

guem veio ainda ao pensamento, que se haviam de pronunciar com dous sons diversos, duas vogaes em hum diphthongo. Pertendia este Author, por estas contas, que o tal verso se escrevesse e pronunciasse desta sorte: *Da prime-ira co' o terreno seio.* Com estes e semelhantes desatinos concluio o bom Correa, que assim o tinha ouvido ao mesmo Poeta.

Depois da Ediçaõ de Manoel Correa notavelmente se multiplicáram as Ediçóes até aos nossos tempos; e como a má semente pega, e produz com facilidade, em quasi todas ellas se lê este verso com esta mesma alteraçaõ, e com este mesmo vicio. Alguns que quizeram fugir delle, ainda cahíram em erro maior, e depraváram mais aquelle lugar do Poeta, produzindo-o desta maneira: *Com a primeira do terreno seio.* Assim se acha na Ediçaõ de París de 1759., e em outra que posteriormente se fez logo em Lisboa. Mas oxalá que só a este se reduzissem os innumeraveis erros destas duas ultimas Ediçóes! He digno de particular attençaõ, e de muitos louvores, o judicioso Traductor Italiano Carlos Antonio Paggi, porque havendo de passar este Poema para o seu Idioma, senaõ fiou ahi de qualquer exemplar; mas teve a advertencia, e prevençaõ, de procurar hum dos mais certos, e mais correctos, (que soube escolher, merecendo-nos por isso esta especial memoria,) e que lhe désse huma liçaõ a mais legítima, e verdadeira. Da Traducçaõ dos

qua-

quatro versos ultimos desta Estancia o colhemos, que he como se segue:

Che nel Regno hà pur molte, a cui confina
De la madre primiera il terren piano,
Oltre di quelle, che le diè la sorte
Di sommo pregio entro l' Erculee porte.

Naõ se póde certamente dizer outro tanto da traducçaõ Latina, que deste mesmo Poema fez Fr. Thomé de Faria, aliàs benemerito em outros estudos, e em outras Faculdades; pois procurando-se nella este e outros lugares do Poema, em lugar de se achar o que o Poeta escreveo, acham-se cousas que talvez lhe naõ passariam pela imaginaçaõ.

No meio de todas estas desordens, destas negligencias, e destes descuidos typographicos, appareceo no Mundo Manoel de Faria e Sousa, Varaõ (a pezar da inveja, e da malevolencia) verdadeiramente consummado em todo o genero de erudiçaõ; o qual, depois de consumir mais de vinte e cinco annos, como elle mesmo confessa, em trabalho, e estudo, para poder entender e commentar este Poeta; e depois de ter visto e examinado tudo o que podia conduzir para o fim que se havia proposto, deixou assaz provado, e estabelecido, que o verso de que tratamos se devia ler: *Da mãi primeira co' o terreno seio*; visto que o contexto naõ pedia outra cousa; visto ser este modo de dizer proprio do estylo do Poeta; visto que assim se lia na segunda Ediçaõ do Poema;

e

e visto ser esta muito mais estimavel, que a primeira; porque além de ter tambem a assistencia do Poeta, que entaõ se achava já em Lisboa, se observava tinha sahido consideravelmente emendada dos muitos erros, e faltas, que, ou por malícia, ou por ignorancia, lhe tinham deixado ir na primeira. O mesmo que Manoel de Faria practicou com este lugar, observou em outros muitos do Poema, e Rhythmas do mesmo Poeta, restituindo-os á sua primitiva e legítima inteireza, e tirando-os daquelle estado depravado, e corrupto, em que os tinha posto o desleixamento e incuria de Impressores barbaros, e imperítos. Mas que se seguio de todas estas fadigas litterarias, com que Manoel de Faria e Sousa illustrou a este Poeta, e a Patria? Por ventura esses lugares restituidos á sua legítima liçaõ, passáram com a mesma integridade ás Ediçóes que posteriormente se fizeram? *Iterum ad lapidem*. Foram amontoando erros sobre erros, de sorte que em huma das Impressóes, que ultimamente se fizeram em Lisboa, houve curioso, que só no primeiro Canto do Poema numerou cento e tantos erros, entre os quaes (como vimos) havia naõ poucos de versos inteiros.

Naõ nos parece justo molestar o Leitor com mais largos discursos a este respeito; maiormente advertindo-nos a pouca efficacia das nossas palavras, do pouco fructo que tiraremos nesta parte. Certificados disto, contentar-nos-hemos,

já

já que a debilidade das nossas forças nos naõ permitte conseguir outra cousa, com que haja huns poucos, os quaes, reconhecendo este nosso trabalho, ao menos nos louvem o zelo com que sahimos a campo, para pôr na sua devida inteireza o credito do nosso Poeta, tantas vezes arruïnado nos innumeraveis erros de pessimas Ediçóes. Só por fim accrescentaremos, em quanto para a intelligencia do presente lugar, que o que Venus dizia a seu filho, tinha para recreio dos Portuguezes, depois dos immensos trabalhos de huma taõ dilatada e perigosa derrota, era huma das muitas Ilhas, que ella dominava naquelles mares Orientaes, (a que chama Reino, e o he de Neptuno para com os Poetas) que *confinavam com o terreno seio da primeira mãi*. Mais claro; (para ver se de huma vez a ignorancia deixa de ser ignorancia) *que confinavam com o Paraiso Terreal*, onde esteve Eva, primeira mãi do genero humano. Seguia o Poeta a opiniaõ de muitos Authores, e ainda Santos Padres, que fundando-se em algumas razóes de congruencia, se convencêram, e affirmáram, que o Paraïso Terreal fora naquella parte do Mundo, que depois se chamou Asia.

43. Entaõ pudíco. *E impudíco.*

49. Faça quanto a virtude lhe amoesta. *Faça quanto lhe Venus amoesta.*

59. Escondei-vos dos damnos; que co' os bicos. *Entregai-vos ao damno, que co' os bicos.* Fazem

zem na fructa os passaros inicos. *Em vós fazem os passaros inicos.*

O texto dos quatro versos ultimos desta Estancia se ordena desta maneira: *E vós, peras pyramidaes, se quizerdes viver na vossa fecunda planta, entregai-vos ao damno, que com os seus bicos vos fazem os passaros travessos.* Tres figuras Rhetoricas observou o Commentador Faria que o Poeta usára neste lugar; *Apostrophe*, tornando à fallar com as peras; *Prosopopea*, fallando com o insensivel, e inanimado, como se tivera alma; e *Sarcasmos*, especie de ironía picante, dizendo ás mesmas peras que se entregassem ao damno, quando o intento do Poeta era persuadir-lhes que fugissem delle.

76. A fortaleza. *A natureza.*
91. Que Neptuno. *Que Jupiter.*
95. Da fama. *De Venus.*

CANTO X.

4. Nectar. *Ambrosia.*
88. Tremendo. *Turbulento.*
104. Deitada. *Deixada.*

Fim da Parte segunda, e do Tomo primeiro.

ERRATAS.

Na Prefaçaõ.

Pag.	Regr.	Erros	Emendas
5	5	perſoadindo-ſe	perſuadindo-ſe
16	21	dificuldade	difficuldade
57	11	*equiqus*	*è quibus*
142	15	*facto*	*fato*

Na ſegunda Parte.

Pag.	Regr.	Erro	Emenda
108	11	Theris	Tethys

X